



Caderno de resumos
4º Seminário de Estudos do Gótico
Universidade Federal de Santa Catarina

CADERNO DE RESUMOS
4º SEMINÁRIO DE ESTUDOS DO GÓTICO

4 SEG

24 a 27 AGOSTO DE 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UFSC

Florianópolis 2021

COMISSÃO ORGANIZADORA

Docentes

Marcio Markendorf, *Departamento de Artes | Pós-graduação em Literatura*

Daniel Serravalle de Sá, *Departamento de Línguas Estrangeiras | Pós-graduação em Literatura*

Izabela Drozdowska-Broering, *Departamento de Línguas Estrangeiras | Pós-graduação em Literatura*

Clélia M. L. de Mello e Campigotto, *Departamento de Artes | Pós-graduação em Estudos da Tradução*

Maria de Lourdes Alves Borges, *Secretaria de Cultura e Arte*

Discentes

Arthur Rogoski Gomes, *Programa de Pós-graduação em Literatura*

Cristiano dos Passos, *Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução*

Natália Alves, *Programa de Pós-graduação em Inglês*

Rafaela Arienti Barbieri, *Programa de Pós-graduação em História*

Raquel Maysa Keller, *Programa de Pós-graduação em Literatura*

Tobias Nunes Cordova, *Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução*

Vitor Henrique de Souza, *Programa de Pós-graduação em Inglês*

Yasmin Pereira Yonekura, *Programa de Pós-graduação em Inglês*

Comitê Científico

Alexander Meireles da Silva, *Universidade Federal de Goiás*

Aline Dias da Silveira, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Amanda Muniz Oliveira, *Universidade Federal do Pampa*

Anita Lundberg, *Thomas Cook University*

Claudio Vescia Zanini, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Cido Rossi, *Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho*

Eleanor Byrne, *Manchester Metropolitan University*

Enéias Tavares, *Universidade Federal de Santa Maria*

Fernando Monteiro de Barros Júnior, *Universidade Estadual do Rio de Janeiro – in memoriam*

Ilse M. Bussing, *Universidad de Costa Rica*

Jesper Aagaard Petersen, *Norwegian University of Science and Technology*

Jolene Zigarovich, *University of Northern Iowa*

Josalba Fabiana dos Santos, *Universidade Federal de Sergipe*

Juan Pablo Dabove, *University of Colorado Boulder*

Julio França, *Universidade Estadual do Rio de Janeiro*

Justin D. Edwards, *University of Stirling*

Lina X. Aguirre, *Moebius Animación*

Luciana Moura Colucci, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*

Sandra Mina Takakura, *Universidade do Estado do Pará*

FICHA TÉCNICA

Diagramação

Daniel Serravalle de Sá

Núcleo Interdisciplinar de Estudos Góticos | NIGHT
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão | Bloco B | Sala 120
Campus Universitário | Trindade | 88010-970 | Florianópolis | Santa Catarina
E-mail: d.serravalle@ufsc.br | Fone: +55 (48) 3721-9455

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

S471c Seminário de Estudos do Gótico (4. : 2021 : Florianópolis)
Caderno de resumos [recurso eletrônico] : 4º Seminário de Estudos do
Gótico / organizador, diagramador, revisor: Daniel Serravalle de Sá. –
Florianópolis : UFSC, 2021.
145 p.

E-book (PDF)

ISBN 978-65-87206-82-0

1. Ficção gótica (Gênero literário) – Congressos. I. Sá, Daniel Serravalle
de. II. Título.

CDU: 82(082.2)

Elaborada pelo bibliotecário Fabrício Silva Assumpção – CRB-14/1673

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio salvo mediante expressa autorização por escrito dos organizadores.

“He put several questions to them, but was answered only by signs.”

- Narrador, *The Castle of Otranto*, capítulo 3

SUMÁRIO

PREFÁCIO	14
APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA	15
MESAS-REDONDAS E CONFERÊNCIAS	16
APRESENTAÇÕES	20
O gótico no século XXI: contos sombrios de Basile invadem as telas do cinema	
Adriana Aparecida de Jesus Reis	
Inessa Rosa de Amorim.....	21
Releitura da peste em <i>O sétimo selo</i>	
Adrienne Peixoto Cardoso	22
Sons do medo: o horror nos audiolivros	
Alexia da Luz Rodriguez	23
Tendências góticas: a racionalidade humana e os fantasmas de Carlyle e Joyce	
Aline Cristina da Silva	24
A permissividade da barbárie moderna em <i>É isto um homem?</i>, de Primo Levi	
Aline de Fátima Camargo da Silva.....	25
Mise-en-scène na TV: sobre o uso da iluminação e cores na caracterização da criatura no seriado <i>Penny Dreadful</i>	
Aline Oliveira do Nascimento.....	26
O mal nos filmes de George Romero e na franquia de videogame <i>Resident Evil</i>: a monstruosidade policial em narrativas de zumbi	
Alisson Preto Souza.....	27
“Metzengerstein”: uma abordagem psicanalítica	
Amanda Leonardi de Oliveira	
Elaine Barros Indrusiak	28
O jardim como paisagem do medo em “A mão no ombro”, de Lygia Fagundes Telles	
Amanda Letícia Falcão Tonetto.....	29
Eu sou uma maldita força da natureza: horror corporal e os corpos femininos em <i>Possuída</i> (2000), <i>Garota Infernal</i> (2009) e <i>Grave</i> (2016)	
Amanda Rauber Rita	30
Aubrey Beardsley e Cornélio Pena	
Ana Resende	31
Quando o gótico e o feminino se encontram: <i>The Stepford Wives</i> no cinema e a tradução do apagamento da mulher	
Ana Beatriz Tavernard Fernandes.....	32
A tradição literária gótica em Humberto de Campos	
Ana Carolina Moraes da Silva	33

Crimes, insólito e horror: as facetas da violência em <i>Nuestra Parte de Noche</i> (2019), de Mariana Enríquez	
Ana Lúcia Trevisan	
Daniele Ap. Pereira Zaratín	34
O entrecruzar do grotesco, do fantástico e do gótico na configuração do horror em “The Mask of the Red Death”	
Ana Maria Zanoni da Silva	35
Confinamento e loucura na literatura feminina do século XX	
Ana Paula A. dos Santos	36
<i>O Monge</i>, de Matthew Lewis e o sopro do maravilhoso: a leitura surrealista do gótico	
Anderson da Costa	
Elys Regina Zils	37
Lendas e tradições em “As capas do diabo”: lendo Cora Coralina para alunos do ensino fundamental	
Andressa Dias Vaz	38
Tradução e pesadelo em “O Demônio”, de Mikhail Lérmontov	
Andressa Furlan Ferreira	39
A morte no filme <i>Midsommar</i>	
Andrey Kolling Lehnemann	40
Um estudo da articulação do gótico e do fantástico no conto “Os olhos que comiam carne” (1932), de Humberto de Campos	
Andreza Braga Modesto	41
Bocortorta, um <i>ghoul</i> brasileiro: adaptações e influência do folclore anglo-arábico em Monteiro Lobato	
Arthur Aroha Kaminski da Silva	42
Retratos góticos de Dorian Gray na série televisiva <i>Penny Dreadful</i>	
Auricélio Soares Fernandes	43
Monstruosidade <i>queer</i> em <i>Invisible Monsters</i>	
Bruna Miskinis Salgado	44
Os espaços topofóbicos da lepra na literatura sertanista	
Bruno Silva de Oliveira	45
Cláudia: representações da menina vampira no romance <i>Entrevista com o Vampiro</i>	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Emílio Soares Ribeiro	46
Os fantasmas de Virginia Woolf	
Carla Lento Faria	47
A dança macabra de Ferdinando Gorè como símbolo da elaboração da morte na arte gótica	
Carolina de Castro Wanderley	48
Corpos expostos em almas trancafiadas: o feminino e o gótico em dois filmes de Walter Hugo Khouri	
Carolina de Oliveira Silva	49

O gótico português: (re)leitura de “A Caveira”, de Camilo Castelo Branco	
Carolina Freitas Pimenta Peres	50
Mariana Enríquez e o gótico urbano na América Latina	
Carolina Severo Figueiredo	51
“Muitas vezes, choro quando estou feliz e sorrio quando estou triste”: a exposição das convenções do gótico feminino em <i>A Senhora de Wildfell Hall</i> (1848), de Anne Brontë, e em <i>O Morro dos Ventos Uivantes</i> (1847), de Emily Brontë	
Caroline Navarrina de Moura	52
Elementos do gótico na contística de Amparo Dávila: uma análise sobre o aprisionamento feminino, no conto “El Huésped”	
Daisy da Silva César	
Luciane Alves.....	53
Araripe Júnior contra Cosme Velho: gótico e decadência em <i>Miss Kate</i> (1909)	
Daniel Augusto Pereira Silva	54
As faces da lara	
Daniele Mendes Sousa	
Danielle da Silva Rodrigues	55
Pennywise e bicho papão: medo e configuração de personagens	
Danielle Alves dos Santos	56
Zé do Caixão sob a ótica das tragédias gregas: o “herói” de <i>À meia-noite levarei sua alma</i>	
Dennis da Silva Dias	57
“Momma, please listen! It wasn’t my fault!” – o arquétipo da mãe terrível como manifestação do mal em <i>Carrie</i> de Stephen King	
Diorgi Giacomolli.....	58
Os fantasmas sociais de <i>Parasita</i>	
Dudlei Floriano de Oliveira	59
A aclimação do vilão gótico para o Brasil Colonial em <i>A emparedada da Rua Nova</i>, de Carneiro Vilela	
Edson José Rodrigues Júnior	60
O gótico e o sublime na escrita esquecida de Galdino Pinheiro	
Eduardo da Rocha Marcos	61
A história no terror e o terror na história: uma leitura de “A Bruxa”, de Robert Eggers	
Eduardo de Faria Carniel.....	62
O gótico tropical e o <i>locus horribilis</i> em <i>Noite na taverna</i>, de Álvares de Azevedo	
Elisa Hübner Alves	
Morgana Wittmann Lanzarin	63
A loucura e a imaginação em <i>Fran Bow</i> – quatro leituras possíveis	
Elisa Silva Ramos	64

“A morte está aqui, e a morte está ali; por toda a parte a morte está ocupada”: paisagens cemiteriais em <i>O Prazer</i>, de Gabriele D’Annunzio	
Fabiano Dalla Bona	65
Cadernos dos Horrores: o profano encontro entre marxismo e gótico na formação crítica da educação básica	
Fábio Alexandre Tardelli Filho.....	66
A violência, o racismo e o sagrado: o gótico em contos de Flannery O’Connor	
Fernanda Aquino Sylvestre	67
A corrupção do arquétipo feminino no gótico presente na obra <i>Senhorita Christina</i>, de Mircea Eliade	
Fernanda da Cunha Correia	
Giovanna Suleiman das Dores	68
Senhora ou bruxa? A caracterização de Morwen como bruxa pela visão de personagens masculinas em Tolkien	
Fernanda Dalben de Freitas	69
O vilão gótico em produções brasileiras do século XIX	
Fernanda Martinez Tarran	70
Monstros às margens em narrativa “weird”	
Franciane Lima Sousa.....	71
Entre o gênese do medo e os campos mortíferos: o plasma do delírio em <i>Drácula</i>, de Bram Stoker	
Francisca Júlia da Silva Soares.....	72
“O prisioneiro dos <i>shedins</i>”, uma descida ao submundo de Olam	
Francisco de Assis Ferreira Melo.....	73
Vislumbres e delírios sombrios: o gótico brasileiro em <i>O Despertar da Besta</i>, de José Mojica Marins	
Gabriel da Fonseca Mayer	74
A monstruosidade feminina como ordem natural	
Gabriela Carlos Luz.....	75
“He dug up a fairy-mount against my advice, and had no luck afterwards”: <i>Castle Rackrent</i> e os diálogos entre o folclore irlandês e o gótico na ficção de Maria Edgeworth	
Gabriele Cristina Borges de Morais	76
Mulheres monstruosas: o lugar de exclusão (e empoderamento) do ser feminino no folclore brasileiro	
Giovana Guimarães Gonzaga	77
Aristocracia e bárbarie na obra de Bram Stoker: relatório de uma pesquisa em curso	
Guilherme Alfradique Klausner.....	78
Do horror ao pêndulo ao martírio da psique: a angústia hemorrágica na contística de Edgar Allan Poe	
Guilherme Ewerton Alves de Assis.....	79
O regionalismo gótico de Coelho Neto	
Gustavo Krieger Vazquez	80

A presença do fantástico no conto africano “O homem e o crocodilo”, de Amadou Hampâté Bâ Helenice Christina Lima Silva	81
O fantástico e a metaficção em <i>A lenda da meia-noite</i> (1874), de Pinheiro Chagas Jean Carlos Carniel	82
<i>Christabel</i> (2018): a relação entre o gótico e o cinema brasileiro de horror contemporâneo Jéssica Patrícia Soares	83
Os espaços de Shirley Jackson: deslocamentos femininos nas obras <i>The Daemon Lover</i> e <i>The Villager</i> Jéssica Paula Szewczyk Garcia.....	84
A inexorabilidade do medo cósmico: <i>Revival</i>, de Stephen King, e a promessa irrealizável do sublime João Pedro Bellas	85
Do livro para o game: uma análise da ficção científica <i>Metrô 2033</i> (2010), de Dmitry Glukhovsky Jucélia de Oliveira Martins.....	86
“Os crisântemos”, de Gabriele D’Annunzio: a estetização do horror Júlia Ferreira Lobão Diniz	87
Fantástico, gótico e ficção científica: perspectivas para o ensino de literatura Karla Menezes Lopes Niels.....	88
Deusas, santas e monstros: o feminino terrível em <i>Fronteira</i>, de Cornélio Penna Lais Alves	89
Erzsébet Báthory: o poder inumano da mulher no século XVI Laís Cristina Paris.....	90
A floresta como espaço do medo em <i>O mensageiro</i>, de Lois Lowry Léa Evangelista Persicano	91
William Beckford em Portugal: impressões de uma aventura amorosa Leonardo de Atayde Pereira	92
A raiz de todo mal: tradição e subversão no Monstro do Pântano, de Alan Moore Leonardo Pogliã Vidal	93
Monstruosidade feminina em “A nevrose da cor”, de Júlia Lopes de Almeida Lucélia Magda Oliveira da Silva.....	94
Machado de Assis e Murilo Rubião: reflexos insólitos Luciana Morais da Silva.....	95
Os espaços do gótico em “La Morte amoureuse” (1836), conto fantástico de Théophile Gautier Luísa Freire Laís Marx Umpierre.....	96
Vítimas e monstros: como <i>Penny Dreadful</i> reinventa as personagens femininas em <i>Drácula</i> Luísa Gappo Lacombe	97
A fêmea do monstro: a figura feminina do boto no conto “O que matou João Paca”, de Arthur Engrácio Maison Antonio dos Anjos Batista	98

Imagem de horror: uma análise a partir de <i>O pesadelo e Saturno</i>	
Marcel Angelo Timon Frias	99
O fantástico realista de Barbey d’Aurevilly: uma breve leitura de <i>Une vieille maîtresse</i> [Uma antiga amante]	
Maria Clara Ferreira Guimarães Menezes	100
Perversidade e sublimidade: a literatura gótica de Edgar Allan Poe, em “The imp of the perverse”	
Mariana Henrique da Silva	101
Cuidando dos monstros do antropoceno: novas perspectivas para outros futuros possíveis em <i>Borne</i>, de Jeff Vandermeer	
Marina Pereira Penteadó	102
Gótico e Lúcio Cardoso: um percurso pelas novelas do autor	
Marina Sena	103
A face do fantástico em “A mulher pálida”, de Machado de Assis	
Maylah Longo Gonçalves Menezes Esteves	104
Topoanálise e mitologia na composição do duplo Gullum: o espelho do espaço de Tolkien	
Milena Lourenço da Silva	105
A metamorfose do eu nos contos de Edgar Allan Poe	
Murilo Cavalcante Alves	106
Horrores (des)aparecidos em “A casa de Adela”, de Mariana Enriquez	
Nadege Ferreira Rodrigues Jardim	107
O diabo veste rosa: Dolores Umbridge e a monstruosidade	
Natália Alves	108
Uma análise do cientista Crake: <i>Oryx e Crake</i> e o papel da classe científica na aniquilação da humanidade	
Natália Pacheco Silveira	109
Keziah Mason: a bruxa cientista de H. P. Lovecraft	
Nathalia Sorgon Scotuzzi	110
A manifestação do sublime no conto “Wood”, da autora canadense Alice Munro	
Óise de Oliveira Mattos Bazzoli	111
Arretado golpe de horror: oralidade e performance em <i>Maldito Sertão</i>, de Márcio Benjamin	
Oscar Nestarez	112
“Androides sonham com ovelhas elétricas?” – um convite à releitura baseado nos conceitos de <i>homo faber</i> e <i>homo pictor</i>	
Osires de Araújo Silva Filho	113
Lestat de Lioncourt: o vampiro edipiano	
Patricia Hradec	114
O fantasma em <i>Murther and Walking Spirits</i>: reflexões sobre o gótico e o pós-colonial	
Pedro da Silva Pontes Neto	115

Elfos através dos séculos: eco-horror e o monstruoso élfico na poesia em língua inglesa	
Rafael Silva Fouto.....	116
“Satã vive!”: <i>O bebê de Rosemary</i> e o horror no século XXI	
Rafaela Arienti Barbieri.....	117
Canibalismo em <i>A narrativa de Arthur Gordon Pym of Nantucket</i>, de Edgar Allan Poe	
Raquel Maysa Keller.....	118
As representações monstruosas da pandemia na literatura contemporânea	
Rebeca Joicy Pantoja dos Santos.....	119
Nas margens do nacionalismo literário: vestígios do gótico na imprensa piauiense oitocentista	
Reinaldo Lucas Nobre de Matos	
Natália Gonçalves de Souza Santos.....	120
A influência da cruzada anticomunista e macartismo nos quadrinhos de crime e horror dos anos 1940 e 1950	
Rodrigo Cardoso Polatto.....	121
Os aspectos do gótico em “O espelho”, de Machado de Assis	
Rodrigo Molon de Sousa.....	122
Encontrando Sr. Hyde: um estudo psicanalítico de monstruosidades a partir do abjeto	
Rosana Ferrari Pandim Lisboa Teixeira	
Priscilla Melo Ribeiro de Lima.....	123
Gótico Afroamericano no romance <i>Home</i>, de Toni Morrison	
Rosana Ruas Machado Gomes	
Gabriela Pirotti Pereira.....	124
Cultura popular japonesa – mangá: as diferentes representações da imagem do yōkai em <i>YuYu Hakusho</i>, de Yoshihiro Togashi	
Samara Souza da Silva.....	125
A casa: espaço de afeto e terror na literatura gótica	
Sandra Helena Andrade de Oliveira.....	126
Elementos góticos em <i>Torto Arado</i>, de Itamar Vieira Junior	
Shirley de Souza Gomes Carreira.....	127
Jerônimo Monteiro: ficção científica brasileira nos anos 1950	
Silvio Tamaso D’Onofrio	
Taís Diniz Martins.....	128
Narrativas lovecraftianas e a construção do horror cósmico	
Stefany Pereira Schumacher.....	129
O gótico em <i>Providence</i> (2015), Alan Moore e Jacen Burrows	
Stephani C. Neto Nascimento.....	130
<i>His House</i> e as diferentes faces do horror	
Tainara Ribeiro Corrêa.....	131
O monstro social: figurações perversas no cotidiano atroz de Rubem Fonseca	
Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães.....	132

As faces de um crime: um olhar sobre o <i>ready-made</i> no conto policial brasileiro	
Taynara Leszczynski	133
Interseções entre o gótico e a narrativa criminal em “A quadrilha de Jacob Patacho”, de Inglês de Sousa	
Thais Giardinieri Carneiro Martins.....	134
Figurações do horror e do gótico na protoficção científica de Humberto de Campos	
Thalita Ruth Sousa	135
O detetive metafísico e os demônios do espaço insondado: uma análise dos vínculos metafóricos entre <i>True Detective</i> e a <i>weird fiction</i>	
Ubirajara Lopes da Cunha Junior	136
Um detetive sobrenatural em ação: os primeiros casos de Jules de Gradin de Seabury Quinn	
Vanessa Cianconi	137
A marcação do tempo em “Uma gota” e “O capote” de Dino Buzzati	
Vanessa Matiola.....	138
Uma leitura crítica da obra <i>O castelo de Otranto</i>, de Horace Walpole	
Vanessa Nascimento Ramos	139
“O passeio de balão”, ou o fantástico como forma do subjetivo	
Vinícius Santos Loureiro.....	140
Entre a loucura e o sobrenatural: a construção de Annie Graham como personagem não confiável em <i>Hereditário</i>	
Vitor Fernandes.....	141
Hammer films: o protótipo da <i>final girl</i> em <i>Drácula</i>	
Vitor Henrique de Souza	142
<i>Locus horribilis</i> em “O décimo terceiro andar”, de Agnaldo Rodrigues da Silva	
Wellington Oliveira de Souza	
Helvio Gomes Moraes Junior	143
A influência da tópica gótica dos <i>loci horribiles</i> em Eça de Queirós	
Xênia Amaral Matos.....	144
Análise de <i>Úrsula</i>: a voz da mulher e do negro no gótico feminino de Maria Firmina dos Reis	
Yolanda Maria da Silva	145

PREFÁCIO

No futuro, talvez a pandemia não seja vista como o principal assunto do século XXI, uma vez que muitos acontecimentos ainda estão por vir nos próximos decênios, todavia, para nós que vivemos o tempo presente, o assunto é, para dizer o mínimo, inevitável. O vírus não é mais uma metáfora para invasões alienígenas, como em muitos filmes estadunidenses de ficção científica produzidos na década de 1950, ou uma designação simbólica para *malwares* intencionalmente projetados para causar danos nos computadores. As mentes teóricas podem até criar analogias góticas sobre o vírus, este microrganismo invisível, parasitário e infeccioso, meio orgânico meio inorgânico, que não se sabe ao certo se está vivo, mas tampouco está morto e que precisa invadir outra célula para replicar o seu DNA. O fato, agora, é que o vírus se tornou uma triste realidade que nenhuma ficção ou teoria gótica pode chegar perto de exprimir, justificar, lecionar. Nesse momento, a combinação de circunstâncias influi de um modo inelutável e o sentimento é de pesar.

Nós adiamos a realização do Seminário em agosto 2020, na esperança de que a pandemia não se prolongasse e permitisse a realização do evento em Florianópolis – led o engano. Há mais de um ano persiste uma ampla circulação do novo coronavírus, o Sars-Cov2, causador da covid-19 pelo mundo. Embora a vacinação esteja em andamento em muitos países, os efeitos em uma população planetária não são imediatos. No Brasil, as táticas de enfrentamento da pandemia adotadas até o momento são de pouca eficácia, haja vista o número crescente de contágios e óbitos, o que não permite, ainda, o planejamento de qualquer evento presencial com a devida responsabilidade. A Universidade Federal de Santa Catarina decidiu que as atividades continuarão sendo integralmente remotas em seus *campi* ao longo desse ano.

Em função desse quadro, em 2021, a organização do 4SEG decidiu remodelar o evento para que este possa acontecer de forma online. Sendo assim, toda a programação foi redesenhada e as informações foram divulgadas em nossos canais de comunicação: página institucional, Facebook e Instagram. A fim de comportar o evento no formato online, sem que se torne uma experiência exaustiva em frente a um computador, estendemos a programação para quatro dias e intervalamos as mesas, apresentações e as outras atividades para criar os espaços necessários para encontros virtuais confortáveis. Nossa vontade era receber todos e todas em Florianópolis para esse evento que já está se tornando uma referência na área, mas ficamos apenas no desejo. No entanto, algo que nos deixou realizados foi o comparecimento maciço de pesquisadores, jovens e experientes, de norte a sul do Brasil, atuantes no Ensino Superior e na Educação Básica. Isso demonstra que longe de ser um tipo de narrativa antiquada e empoeirada, o interesse pelo gótico é algo atual e crescente.

Cordialmente,
Comissão organizadora

APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

O panorama de estudos de narrativas de horror transformou-se significativamente nos últimos anos, afastando-se de uma posição marginal no campo da crítica para ocupar um lugar mais próximo ao centro. O horror deixa de ser percebido apenas como literatura de massas, um produto de consumo, e começa a ser desmontado, em sua maquinaria, como um potente campo de discussão política e estética.

Vertentes da crítica reflexiva, por exemplo, demonstram o aumento de produção e consumo de narrativas horroríficas em contextos de instabilidade política. Os monstros, nesse cenário, acabam por metaforizar os terrores acerca da possibilidade de ameaças individuais e/ou coletivas. Ficções científicas das décadas de 1950-1960, em franca associação com a catástrofe e o horror, colocavam em movimento criaturas invasoras e dominadoras, dispostas à destruição local ou global. Por sua vez, histórias de horror dos anos 1970, situadas no espaço urbano e prosaico, imprimiam no imaginário uma percepção de proximidade do perigo. O gótico, nada alheio a esse movimento, assume um aspecto proteico de apresentação.

A abordagem crítica é bastante diversa — há os que considerem o gótico um gênero, um modo narrativo, um estilo, um movimento. Tal fecundidade também pode ser percebida nos olhares que percebem o gótico em outros tipos de espacialidades, situadas fora do contexto inaugural, isto é, da topografia do medievo europeu representada por castelos, abadias e construções arruinadas. Há estudos que investem em leituras do gótico em contextos rurais, a partir de narrativas que se desenrolam em fazendas e espaços interioranos, antes tidos como bucólicos. Outras frentes demonstram o modo como a floresta tropical e sua natureza sublime deixam de ser meramente contemplativas, fonte de prazer para os românticos, para tornar-se um vetor de crimes sombrios. Não se pode esquecer, ainda, da perspectiva colonial, que constrói e identifica o gótico em cenários nacionalistas. Resta saber se na esteira das novas configurações e concepções críticas do horror, o gótico também estaria criando aderência às ideias de uma categoria pós-gótica.

O Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico – CNPq, criado em 2014, procurando fertilizar ainda mais os estudos e os debates em torno do gótico, promoverá na Universidade Federal de Santa Catarina, com apoio do Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLit) e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Góticos (NIGht), o 4º Seminário de Estudos do Gótico (4SEG), acontecerá de 24 a 27 de agosto de 2021 de forma online.

MESAS-REDONDAS E CONFERÊNCIAS

Conferência de abertura

O vírus como monstro

Luiz Nazário (Universidade Federal de Minas Gerais)

Professor Titular da Escola de Belas Artes e do Programa de Pós-graduação em Artes

Mediação: Marcio Markendorf (Cinema | Pós-graduação em Literatura – UFSC)

Mesa 1: Horrores em cena: ópera, teatro e cinema

“Das Unheimliche”: o estranho e o infamiliar em “Frankenstein”

Alberto Andrés Heller (Camerata Florianópolis)

Corpos abjetos: materialidades do horror no cinema

José Claudio Siqueira Castanheira (Cinema – UFSC)

Grotescas e horríveis: a contribuição das máscaras do Nô no pensamento teatral de Vsevolod Meyerhold

Paulo Ricardo Berton (Artes Cênicas | Pós-graduação em Literatura – UFSC)

Moderação: Cristiano dos Passos (Letras Português e Inglês | Pós-graduação em Estudos da Tradução – UFSC)

Mesa 2: Cinema de horror contemporâneo

Horror, Religiosidade e Espiritualidade (2017-2021)

Claudio Vescia Zanini (Letras Inglês | Pós-graduação em Letras – UFRGS)

O papel da encenação na construção do horror nos filmes de Ari Aster

Ana Maria Acker (Jornalismo – ULBRA)

O homem invisível (2020): a releitura feminista de um clássico do horror

Marcio Markendorf (Cinema | Pós-graduação em Literatura – UFSC)

Moderação: Rafaela Arienti Barbieri (História | Pós-graduação em Literatura – UFSC)

Mesa 3: Os conceitos do Gótico: aproximações e divergências

Gótico Brasileiro: uma irresistível contradição em termos

Júlio França (Letras | Pós-graduação em Letras – UERJ)

O Gótico: uma História (da vampirização, talvez...)

Cido Rossi (Letras Inglês – Unesp | Pós-graduação em Estudos de Literatura – UFSCar)

Moderação: Raquel M. Keller (Letras | Pós-graduação em Literatura – UFSC)

Mesa 4: Insólito ficcional: diálogos e fronteiras

O termo-conceito insólito ficcional recobre...

Flávio García (Letras | Pós-graduação em Estudos de Literatura – UERJ)

Insólito no cinema contemporâneo: tendências

Cynthia Beatrice Costa (Tradução | Pós-graduação em Estudos Literários – UFU)

Contos de fadas: leituras e recontos contemporâneos

Regina Michelli (Letras – Pós-graduação em Estudos da Literatura – UERJ)

Moderação: Tobias Nunes Cordova (Artes Cênicas | Pós-graduação em Estudos da Tradução – UFSC)

Mesa 5: Expressionismo alemão e o horror

Lovecraft no cinema e o expressionismo alemão: traduções do insólito e do medo cósmico

Emílio Soares Ribeiro (Letras Inglês – UERN)

As metrópoles expressionistas de Fritz Lang e Ridley Scott

Clélia Maria Lima de Mello e Campigotto (Cinema | Pós-graduação em Estudos da Tradução – UFSC)

Expressionismo alemão: estetização da hecatombe

Donny Correia da Silva (Abraccine | ABCA | Portal Cinemascope)

Moderação: Andrey Lehnemann (Online Film Critic Society | Pós-graduação em Literatura – UFSC)

Mesa 6: Mulheres na literatura gótica

Virgínia Woolf flanando pelas sendas góticas

Luciana Moura Colucci (Letras Inglês – UFTM)

Anjos, demônios ou vampiras: as mulheres na obra de Edgar Allan Poe

Renata Philippov (Letras Inglês | Pós-graduação em Letras – UNIFESP)

Lua em eclipse: repensando o lugar de Mary Shelley para além de Frankenstein

Jaqueline Bohn Donada (Letras Inglês – UTFPR)

Moderação: Jéssica Soares Lopes (Letras Inglês | Pós-graduação em Inglês – UFSC)

Mesa 7: Ficção utópica, distópica e pós-apocalíptica

A utopia de “A Rainha do Ignoto” no cenário distópico finissecular brasileiro

Alexander Meireles da Silva (Letras inglês | Pós-graduação em Letras – UFG)

Visões da distopia: três adaptações de “1984”, de George Orwell

André Cabral de Almeida Cardoso (Letras inglês | Pós-graduação em Estudos de Literatura – UFF)

Entre ruínas: o repertório imagético do pós-apocalipse

Pedro Puro Sasse da Silva (Letras | UFF)

Moderação: Vitor Henrique de Souza (Letras | Pós-graduação em Inglês – UFSC)

Mesa 8: Encantadas e monstras: o gótico amazônico

As monstras amazônicas: heterotopias e encantarias

Marisa Martins Gama-Khalil (Letras | Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – UFU)

Diálogos insólitos da narrativa cinematográfica Matinta (2010)

Suellen Cordovil da Silva (Letras Inglês – UNIFESSPA)

Outras águas, outros rios: influências do gótico amazônico em Bernardo Guimarães e Augusta Faro

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (Letras | Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – UFCAT)

Moderação: Natália Alves (Letras | Pós-graduação em Inglês – UFSC)

Conferência de encerramento

Pagan Gothic: the horrors and comforts of ritual

Ilse Marie Bussing (Universidad de Costa Rica)

Professora da *Escuela de Lenguas Modernas* e da *Maestría Académica en Literatura Inglesa*

Mediação: Daniel Serravalle de Sá (Literatura | Pós-graduação em Literatura – UFSC)

APRESENTAÇÕES

O gótico no século XXI: contos sombrios de Basile invadem as telas do cinema

Adriana Aparecida de Jesus Reis
Mestranda em Letras – IBILCE/UNESP

Inessa Rosa de Amorim
Doutoranda em Letras – IBILCE/UNESP

A atmosfera sombria eleva o suspense das narrativas góticas, assim como o obscurantismo e o sobrenatural, elementos recorrentes e formadores do que conhecemos como o gótico na atualidade. Esse meio de expressão surge na literatura romântica do século XVIII frente ao ideário iluminista da época. A partir desse contexto, surgem várias obras literárias que foram remodeladas ao passar do tempo. O século XX estabeleceu uma sólida colaboração entre a literatura e o cinema, tendo no gótico, no fantástico e na ficção científica algumas de suas formas mais relevantes e populares. Assim, na presente proposta, pretendemos analisar como o gótico estabelece interseções e confluências com diversos elementos do fantástico em duas versões fílmicas italianas, ambas inspiradas em *Lo cunto de li cunti* (O conto dos contos), originalmente publicado entre 1634-36, do escritor napolitano Giambattista Basile (1575-1632): *Il racconto dei racconti* (2016) e *Gatta Cenerentola* (2017). *Il racconto dei racconti*, também lançado com o título de *The tale of tales* com direção do italiano Matteo Garrone, não só estabelece uma articulação entre três contos de fadas da primeira jornada do livro, mas também entre o gótico e o grotesco. Assim com o produtor de *Il racconto dei racconti*, o grupo de cineastas italianos que produziram *Gatta Cenerentola*, encabeçados por Alessandro Rak, selecionaram o conto de fadas homônimo da primeira jornada da obra de Basile, adaptando-o, porém, sob a forma de animação futurista a qual faz uma confluência entre o gótico e a ficção científica. A fim de investigar tais adaptações, serão utilizadas teorias dos estudos de Lovecraft (2008), Philippov (2019), Michelli (2018), Eco (2007), Todorov (2010) e Broderick (2005).

Palavras-chave: gótico, Giambattista Basile, contos de fadas, *Il racconto dei racconti*, *Gatta Cenerentola*.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Releitura da peste em *O sétimo selo*

Adrienne Peixoto Cardoso
Mestranda – UFPel

O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida no Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade (POIEMA) na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e tem por objetivo analisar o filme sueco *Det Sjunde Inseplet (O Sétimo Selo, 1956)*, de direção de Ingmar Bergman. A narrativa fílmica apresenta o retorno de um Cruzado a sua terra depois de lutar durante 10 anos nas Cruzadas, e a encontra tomada pela peste. A morte é utilizada como uma alegoria no filme, no qual assume uma forma humana, jogando xadrez com o Cruzado como uma aposta para que este viva por mais tempo, enquanto refletem sobre a vida, o pós-vida. No filme, enquanto os personagens caminham em direção ao castelo do Cruzado, podemos ver os corpos de pessoas que foram mutilados pela Peste Bubônica, as ações religiosas para o fim da pandemia (as procissões – que, na verdade, só espalhavam ainda mais o vírus), e a cultura da morte, as pessoas estavam acostumadas com a situação da desolação humana, com a vivência do luto, a morte é quase banal. Os personagens são distintos, há pobres e ricos, e a morte é o catalizador que coloca a todos no mesmo patamar. O filme é considerado do gênero cinematográfico drama, mas a pretensão é refletir sobre os aspectos dessa desolação da sociedade por conta da doença e da morte inevitável, além de trabalhar com a peste representada no filme, pretendemos pensá-lo como um filme gótico e a sua construção nos anos 50 como resultado da sociedade do pós-guerra. Nesse sentido, analisaremos como Bergman rerepresenta a peste como um espaço possibilitador de discussões acerca do horror ao desconhecido.

Palavras-chave: filme, gótico, morte, pandemia, peste bubônica.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

Sons do medo: o horror nos audiolivros

Alexia da Luz Rodriguez
Graduada em Publicidade e Propaganda – ULBRA

A proposta tem como principal objetivo compreender de que forma o horror é construído nos audiolivros. Inicialmente é feito um levantamento do uso do som em narrativas do gênero no teatro, no cinema, no rádio e nos podcasts, seguido de uma identificação dos possíveis padrões sonoros existentes. A linguagem radiofônica também é estudada para ser entendido o paralelo entre esse meio antecessor e os audiolivros. Para falar sobre o horror no áudio, os principais autores utilizados são Laura Cánepa (2008), Danielle Hancock e Leslie McMurtry (2017) e Rodrigo Carreiro (2011). Já os autores Mario Kaplún (2017) e Juliana Albano Silva (1999) colaboram para o entendimento da linguagem radiofônica. A análise identifica de forma individual e conjunta os elementos sonoros presentes em *Bird Box* (2014) e *The Only Good Indians* (2020). Nos audiolivros contemporâneos, o uso da interpretação de voz e do silêncio se destaca durante a narração, deixando de fora os elementos sonoros e musicais. Portanto, esse novo método simula a leitura falada, remetendo à experiência individual do leitor com a obra.

Palavras-chave: horror, audiolivros, som, literatura, comunicação.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Tendências góticas: a racionalidade humana e os fantasmas de Carlyle e Joyce

Aline Cristina da Silva
Mestranda em Estudos Literários – UEM

O intuito do presente trabalho é fazer uma leitura dos fantasmas descritos nos microcontos *Um fantasma autêntico* (1834), de Thomas Carlyle, e *Definição de fantasma* (1921), de James Joyce. Verificaremos os eventos dos contos através da perspectiva gótica, focando em suas ambientações e ensejos, e, para isso, nos basearemos em Menon (2007) e Smith (2007). Esta discussão nos abrirá alas para podermos discutir as ideias de Briggs (2012) acerca das “explicações fantasmagóricas” e a racionalização das aparições sobrenaturais no texto de origem gótica. Ademais, argumentaremos ao que diz respeito as atribuições de significado às palavras *spirit*, *ghost* e *phantom*, em inglês, abrangendo os questionamentos deixados por Brooke-Rose (1983) ao longo de seu livro *A Rhetoric of the Unreal: Studies in narrative and structure, especially of the fantastic*. Acreditamos que, com esta conjectura, abrangeremos os horizontes dos estudos do gótico em relação à racionalidade humana associando-a aos eventos sobrenaturais que a cerca.

Palavras-chave: gótico, fantasmas, sobrenatural, racionalidade.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

A permissividade da barbárie moderna em *É isto um homem?*, de Primo Levi

Aline de Fátima Camargo da Silva
Graduanda – UAELL/UFCAT

Muito além de uma autobiografia ou lembrança de tempos distópicos e sombrios, a obra *É isto um homem?*, publicada inicialmente em 1947 pelo sobrevivente de Auschwitz Primo Levi (1919-1987), testemunha não somente o que o homem pode fazer com o próprio homem, como também, coloca-nos a par acerca de um dos mais tenebrosos períodos da Idade Moderna, a saber: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que por seu turno, é considerada como uma das mais sanguinolentas da História. Ademais, o autor relata como o silêncio da sociedade mundial contribuiu e, igualmente, permitiu para que o ditador nazista Adolf Hitler (1889-1945) arquitetasse ao longo desse período a criação de campos de concentração destinados ao extermínio em massa de judeus, ao massacre de outras minorias e o aniquilamento de demais pessoas contrárias ao governo nazista. Levi nos mostra almas humanas vulneráveis, à mercê do poder e capazes de provocar atrocidades pseudo racionais, crimes e maldades imensuráveis, aproximando-nos, assim, das tradicionais narrativas góticas do século XVIII que não com pouca frequência traziam em seus enredos temas como poder, desmandos e opressão. Desse modo, o presente trabalho propõe explanar como a Literatura tornou-se um recurso poderoso para que Levi pudesse dar voz a milhares de vítimas e sobreviventes que juntamente com ele vivenciou e experimentou tanto fisicamente quanto psicologicamente as consequências irreparáveis e inigualáveis dessa moderna “barbárie civilizada”. Para isso, a fundamentação teórica será embasada e apresentada nas contribuições teóricas de Delumeau (2009), Tzvetan Todorov (2010), Theodor W. Adorno (1995), Zygmunt Bauman (1998), Maria Luiza Tucci Carneiro (2002). * Orientação: Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (UAELL/UFCAT).

Palavras-chave: Holocausto, antissemitismo, barbárie moderna, literatura.

Eixo temático: Crimes e maldades.

Mise-en-scène* na TV: sobre o uso da iluminação e cores na caracterização da criatura no seriado *Penny Dreadful

Aline Oliveira do Nascimento
Graduanda – PIVIC/UEPB

Através da linguagem cinematográfica é possível inserir novos significados a determinados personagens e/ou cenários que ajudam a construir a narrativa audiovisual. Nesse sentido, esse estudo tem como objetivo analisar como a *mise-en-scène* influencia na caracterização da Criatura, personagem criado por John Logan no seriado televisivo *Penny Dreadful* (2014-2016), através da análise de metáforas e contrastes na iluminação, que inserem o personagem em um ambiente sombrio e melancólico da Londres vitoriana, enfatizando a solidão e adicionando reflexos humanizados na caracterização desse personagem. Para ressaltar a evolução dos estudos sobre seriados televisivos, traçaremos inicialmente discussões sobre a narrativa seriada, realçando como as séries televisivas podem reunir temas de períodos distintos e reinseri-los em discussões contemporâneas, como é o caso do seriado *Penny Dreadful*, que utiliza da colagem de variados personagens de obras literárias em um novo contexto sócio-histórico e cultural. Através de uma pesquisa com abordagens descritiva, interpretativa e qualitativa, faremos uso de estudos bibliográficos e audiovisuais do objeto de pesquisa. Para isso, utilizaremos os estudos sobre narrativa seriada de Umberto Eco (1989), Arlindo Machado (2000) e François Jost (2012), além dos estudos sobre o seriado televisivo *Penny Dreadful*, de Auricélio S. Fernandes (2020) e Sara Ortega (2018). Por fim, utilizaremos estudos sobre a *mise-en-scène* a partir das contribuições de David Bordwell e Kristin Thompson (2013) e Gerárd Betton (1987). Dessa forma, percebe-se que a Criatura vive em meio às sombras desde o seu nascimento, tendo a iluminação escassa como refúgio dos perigosos da sociedade, mas que permitia ao mesmo tempo que ela fizesse parte da humanidade. * Orientação: Auricélio Soares Fernandes (UEPB).

Palavras-chave: seriado de televisão; *Penny Dreadful*; Criatura; *mise-en-scène*; iluminação.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

O mal nos filmes de George Romero e na franquia de videogame *Resident Evil*: a monstruosidade policial em narrativas de zumbi

Alisson Preto Souza
Doutorando PPG Letras – UFRGS

Esse artigo observou o papel da polícia em narrativas de zumbi nas películas *Night of the Living Dead* (1965), *Dawn of the Dead* (1978) e *Day of the Dead* (1985) e nos jogos de videogame *Resident Evil 1* (1996), *Resident Evil 2* (1998) e *Resident Evil 3: Nemesis* (1999). As análises, realizadas por meio da cristalização de eventos dos filmes e dos videogames, repercutem em discussões políticas e teorias sociais que questionam a caracterização da polícia e apontam para o lugar do mal nessas ficções de horror. Investigou-se o mal como uma vontade maligna de manifestações humanas, bebendo tanto em conceitos antigos da filosofia (como o entendimento estoico pós-aristotélico do mal) como àqueles morais e institucionais, mencionados, respectivamente, por John Kekes (2002) e T. Calder (2018). Enquanto o zumbi revela-se como consciência e materialidade da realidade social, os policiais representam os conteúdos inconscientes nas narrativas, agindo sob códigos éticos questionáveis e egóicos. Nesse sentido, além de um resgate sobre o conceito de polícia, percebeu-se um questionamento sobre a forma social do mal na narrativa de zumbi.

Palavras-chave: George Romero, *Resident Evil*, polícia, mal.

Eixo temático: Crimes e maldades.

“Metzengerstein”: uma abordagem psicanalítica

Amanda Leonardi de Oliveira
Mestre em Letras – UFRGS

Elaine Barros Indrusiak
Professora – PPG Letras/UFRGS

Este estudo tem como objetivo analisar o conto “Metzengerstein” (1832), de Edgar Allan Poe, sob a ótica da psicanálise, de forma a observar paralelos entre a estrutura tripartite da psiquê e as relações entre os personagens da narrativa. Estudos recentes (Oliveira, 2020; Zimmerman, 2018) têm apontado as muitas relações entre Poe a psicanálise, e o presente trabalho alinha-se a essa corrente para demonstrar, com um estudo de caso bem específico, de que forma Poe se consolidou como um dos principais precursores das teorizações de Freud e da psicologia moderna. Neste estudo, o conto “Metzengerstein” é lido sob a perspectiva das teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, especificamente em relação às obras *O Ego e o Id* (1923) e *Além do Princípio do Prazer* (1920), de maneira a apontar paralelos entre pontos chave da narrativa e dos princípios definidos por Freud em relação à divisão da psiquê, observando como ideias semelhantes podem ser encontradas de forma alegórica na escrita de Poe, o que demonstra como figuras e personagens do conto podem ser lidos como representativos de diferentes elementos da psiquê.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe, Sigmund Freud, “Metzengerstein”, psicanálise, Id.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

O jardim como paisagem do medo em “A mão no ombro”, de Lygia Fagundes Telles

Amanda Letícia Falcão Tonetto
Mestranda – UFU

“A mão no ombro”, conto de Lygia Fagundes Telles, narra a história de um homem que sonha que está em um jardim, quando a morte vem tocar-lhe o ombro. Assustado, acorda decidido a viver a vida de outra maneira, aproveitando-a intensamente. Ao sair para o trabalho, entra em seu carro e percebe que gradativamente está voltando para o jardim do sonho, mas dessa vez, sem medo da mão que viria a tocar-lhe o ombro novamente. Walnice Galvão, no posfácio do livro *Os contos* (2018) de Lygia Fagundes Telles, define o conceito de imagem pregnante, sendo esta qualquer imagem que é responsável por desvelar os acontecimentos das narrativas da autora. O jardim é uma imagem pregnante recorrente nos contos de Telles, e neste em específico, reúne peças importantes para o desenrolar do enredo: a atmosfera sombria em que não se sabe se é dia ou noite; o silêncio; a estátua acima de uma fonte seca; a falta de vida - e a presença da morte - no jardim que transita entre o universo onírico e o real. Por meio desses elementos, podemos afirmar que o insólito irrompe a partir da atmosfera obscura que permeia o conto, além da aparição da morte desde a descrição do espaço. O jardim, nesse sentido, figura como um *locus horribilis*. HP Lovecraft afirma que o mais antigo e poderoso medo é o medo do desconhecido. E o que há de mais desconhecido senão a morte? Desta forma, nosso trabalho objetiva analisar quais são os elementos utilizados pela autora para compor o insólito da narrativa, de modo a figurar o espaço do jardim como um *locus horribilis* e sugerir a encenação do medo e do horror. Para tais estudos, recorreremos à definição de insólito proposta por Lenira Covizzi, à noção de metaempírico de Filipe Furtado, aos estudos de Yi-Fu Tuan a respeito do medo, e aos estudos sobre o gótico de Júlio França.

Palavras-chave: insólito, morte, medo, jardim, Lygia Fagundes Telles.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Eu sou uma maldita força da natureza: horror corporal e os corpos femininos em *Possuída* (2000), *Garota Infernal* (2009) e *Grave* (2016)

Amanda Rauber Rita
Graduada – UFSC

O presente estudo foca no Horror Corporal, Horror Biológico ou Horror Visceral (*Body Horror*, *Biological Horror* ou *Visceral Horror*), que se configura como um estilo e um elemento mais do que propriamente um subgênero do horror. Podendo ser encontrado em diversos subgêneros, o estilo faz o uso de “representações do apodrecimento, doença, mutação, mutilação e parasitismo” (ROCHA, 2017, p. 1). Os corpos das mulheres, sendo campos de transformações biológicas principalmente através da menstruação e puberdade, então, acabam se configurando como pertinentes objetos de análise deste estilo de filmes. A fim de realizar uma discussão exemplificativa, foram pautadas as obras cinematográficas *Possuída* (2000), *Garota Infernal* (2009) e *Grave* (2016), respectivamente dirigidos por John Fawcett, Karyn Kusama e Julia Ducornau pois acredita-se que eles ofereçam uma metáfora interessante em relação à puberdade, menstruação, perda de inocência, canibalismo e abjeção. Os estudos de autoras como Laura Mulvey (*Visual Pleasure and Narrative Cinema*), Barbara Creed (*The Monstrous Feminine*), Linda Williams (*When the Woman Looks*) etc. foram utilizados para promover uma análise das personagens principais das obras citadas juntamente as suas relações com a narrativa fílmica do Horror Corporal. A partir disso, compreendeu-se que o Horror Corporal é um estilo que converge com tais narrativas do horror centradas no corpo feminino, já que o último é a fonte de muitos mistérios, incertezas e inseguranças. *Possuída*, *Garota Infernal* e *Grave* oferecem ideias pertinentes no que se refere à opressão de suas personagens e, posteriormente, à entrega e libertação promovida pela aceitação de suas próprias bestialidades.

Palavras-chave: horror, horror corporal, representação feminina, cinema.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Aubrey Beardsley e Cornélio Pena

Ana Resende
Doutoranda – UERJ

Antes de se dedicar à literatura, pela qual foi considerado uma das referências do romance intimista brasileiro na década de 30, Cornélio Pena foi artista gráfico e pintor, tendo realizado uma exposição individual em 1928, graças à influência do Ministro da Alemanha no Brasil, Hubert Knipping. O objetivo da presente comunicação é abordar a obra gráfica e pictórica de Pena, a quem Augusto Frederico Schmidt chamou de o “artista caveira e foicinha” e que, muitas vezes, foi ignorada pelos estudiosos de sua produção literária, por apresentar, segundo eles, “completa falta de estilo ou técnica”. Para isso, vou me concentrar em algumas obras da década de 1920, que incluem uma série de imagens com “temas macabros”, e nas ilustrações produzidas para *Fronteira* (1935). Pretendo mostrar como a produção gráfica de Pena antecipa as realizações de sua carreira literária, já que “a mão que realizara a pintura, seria a mesma que escreveria os romances”. Tomo como referências teóricas para a apresentação o trabalho do crítico Alexandre Eulálio sobre “os dois mundos de Cornélio Pena” e, em particular, a menção à influência do ilustrador, pintor e escritor inglês Aubrey Beardsley na obra gráfica de Cornélio Pena, bem como as reflexões de Luiz Costa Lima e Júlio França sobre seu primeiro romance, para enfatizar a relação recíproca entre a produção pictórica e literária do autor e a tradição do Gótico e do Decadentismo.

Palavras-chave: Cornélio Pena, macabro, morte, *Fronteira*, Aubrey Beardsley.

Eixo temático: Decadentismo e literatura gótica.

Quando o gótico e o feminino se encontram: *The Stepford Wives* no cinema e a tradução do apagamento da mulher

Ana Beatriz Tavernard Fernandes
Graduanda em Letras Inglês - UERN

O presente trabalho aborda discussões sobre representações do feminino no gótico, entre elas o apagamento da mulher, a ascensão hegemônica masculina e as críticas à sociedade patriarcal, empregadas por Ira Levin em seu romance *The Stepford Wives* (1972). Escrita na época da segunda onda feminista, a obra de Levin traz um grupo de homens que se junta para criar robôs semelhantes a seres humanos, réplicas mecanizadas e submissas que substituem as mulheres de Stepford, o que permite uma reflexão acerca do papel da mulher na sociedade. Três anos após sua publicação, o livro foi adaptado para o cinema em um filme de mesmo nome dirigido por Bryan Forbes. O trabalho busca analisar como os aspectos góticos da obra literária foram traduzidos no cinema, em especial o apagamento da mulher. O trabalho é dividido em quatro partes. Primeiramente, discute-se a tradução enquanto processo criativo, sob um viés pós-moderno, a partir de autores como Arrojo (2003), Rodrigues (2000) e Vieira (1996). Também é feita a revisão bibliográfica de teóricos contemporâneos que discutem a relação entre o cinema e a literatura, entre eles Ribeiro (2007), Stam (2000 e 2005) e Julie Sanders (2006). Posteriormente, para embasar os estudos do gênero gótico com enfoque na literatura de Ira Levin e a representação feminina na ficção de horror, trabalhamos com obras de autores como Carroll (1990), Hogle (2002), Punter e Byron (2004). Mais especificamente, ressaltamos importantes autoras do gótico feminino, entre elas Heiland (2004), Neill (2018) e Moers (1976). Por fim, analisa-se a adaptação do romance *The Stepford Wives* para o cinema, destacando como o filme traduz os aspectos góticos e a representação feminina da literatura. Trata-se de uma análise voltada menos para um suposto desejo por fidelidade e equivalência, e mais para como a adaptação fílmica reconstrói sentidos da obra de Levin em uma nova mídia e dialoga com seu contexto de produção. * Orientação: Emílio Soares Ribeiro (UERN).

Palavras-chave: adaptação fílmica, gótico, mulher, *The Stepford Wives*, distopia.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

A tradição literária gótica em Humberto de Campos

Ana Carolina Moraes da Silva
Graduanda – UFMA

Com sua chegada pouco valorizada e tratada com indiferença, pelo público leitor, a literatura gótica não teve a atenção que de fato merecia no início do século XIX, no Brasil. Tal fato se deve a valorização de uma literatura principalmente de caráter documental por parte dos críticos da época, cujo objetivo era resgatar a cor local que representasse a cultura e identidade nacional. Ainda se adaptando ao território brasileiro, poucos eram os estudiosos que se aventuram na composição de obras góticas. Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar e descrever a presença de elementos característicos da tradição gótica nos contos “A Noiva”, “Morфина” e “Retirantes” da ontologia *O monstro e outros contos* (1932), do polêmico escritor maranhense Humberto de Campos. Tais obras apresentam uma estrutura de texto baseada em elementos próprios da poética do gótico literário, tais como a apresentação do espaço como *locus horribilis*, a presença de personagens com aspectos monstruosos, o aparecimento da entidade fantasmagórica como representação do passado que atormenta o presente, e, sobretudo, a criação do medo como prazer estético. Para tanto, utilizaremos, como metodologia, a pesquisa bibliográfica, tendo-se como suporte teórico, os estudos de Júlio França, no que se refere à historiografia do gótico e sua chegada ao Brasil, juntamente com Alexander Meireles, com a descrição das convenções góticas para o desenvolvimento desta análise. Considerando o personagem monstruoso que degrada o contexto social, o cenário lúgubre do Sertão brasileiro onde ocorrem o pessimismo e a percepção do passado personificado na imagem fantasmagórica inerentes à narrativa de Humberto de Campos, o presente trabalho pretende analisar os contos como pertencentes à literatura gótica. * Orientação: Naiara Sales Araújo (UFMA).

Palavras-chave: convenções góticas, Humberto de Campos, *O monstro e outros contos*.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Crimes, insólito e horror: as facetas da violência em *Nuestra Parte de Noche* (2019), de Mariana Enríquez

Ana Lúcia Trevisan
Doutora – UPM

Daniele Ap. Pereira Zaratín
Doutora – IFSP

O presente trabalho propõe uma análise das variadas formas de violência perpetradas contra os corpos dos diferentes personagens do romance *Nuestra parte de noche* (2019), da escritora argentina Mariana Enríquez, a fim de compreender os efeitos de sentido do horror na sua interseção com o insólito ficcional. Partindo da análise dos crimes presentes na obra, seja a partir da perspectiva histórico-política ou tendo em vista o insólito, discute-se, nos limites desse trabalho, de que forma o enredo da escritora argentina, ao privilegiar a confluência entre o histórico e o insólito, faz emergir uma série de imagens de crimes hediondos, cujas características são a violência, a perversidade e o horror. Para isso, os estudos de N. Carroll (1990), R. Ceserani (2006), D. Roas (2011), P. J. Ansolabehere (2012), K. E. Schøllhammer (2016), entre outros, servirão de apoio teórico. Com isso, busca-se ampliar as perspectivas analítico-interpretativas sobre a obra de Mariana Enríquez, bem como refletir sobre a historicidade imanente às imagens do horror e do insólito.

Palavras-chave: horror, insólito, literatura argentina.

Eixo temático: Crimes e maldades.

O entrecruzar do grotesco, do fantástico e do gótico na configuração do horror em “The Mask of the Red Death”

Ana Maria Zanoni da Silva
Doutora – IMESB

O romance *The Castle of Otranto* (1764), do escritor inglês Horace Walpole (1717- 1797), é considerado pela crítica como marco inicial da literatura gótica. Na apresentação da tradução brasileira desse romance, Vidal (1994) afirma que nessa obra as fantasias e os terrores presentes no imaginário do leitor foram levados ao extremo ao longo da narrativa da história de Manfred, o vilão que tomou posse do castelo por meio de crimes. A trama se desenvolve em um castelo em ruínas, com corredores labirínticos, misteriosas salas adornadas com objetos sinistros, espaços estes em que as aparições de fantasmas intensificam a atmosfera de horror. Porém, com o passar do tempo, surgiram obras, nas quais o horror não resulta apenas de acontecimentos exteriores, mas advém também de conflitos mentais. E, no século XIX, o escritor estadunidense Edgar Allan Poe, por meio da condensação das unidades de tempo, espaço e ação, tornou-se um dos expoentes das narrativas de horror ao explorar o terror advindo “da alma”. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar o conto “The Mask of the Red Death” (1842), a fim de demonstrar como Poe, ao valer-se do entrecruzar de aspectos do grotesco, do fantástico e do gótico na configuração da trama, explora e atualiza o processo de obtenção do efeito de horror. A análise será embasada nas obras de: Bakhtin, *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* (1999); Todorov, *Introdução a Literatura Fantástica* (1992); Vasconcelos, *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII* (2002), bem como em ensaios e resenhas de Poe.

Palavras-chave: Poe, grotesco, fantástico, gótico, horror.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Confinamento e loucura na literatura feminina do século XX

Ana Paula A. dos Santos
Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada – UERJ

O influente estudo de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (1979) sobre a recorrência com que as imagens de mulheres confinadas em castelos e mansões decadentes, em claustros, criptas e conventos, aparecem na literatura feminina de língua inglesa – de diferentes nacionalidades, e em diferentes épocas – comprova que essa ansiedade específica foi frequentemente ficcionalizada com o auxílio dos recursos da poética gótica. As teóricas propõem o *tópos* da “mulher louca presa no sótão” [*the madwoman in the attic*] para dar conta de narrativas que exploram a claustrofobia, a agorafobia, a loucura, e uma série de outras doenças de que sofrem as mulheres confinadas em um ambiente doméstico violento e opressor. Ciente de sua potência aterrorizante, pretendo, neste trabalho, investigar como esse mesmo *tópos* foi explorado pelas escritoras na literatura brasileira do século XX, utilizando como exemplo os romances *O quarto fechado* (1984) e *As parceiras* (1986), de Lya Luft. Dessa forma, pretendo estabelecer conexões entre as obras da literatura feminina brasileira e a tradição feminina do Gótico literário.

Palavras-chave: gótico, gótico feminino, século XX, romance.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

***O Monge*, de Matthew Lewis e o sopro do maravilhoso: a leitura surrealista do gótico**

Anderson da Costa
Doutor – UFSC

Elys Regina Zils
Mestre – UFSC

O *Primeiro Manifesto do Surrealismo* (1924) insurge-se contra o que André Breton chama de “Império da Razão”, o qual em nome de um pragmatismo socioeconômico impõe ao indivíduo uma noção arbitrária da realidade. A crítica a essa “pouca realidade” também se estende ao romance, em particular ao romance realista, condenado veementemente no *Manifesto* por ser pobre em imaginação e previsível, desse modo, incapaz de dar conta da complexidade e multiplicidade do ser humano, já que nasce da atitude realista inspirada no positivismo. Em contrapartida, para os surrealistas, o romance gótico é o único possível, já que apresenta a ruptura da ordem estabelecida pelo império da lógica e se mostra condizente com a proposta do movimento vanguardista de transformação da vida a partir da fusão entre real e imaginário. Nesse aspecto, *O monge* (1796), de Matthew Lewis, é citado no *Manifesto* como uma obra em que o “sopro do maravilhoso penetra-o de todo em todo”, pois essa experiência do maravilhoso corrobora com o clamor surrealista por “mais realidade”. É nesse sentido, do fantástico como elemento do real, pois, segundo Breton, não há fantástico só há o real, que pretendemos na presente comunicação discutir essa obra de Lewis a partir de Marta Dantas, da noção de fantástico de Todorov e das teorias do Surrealismo desenvolvidas por André Breton.

Palavras-chave: *O monge*, gótico, surrealismo, fantástico, maravilhoso.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Lendas e tradições em “As capas do diabo”: lendo Cora Coralina para alunos do ensino fundamental

Andressa Dias Vaz
Graduanda em Letras – PROLICEN / UFCAT

Ana Lins dos Guimarães Peixoto, poetisa e contista, é uma das vozes femininas mais expressivas da literatura brasileira. Conhecida como Cora Coralina, teve seu primeiro livro publicado aos setenta e cinco anos, destacando-se como escritora das “coisas simples”, porém pouco lida como escritora de narrativas contendo elementos como medo, horror e morte. Muitas vezes esses elementos são trabalhados em sala de aula de forma inadequada, o que justifica a tessitura do presente trabalho: através do medo e horror podemos falar de temas como poder, injustiças e opressão. Especificamente no conto “As capas do diabo”, vemos que a narrativa traz elementos muito marcados de um período de máxima tirania no Brasil, a saber: as relações escravocratas. Objetivamos, através da leitura analítica do conto supracitado, desconstruir o pensamento elitista que credita nas assombrações e figuras lendárias, alteridades a serem expurgadas por supostamente representarem o atraso de um país que em breve inauguraria sua Primeira República (a narrativa tem como marco cronológico o ano de 1865). Acreditamos que assim podemos caminhar em direção a um ensino literário mais crítico e humanizado, até porque estudar o regional e conhecer nossa história é essencial para entendermos o presente e auxiliarmos na construção de leitores ativos. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e que faz parte do plano de Iniciação a Pesquisa das Licenciaturas (PROLICEN) cujo título é: “O universo do fantástico na produção de Cora Coralina - estratégias de leitura para alunos do ensino fundamental”. * Orientação: Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (UFCAT).

Palavras-chave: literatura do medo, literatura brasileira, Cora Coralina, formação leitora.

Eixo temático: O gótico rural.

Tradução e pesadelo em “O Demônio”, de Mikhail Lérmontov

Andressa Furlan Ferreira
Doutoranda em Linguística Aplicada - UNICAMP

Este trabalho tem como proposta discutir proximidades e disparidades interpretativas do poema narrativo “O Demônio” (1839), de Mikhail Lérmontov, a partir de seu texto original em russo e suas traduções em inglês, realizadas pelo tradutor escocês Robert Burness (1918) e pelo diplomata inglês Charles Johnston (1983). Lérmontov, apesar de sua breve vida, se distinguiu como um proeminente poeta do Romantismo russo. No poema em questão, a princesa Tamara é visitada e atormentada por um demônio apaixonado que a corteja através de aparições que se aproximam da experiência onírica. Por meio do método comparativo de trechos do texto original com as traduções, aspectos relacionados à narrativa gótica serão abordados, tais como o tormento, assombração sobrenatural e situações fronteiriças entre o real e o irreal. Dois questionamentos são centrais para este trabalho: 1) qual o papel do sonho ou pesadelo para a narrativa deste poema?; e 2) se o demônio do poema for considerado um incubo, como isso se insere no entendimento da literatura gótica? A fundamentação teórica para a abordagem do tema recorre aos trabalhos de Carolyn Ayers (1999), Neil Cornwell (1999), Elizabeth Allen (2007), Sergey Tyulenev (2010), Pedro Pinto (2019), entre outros. A análise textual comparativa do poema indica que determinadas escolhas tradutórias empregadas em inglês proporcionam interpretações distintas daquelas propostas originariamente em russo, de modo que seja possível questionar como o encontro entre Tamara e o demônio pode ser caracterizado em cada versão.

Palavras-chave: Lérmontov, romantismo russo, tradução, pesadelo.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

A morte no filme *Midsommar*

Andrey Kolling Lehnemann
Mestrando – UFSC

Caso nos ancoremos nos pensamentos de Blanchot (2013) e Nancy (2016), observa-se uma visão central: a possibilidade/impossibilidade de vencer a morte é socialmente determinante. É nossa reação diante do fim que nos une como seres comunitários, não abstratos, que vivenciam o mesmo elo – e nos revela o princípio da insuficiência. O que nos une é primordial, ainda que se mantenha em movimento e gerando novas discussões. De todas as análises que podem ser feitas, poucas ferramentas visuais narrativas nos instigam e nos absorvem tanto quanto o cinema de terror, dentro de sua lógica semiótica, por ser uma ferramenta pulsante desta discussão sobre a morte. A obra do diretor Ari Aster, *Midsommar* (2019), por exemplo, coloca-nos diante de uma elucidação clássica de Blanchot (2013) sobre o que fundamenta a comunidade e sua comunhão impossível. A cena referencial da análise se passa no alto de um monte, perto dos céus, onde duas pessoas se jogam para o sacrifício e chocam os estrangeiros, que observam impotentes o rito. Respeitando a estrutura narrativa estudada por Bordwell (2013), além do pensamento semiótico de Eco (2013), a intenção desta análise é apresentar como a cena evidencia a relação de horror estabelecida no filme a partir da noção ocidental que possuímos da morte. Avaliaremos as ferramentas visuais que levam ao espectador compreender como o filme de Ari Aster respeita, mesmo que inconscientemente, a narração primordial do evento em comum – o nascimento, a morte.

Palavras-chave: cinema, comunidade, morte, horror.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

Um estudo da articulação do gótico e do fantástico no conto “Os olhos que comiam carne” (1932), de Humberto de Campos

Andreza Braga Modesto
Mestranda em Estudos de Linguagens – UTFPR

A produção literária do escritor Humberto de Campos (1886-1934) alcança marcas distintivas, as quais oscilam entre o terror gótico, a ficção científica e o fantástico. No entanto, este trabalho consiste em analisar o conto “Os olhos que comiam carne” (1932), de Humberto de Campos. O texto apresenta-se como um conto de terror, marcado por elementos fantásticos. A narrativa traz a história de Paulo Fernandes, que descobre ter perdido a visão. A partir da cirurgia, Paulo passa a ver o mundo de forma diferente como via antes. Com essa visão de mundo alterada, ele começa a enxergar por baixo das roupas e da pele. O desfecho do conto é ainda mais trágico: Paulo se vê em desespero e arranca os próprios olhos, tal como Édipo na peça de Sófocles (TAVARES; MATANGRANO, 2019). Com base nessas reflexões, este trabalho investigou o modo pelo qual o gótico e o fantástico se articulam na leitura de uma narrativa. O conto utilizado neste estudo foi o texto *Os olhos que Comiam Carne* (1932), publicado em 1932 na coletânea *O Monstro e outros contos*. Metodologicamente, a pesquisa parte da narrativa, como elemento essencial, à luz dos aportes teóricos principais para análise tais como o crítico italiano Remo Ceserani (2006), Bruno Anselmi Matangrano e Enéias Tavares (2019), Tzvetan Todorov (2014), Linda Hutcheon (1991) e Deleuze e Guattari (2011).

Palavras-chave: Humberto de Campos, gótico, fantástico, conto.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Bocatorta, um *ghoul* brasileiro: adaptações e influência do folclore anglo-arábico em Monteiro Lobato

Arthur Aroha Kaminski da Silva
Doutorando em Estudos Literários – UFPR

A presente comunicação pretende demonstrar a provável influência que a figura do *ghoul*, criatura recorrente na literatura gótica europeia, teve sobre a criação do personagem Bocatorta, protagonista de conto homônimo publicado por Monteiro Lobato como parte do livro *Urupês* (1918). Para tanto, relacionamos resultados de pesquisas prévias de outros autores com informações contidas em correspondências de Lobato, com o intuito de rastrear algumas de suas inspirações para a criação do personagem. Por esta via identificamos o personagem Caliban, da peça *A Tempestade* (1611), de Shakespeare, como uma das principais inspirações para Bocatorta. No personagem Caliban pudemos identificar também a forte presença de um discurso orientalista e de elementos do folclore arábico pré-islâmico, o que nos levou à figura do *ghoul*, criatura mítica mesopotâmica reinventada por Antoine Galland para o contexto gótico europeu por volta de 1718, quando de sua tradução-reescrita de *As Mil e Uma Noites*, coletânea de narrativas indo-pérsico-arábicas que muito influenciaram Lobato em suas criações literárias. Por fim, pudemos identificar que foi através da versão de Galland que Lobato teve contato com as narrativas orientais, e contextualizar o conto *Bocatorta* no âmbito do gótico brasileiro da República Velha, o que confirma que o *ghoul* gótico é provavelmente a referência de Lobato para o personagem Bocatorta.

Palavras-chave: *Bocatorta*, Monteiro Lobato, *ghoul*, literatura gótica, *As Mil e Uma Noites*.

Eixo temático: O gótico tropical.

Retratos góticos de Dorian Gray na série televisiva *Penny Dreadful*

Auricélio Soares Fernandes
Professor de Literaturas de Língua Inglesa – UEPB

No intuito de discutir elementos do gótico vitoriano, recorreremos à análise do personagem Dorian Gray, criado por Oscar Wilde no romance *O retrato de Dorian Gray*, e à sua recriação no seriado de televisão *Penny dreadful*. Como um dândi decadente e ávido por sentir diferentes sensações, o personagem da série concebido por John Logan comete inúmeros atos transgressores e encarna o ser *outsider* do romance de Wilde, mas também adiciona elementos característicos da decadência no período do *fin de siècle* vitoriano como a corrupção da alma, o monstruoso, a maldade e o pessimismo. A partir de uma pesquisa com abordagem qualitativa, utilizamos como fundamentação teórica para esse artigo estudos sobre adaptação de (HUTCHEON, 2013), (STAM, 1992), a linguagem cinematográfica (MARTIN, 2005), (BAZIN, 1991), (BORDWELL, THOMPSON, 2013), o gótico (BOTTING, 1996), (DRYDEN, 2003), (BELVILLE, 2009) entre outros.

Palavras-chave: gótico vitoriano, Dorian Gray, adaptação, seriado de televisão.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

Monstruosidade *queer* em *Invisible Monsters*

Bruna Miskinis Salgado
Mestranda no PPG Letras – UFRGS

O gótico é um gênero literário que conversa muito bem com discussões de gênero. De acordo com Horner e Zlosnik (2014), o gótico propicia críticas perturbadoras sobre gênero justamente por ter a tendência de interrogar ideias do pensamento comum. *Invisible Monsters*, romance de 1999 de autoria de Chuck Palahniuk, é uma obra que perverte convenções de gênero, com enfoque especialmente na marginalização de personagens cujas realidades de gênero desafiam o status quo. O próprio autor chama seu estilo literário de “ficção transgressiva”, devido à presença recorrente de personagens que de alguma forma não se encaixam nas expectativas que a sociedade tem sobre eles. O romance é cheio de personagens cuja monstruosidade se articula através do gênero e da sexualidade. Isso é especialmente verdade quando consideramos a teoria sobre monstruosidade de Cohen (1996), que coloca a monstruosidade como algo que encontramos entre categorias. Sendo assim, não somente temos uma personagem principal (Shannon, modelo de fotografias e de televisão) que se monstrifica propositalmente com o objetivo de não mais ser bonita, mas outros três personagens cuja monstrificação ocorre através do cruzamento e diluição das fronteiras entre o feminino e o masculino via *crossdressing*, transexualidade, uso de hormônios e performance de gênero. Uma vez que seus corpos não se encaixam nos padrões sociais, as personagens vivem às margens da sociedade, roubando e vendendo drogas. A análise acerca do papel desses corpos monstruosos na trama ocorrerá com base em teorias de monstruosidade, como a de Cohen (1996), e de *queer gothic*, como Horner e Zlosnik (2014), e McCallum (2014).

Palavras-chave: *Invisible monsters*, *queer gothic*, monstruosidade.

Eixo temático: *Queer Gothic*.

Os espaços topofóbicos da lepra na literatura sertanista

Bruno Silva de Oliveira
Doutor – IF Goiano

As narrativas insólitas valem-se de imagens escuras e lúgubres para suscitar o medo e a ansiedade no leitor. E nas narrativas góticas, elementos como monstros, demônios, cadáveres, doentes, entre outros povoam o imaginário gótico, por serem ameaçadores tanto em sua face imaginária como realista, dessacralizando os espaços que atravessam, tais como casa (e suas variantes), corpos, fronteiras, noite, cemitérios, floresta. Esses espaços topofóbicos, que geram e perpetuam o medo, são carregados de superstições, os quais possibilitam a barbárie. No Brasil, o sertão é descrito como espaço selvagem, bravio, afastados, atrasado e supersticioso e os espaços sob o seu bojo como espaços mal-assombrados, disformes, escuros, maculados por indivíduos tiranos e malvados. Assim, esse trabalho debruçar-se-á sobre os espaços topofóbicos que se ramificam a partir do sertão tais como corpo, fronteira e casa e como esses participam na construção do medo da lepra nas narrativas sertanistas que possuem manifestações insólitas: “Pelo caiapó velho”, de Hugo de Carvalho Ramos, “As morféticas”, de Bernardo Élis e “Camunhenque”, de Valdomiro Silveira. Utilizarei como referência a cartografia topofóbica desenvolvida por Oliveira (2019) na tese de doutoramento *Pelas brenhas escuras do insólito: os espaços topofóbicos na literatura sertanista*.

Palavras-chave: medo, espaço, sertão, lepra.

Eixo temático: O gótico rural.

Cláudia: representações da menina vampira no romance *Entrevista com o Vampiro*

Camila Kayssa Targino Dutra
Mestranda – PPCL/UERN

Emílio Soares Ribeiro
Doutor e Docente – PPCL/UERN

A mulher é representada de diversas maneiras na arte. Na literatura, especificamente, na literatura gótica, a mulher, monstro e vampira pode retratar a figura da mulher fatal e/ou uma transgressão aos padrões masculinos de poder e dominação. Objetiva-se com o presente trabalho analisar como o romance *Entrevista com o Vampiro* (1976), de Anne Rice, constrói a figura do monstro feminino, na personagem vampírica Cláudia. O artigo está organizado em duas partes. A primeira conta com referencial teórico acerca da literatura gótica. Foram revisados autores que tratam do gótico e de seus aspectos mais proeminentes, em especial Punter e Byron (2004), Smith (2007) e Botting (2005). Sobre o Gótico Feminino (*Female Gothic*), as discussões se deram a partir de leituras específicas que abordam a vertente, com Moers (1976), Williams (1995) e Wallace e Smith (2009). No que se refere à situação da mulher na sociedade, a pesquisa se baseou em leituras de Lerner (2019). Também foram revisados autores que discutem o monstro, em especial o vampiro, entre eles Gelder (2001) e Auerbach (1997), como também Botting (1996). Na segunda parte, com base nas leituras concluídas, é apresentada a análise da personagem Cláudia no romance. Observa-se a necessidade de a personagem assumir uma postura de luta, e não de submissão, perante as circunstâncias em que o poder patriarcal foi exercido sobre ela. Tais situações não se encontram desassociadas da realidade, pelo contrário, convergem para as muitas lutas dos movimentos feministas, quando denunciam o contexto social desigual em que vivem as mulheres e os homens. Na obra de Rice, a personagem foi capaz de construir uma resistência e empoderamento diante das opressões sofridas.

Palavras-chave: mulher, monstro, vampiro, literatura gótica, gótico feminino.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Os fantasmas de Virginia Woolf

Carla Lento Faria
Doutoranda – USP

A presente comunicação tem por objetivo discutir o conto “The Fascination of the Pool” (1929) da escritora inglesa Virginia Woolf à luz da literatura fantástica, tendo em vista as teorias de Alazraki (1990), Ceserani (2006) e Roas (2014). Autora-chave para a compreensão do modernismo inglês, a ficção curta de Woolf é marcada, de modo geral, pela constante experimentação e diálogo com formas literárias preestabelecidas, o que por vezes a leva a revisitar temas e procedimentos narrativos da tradição da literatura. É o que ocorre, por exemplo, no conto “A Haunted House” (1921), no qual revisita a temática da casa assombrada de maneira bastante singular. Nesse sentido, a partir da análise do conto “The Fascination of the Pool” abordaremos as percepções da autora sobre o lugar do sobrenatural na ficção do século XX em contraponto com sua leitura a respeito do gótico e da *ghost story*, no intuito de verificar de que maneira Woolf incorpora ou subverte elementos dessa tradição literária, permitindo uma leitura de viés fantástico.

Palavras-chave: Woolf, fantástico, gótico, fantasmas, modernismo.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

A dança macabra de Ferdinando Gorè como símbolo da elaboração da morte na arte gótica

Carolina de Castro Wanderley
Mestranda – PPGLEN/UFRJ

Os séculos XIII e XIV e seu viés apocalíptico de escassez de alimentos, guerra e peste modificaram a vida da população ocidental conhecida e marcou novas visões sobre a finitude do homem. A morte é agora ostensiva e afrontosa. Neste contexto a arte gótica tem lugar, com crescentes exemplos de imagens simbólicas que oportunizam compreensão da mentalidade da época. Dentre estas imagens está a alegoria da *Dança Macabra*, em que esqueletos conduzem pessoas diversas, bailando até seu inexorável fim. A alegoria foi utilizada em obras visuais parietais, literárias, dentre outras. Conduzia à reflexão sobre a universalidade da morte e sua faculdade de nivelar os homens dos mais diversos estratos sociais a uma só condição após sua ocorrência. A presente proposta pretende desenvolver análise qualitativa sobre o excêntrico tema *Dança Macabra* como símbolo desta visão gótica do decesso. Anela investigação sobre o *Coro di pazzi*, trecho da obra *La Danza Macabra overo il ballo della morte*, de Ferdinando Gorè (1888) tratada pelo próprio autor como “diálogos humorísticos filosóficos morais entre o Homem, em seus vários estados sociais e condições de vida e a Morte”. Fundamenta-se teoricamente na obra de Phillippe Ariès (2012) sobre a história da mentalidade ligada ao evento morte, à visão da literatura gótica de Otto Maria Carpeaux (2011) e à obra que versa sobre o final da Idade Média, da lavra de Johan Huizinga (2010).

Palavras-chave: dança macabra, morte medieval, literatura gótica.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Corpos expostos em almas trancafiadas: o feminino e o gótico em dois filmes de Walter Hugo Khouri

Carolina de Oliveira Silva
Doutoranda em Multimeios – UNICAMP

Este artigo pretende, a partir dos filmes *As filhas do fogo* (1978) e *Amor Voraz* (1984) de Walter Hugo Khouri, construir uma análise fílmica que tenha como principal foco os corpos femininos, suas relações com o gótico e outros desdobramentos. A burguesia brasileira retratada nos filmes, consegue estabelecer conexões com os temas tratados pela literatura gótica desde o século XVIII, principalmente no que se refere às figuras femininas enclausuradas no ambiente doméstico. Nos filmes, a fragilidade mental e física das mulheres, enquadram-se nas figuras emblemáticas do que Ellen Moers chamou de *Female Gothic* – Diana (Paola Morra), em *As filhas do fogo*, nunca conseguiu se separar da figura materna e mesmo com a morte da mãe, essas memórias, de alguma maneira, a atormentam. Tal desestabilidade também pode ser encontrada na personagem de Anna (Vera Fischer) que, vivendo à base de remédios, é considerada como uma “maluquinha” desde o colégio, o que só se agrava quando ela recebe a visita de um homem inesperado que surge das águas. Em ambos os filmes é possível identificar temáticas recorrentes das narrativas góticas, principalmente com relação ao corpo e a sexualidade – tanto Diana quanto Anna vivem uma relação homossexual, da qual angariam forças para enfrentar suas vidas. Assim, compreendendo o castelo gótico e atualizando-o para as casas burguesas brasileiras dos filmes, as heroínas aprisionadas seriam o símbolo de seus próprios corpos em encarceramento, isolamento e algum grau de opressão. Além disso, o ambiente fantástico promovido pelo gênero da ficção científica em um amálgama entre tecnologia, religião, vidas passadas, visitas extraterrestres e psicologia, aponta para narrativas que encaram o feminino enquanto uma construção complexa e potencialmente radical em discussões e críticas aos valores vigentes, ultrapassando a dicotomia aparentemente estabelecida entre o oprimido e o opressor. A partir dessa perspectiva, e ao observar os corpos dessas personagens, considerando-os enquanto tempo e espaço dilatados, como bem observa Denise Bernuzzi de Sant’Anna em *Corpos de Passagem* (2001), pretende-se desenvolver uma análise que leve em conta o contexto de clausura em suas vertentes góticas e investigar, quais as alternativas de sobrevivência para essas mulheres em seus respectivos contextos.

Palavras-chave: análise fílmica, corpos femininos, gótico, ficção científica.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

O gótico português: (re)leitura de “A Caveira”, de Camilo Castelo Branco

Carolina Freitas Pimenta Peres
Mestre em Estudos Literários – FFP/UERJ

As figuras góticas representavam o retorno perturbador do passado no presente, ameaçando a integridade física ou psicológica das personagens. (BOTTING, 2005, p. 9). O gótico nos dá amostras mais sabidas das figuras fantasmagóricas e estranhas, como por exemplo em *O homem de areia*, de E. T. A. Hoffman, que é analisado mais de um século depois por Freud no ensaio *Unheimlich*, no qual fala sobre o familiar que causa estranheza e amedronta o outro, não sendo esse elemento estranho necessariamente sobrenatural. O Gótico traz o mistério, o medo, com acontecimentos estranhos, inquietantes e inexplicáveis, criando conexões secretas. A atmosfera da estética gótica é constituída por terror e claustrofobia, levantando questões das aporias do mundo, que expunham a natureza caótica tanto do indivíduo quanto da sociedade em que o cercava. Encarregou-se de uma disposição existencial mais lúgubre, na qual o sujeito fragmentado e atormentado por segredos do passado que voltavam para assombrá-lo, assim como as demais personagens que fizessem parte do grupo que ele estava inserido. Apesar da popularização do gênero gótico por toda a Europa, não temos uma produção ficcional de horror, terror, na Literatura Portuguesa (SOUSA, 1979) em grande escala; no entanto, significativa. Assim, objetivamos, nessa comunicação, apresentar considerações sobre o gótico português e sua relação com a psicanálise, especialmente na abordagem freudiana, no conto “A Caveira” (1855), de Camilo Castelo Branco, no qual o lastro do real possibilita a ocorrência do medo quando o elemento estranho entra e a relação das personagens com fantasmagorias do passado e a maldição familiar imperante que contribuem para a atmosfera gótica, entrelaçando as teorias de Botting (2005), de maneira mais ampla, e de Maria Leonor Machado Sousa, sobre o gótico e o horror em Portugal (1978, 1979).

Palavras-chave: gótico, Camilo Castelo Branco, Portugal, *Unheimlich*, psicanálise.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

Mariana Enríquez e o gótico urbano na América Latina

Carolina Severo Figueiredo
Graduanda em Letras Português – PIBIC/UFSC

Em ascendência no Brasil, Mariana Enríquez (Buenos Aires, 1973) já vem sendo reconhecida mundialmente como integrante de peso da *nova narrativa argentina*. Na ficção pós-ditadura deste país, como no nosso, são as ações humanas que transformam o horror em realidade: o horror é político. Dessa forma, a literatura de Enríquez “(...) desafia o leitor ao apresentar a violência, em sua ocorrência simbólica, como violência político-social que impacta a vida cotidiana.” (GOICOCHEA, 2018, p. 10). Em geral, sua escrita envolve temas do horror, do fantástico, da ficção científica e das desigualdades nas paisagens urbanas da Argentina, em sua maioria narrados pela perspectiva feminina. Nesta apresentação buscarei ressaltar o papel de Enríquez na literatura de horror latinoamericana, em especial no subgênero gótico urbano, a partir do viés dos Estudos Culturais (SANTIAGO, 2000; HALL, 2006; COSTA, 2020). Focando principalmente no primeiro conto de *As coisas que perdemos no fogo* (2016), “O menino sujo”, irei refletir sobre a voz e o olhar da narradora, em como seu discurso ecoa no paradigma muito comum do medo das religiões não-cristãs, da pobreza e da violência urbana, e em como os medos de cunho moral podem servir como potencializadores das desigualdades econômicas e culturais. Meu objetivo é, portanto, discutir as particularidades do gótico urbano latinoamericano através do texto de Mariana Enríquez, e buscar correlações com os aspectos que tornam o Brasil um país fértil para a criação literária deste subgênero. * Orientação: Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos (UFSC).

Palavras-chave: literatura latino-americana, literatura argentina, gótico urbano, Mariana Enríquez.

Eixo temático: Gótico pós-colonial.

**“Muitas vezes, choro quando estou feliz e sorrio quando estou triste”:
a exposição das convenções do gótico feminino em *A Senhora de Wildfell Hall*
(1848), de Anne Brontë, e em *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847),
de Emily Brontë**

Caroline Navarrina de Moura
Doutoranda em Estudos de Literatura – UFRGS

A partir de transformações sociais, novas formas de retratar o mundo e de representações estéticas se fazem necessárias, a fim de que haja a identificação entre o público leitor e as representações de realidade em âmbito literário. Os gêneros romance e Gótico retratam essas mudanças, os constantes medos e os presentes conflitos de moralidade causados pelos horrores da incerteza da nova configuração de mundo (DAVISON, 2009). Assim, este trabalho tem como objetivos observar e analisar a trajetória das personagens femininas em *A Senhora de Wildfell Hall* (1848), de Anne Brontë, e em *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), de Emily Brontë, a fim de verificar a imagem coletiva formada dos ambientes interno e doméstico pelas narrativas a partir do conceito de Gótico Feminino (MOERS, 1974). Partindo da premissa de que os romances se identificam como paralelos genéticos devido à forma em que são narrados e ao momento em que são escritos conjuntamente, a metodologia utilizada é o destacamento das passagens em que são identificados os elementos Góticos estrutural, o aspecto do *unspeakable* e o relacionamento entre personagens, definido por Eve Kosofsky Sedgwick (1986), referentes aos cenários frequentados pelas heroínas, Helen Graham e Catherine Earnshaw, respectivamente, em suas trajetórias. Com os pressupostos já mencionados, os trabalhos de Sigmund Freud, “O Estranho” (1955), de Pierre-Marc de Biasi, *A Genética dos Textos* (2010), e de Jarlath Killeen, *History of the Gothic Gothic Literature 1825 – 1914* (2009) corroboram para a análise. Jan B. Gordon (1984) afirma que a estrutura narrativa gótica torna o texto fragmentado para que os leitores interpretem e alcancem a questão central da exposição do elemento Gótico. Considerando que as produções literárias das irmãs Brontë são também mundos descentralizados, ao analisá-los conjuntamente, é possível criar a imagem da representação da realidade feminina em que estão inseridas.

Palavras-chave: gótico feminino, literatura gótica, Anne Brontë, Emily Brontë, crítica genética.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Elementos do gótico na contística de Amparo Dávila: uma análise sobre o aprisionamento feminino, no conto “El Huésped”

Daisy da Silva César
Mestra em Literatura Comparada – UFRGS e Docente em Letras – IFRS

Luciane Alves
Mestra em Literatura Comparada – UFRGS

Ao recordarmos expoentes da literatura fantástica na América Latina, são frequentemente referidas autorias masculinas, contudo é importante destacar a existência de uma vasta literatura fantástica produzida por mulheres latino-americanas que desenvolveram suas obras com maestria. É o caso da escritora mexicana Amparo Dávila, que dá nome ao prêmio nacional mexicano de conto fantástico e é considerada, segundo a crítica, à altura dos grandes clássicos da literatura. Entre contos e poemas, Dávila apresenta uma escrita peculiar, com fortes elementos góticos através dos quais constrói o universo ficcional relacionado ao feminino. As personagens se encontram em situações e cenários lúgubres e aprisionadores, que espelham o espaço social das mulheres diante da opressão e das imposições machistas. Os enredos são construídos com base em experiências vividas e imaginadas que envolvem o pessoal (interno) e o social (externo), não de forma a elucidar os aspectos mencionados, mas criando uma atmosfera que revela ainda maior incerteza e obscuridade. O objetivo desta proposta é analisar como as particularidades citadas podem ser observadas e entendidas no conto “El Huésped”. Para tanto, será utilizada a metodologia comparatista e os referenciais teóricos de Rita Schmidt, Márcia Hoppe Navarro, Flora Botton-Burlá, entre outras.

Palavras-chave: Amparo Dávila, gótico latino-americano, literatura de autoria feminina.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Araripe Júnior contra Cosme Velho: gótico e decadência em *Miss Kate* (1909)

Daniel Augusto Pereira Silva

Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada – UERJ/CAPES

O objetivo deste trabalho é confrontar o discurso crítico de Araripe Júnior (1848-1911) sobre a ficção decadente com a sua produção literária do início do século XX. Partimos da hipótese de que, embora tenha se posicionado contra a pertinência das poéticas negativas na literatura brasileira, Araripe Júnior fez uso sistemático de recursos do gótico e da decadência em suas obras. Sustentamos, ainda, que o autor desenvolveu estratégias discursivas e paratextuais para minimizar o caráter insólito de suas narrativas. Para verificar a validade das hipóteses, analisaremos o romance *Miss Kate*, publicado, em 1909, sob o pseudônimo de Cosme Velho. Na obra, além de estabelecer diálogos intertextuais explícitos com as histórias de Ann Radcliffe e Edgar Allan Poe, o escritor estrutura sua trama a partir de um relacionamento perigoso entre um protagonista neurastênico e uma *femme fatale*. Nesse sentido, apontaremos de que modo a poética decadente e a tradição gótica estão presentes no texto. Utilizaremos como base teórica os estudos de Jean Pierrot (1977), Barbara Spackman (1989), Évanghélia Stead (2004) e Alex Murray (2020) sobre a decadência, bem como os trabalhos críticos de Lúcia Miguel Pereira (1950), Alexandre Lima (2004), Hélder Castro (2018) e Geraldo Dias (2020) sobre o ficcionista.

Palavras-chave: decadentismo, literatura brasileira, crítica, Belle Époque.

Eixo Temático: Decadentismo e a literatura gótica.

As faces da lara

Daniele Mendes Sousa
Graduanda – UNIFESSPA

Danielle da Silva Rodrigues
Graduanda – UNIFESSPA

Esta comunicação tem como objetivo analisar a personagem lara no conto “A lara do Rio Santana”, no livro “Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia” (2019), de Walcyr Monteiro (1940-2019). A lara é uma lenda que faz parte do folclore brasileiro; sendo assim, estudaremos sob uma perspectiva do gótico, insólito ficcional e o fantástico como modo. Além disso, buscamos embasamento nos estudos de Flávio Garcia (2012), que descreve o insólito como uma categoria ficcional comum a variados gêneros literários. Já para Marisa Gama-Khalil (2019), o fantástico é entendido como um modo que agrega textos e gêneros heterogêneos por meio de um aspecto em comum: o sobrenatural, integrando o conto de fadas, o gótico, o maravilhoso, o estranho, a ficção científica e outras modalidades. Para complementar nossa base teórica, serão abordadas as ideias de Noël Carroll, especialmente a obra “The philosophy of horror” (1990). Também serão contempladas as obras “Folk-lore Brésilien” (1889), de Frederico José de Santa-Anna Nery e “Lendas Brasileiras” (2015) e “Geografia dos Mitos Brasileiros” (2012), de Câmara Cascudo. Dessa forma, pretendemos explorar a pluralidade que envolve as narrativas dessa personagem pelo viés gótico. lara é um ser insólito que habita os rios amazônicos, carregando uma assustadora maldição: seu canto hipnotizante e sua beleza mortal a transformam em uma ceifadora de homens, atraindo-os para o fundo das águas. * Orientação: Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA).

Palavras-chave: lara, “A lara do Rio Santana”, Walcyr Monteiro, gótico, insólito.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Pennywise e bicho papão: medo e configuração de personagens

Danielle Alves dos Santos
UNIFESP

Esta pesquisa visa analisar comparativamente duas criaturas fantásticas: o palhaço Pennywise, na obra *It* (2007), de Stephen King, e o Bicho Papão, criatura encontrada na obra *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (1999), sob a autoria de J.K. Rowling. O objetivo é analisar de que forma essas criaturas suscitam medo em suas vítimas e como elas são configuradas em termos de verossimilhança, o que aumenta a sensação de medo nas narrativas a que pertencem. Para isso é necessário analisar o comportamento e as características dessas personagens/criaturas, principalmente as características em comum, sendo a principal delas a de tomar a forma daquilo que suas vítimas mais temem; além disso, ambas as criaturas têm suas formas originais desconhecidas e transitam em meio ao que é ou não é real, o que também amplifica a sensação de medo. Para fundamentar esta análise, além das obras ficcionais das quais foi feito o recorte das personagens, será utilizada como base teórica a obra *A Ameaça do Fantástico* (2014), de David Roas, que define o gênero como só sendo possível quando comparado ao real, tanto para quem lê, quanto para quem está vivendo as histórias. Em relação ao medo, recorreremos a *Medo Líquido* (2008), de Bauman, e também o ensaio “Medo e Literatura”, de Júlio França, pertencente à coletânea *Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)*, publicado em 2009. Em termos de configuração de personagens, utilizaremos os estudos de Beth Brait (1985), Antonio Candido (2007) e Carlos Reis (2019). Esta pesquisa foi realizada com base nas leituras e fichamentos das obras ficcionais e teóricas, resultando em um artigo científico a fim de contribuir para a fortuna crítica das obras de King e Rowling.

Palavras-chaves: Pennywise, Bicho Papão, medo, configuração de personagens.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Zé do Caixão sob a ótica das tragédias gregas: o “herói” de *À meia-noite levarei sua alma*

Dennis da Silva Dias
Graduando – UFRGS

Na presente comunicação, busco fazer uma leitura comparativa entre a obra cinematográfica de José Mojica Marins, vulgo Zé do Caixão, e a tragédia grega. Para ser mais específico, tentarei contrastar as características constitutivas do personagem conhecido como Zé do Caixão (o filme “À meia noite levarei sua alma” foi onde o personagem foi criado) com a forma com que a literatura grega clássica aborda o conceito de “herói”. A meu ver, as características que fazem o personagem Zé do Caixão um dos maiores vilões do cinema brasileiro são as mesmas que o transformam em um herói trágico. Por meio da literatura comparada, os possíveis pontos de intersecção entre esse personagem e os heróis gregos serão analisados. Basearei o estudo com os livros *Guilt by descent: moral inheritance and decision making in Greek tragedy* (N. J. Sewell-Rutter), *Greek tragedy political philosophy* (Peter J. Ahrens Dorf), com a tragédia *Medeia* (Eurípedes), com *Ilíada* (Homero) e o filme *À meia-noite levarei sua alma* (José Mojica Marins). * Orientação: Claudio Vescia Zanini (UFRGS).

Palavras-chave: literatura comparada, tragédia grega, Zé do Caixão, José Mojica Marins, *À meia-noite levarei sua alma*.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

“Momma, please listen! It wasn’t my fault!” – o arquétipo da mãe terrível como manifestação do mal em *Carrie* de Stephen King

Diorgi Giacomolli
Mestrando – UFRGS

Este trabalho propõe uma análise do romance *Carrie* (Stephen King, 1974) com foco na dicotomia de mãe terrível/mãe boa e suas interfaces com a configuração do mal na trama. Para tanto, levanto três origens distintas para o mal: congênito (aquele que se pode ser identificado como predisposição), ensinado (passado adiante sob a crença de que seja, na verdade, o bem), e traumatizante (que surge de um trauma sofrido e é passado adiante em forma de trauma infligido). Tendo Eagleton (2010), Calder (2013) e Kekes (2005 e 2010) como bases teóricas para o mal, proponho que a personagem Margaret White é tanto produto quanto perpetradora do mal, de acordo com as hipóteses citadas acima. Para dar suporte a estas, empregarei as teorias psicanalíticas contidas na obra de Jung e de Freud, como referências principais para os estudos sobre arquétipos de mãe e sobre estrutura familiar, respectivamente. Nessa perspectiva, meu objetivo é apontar de que forma a violência praticada pela personagem supracitada pode não só ser definida como deturpadora da moral, mas também como manifestação de um mal que se dá a partir do princípio de pecado original.

Palavras-chave: manifestações do mal, literatura de horror, arquétipos de mãe, teorias psicanalíticas, pecado original.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

Os fantasmas sociais de *Parasita*

Dudlei Floriano de Oliveira
Doutorando – UFPel e Professor – IFRS

Melissa Hall (2007) afirma que fantasmas são um símbolo com o qual a humanidade compreende a realidade. Filmes de fantasmas costumam trazer narrativas sobrenaturais centradas em um conflito entre mortos e vivos, como em *O Iluminado* (1980) e *Poltergeist* (1982). Em ambos os filmes, o aspecto espacial é relevante para o embate entre os fantasmas e os vivos, pois há uma violação do espaço por parte dos vivos ao edificarem outro prédio sobre cemitérios. Consequentemente, a presença de fantasmas em meio aos vivos é uma busca por reparação. *Parasita* (2019), embora seja um filme sem elementos sobrenaturais, pode ser visto como um filme de fantasmas. Os fantasmas aqui também ocupam o mesmo espaço físico das vítimas, mas o que os classifica como fantasmas não reside no aspecto sobrenatural da morte, mas na estratificação social. Como em filmes de fantasmas que mostram a verticalidade do espaço como metáfora do mundo dos vivos (moradia) e mundo dos mortos (cemitério), em *Parasita* a verticalidade arquitetural e urbanística denota a diferença entre classes sociais, evidenciando que quanto mais alto se está geograficamente, maior o poder social e aquisitivo. Assim, os fantasmas de *Parasita* não são os tradicionais fantasmas sobrenaturais, mas fantasmas sociais que, ao invés de ocuparem cemitérios, ocupam espaços subterrâneos e ocultos, tornando-os socialmente invisíveis. Este trabalho busca compreender *Parasita* como um filme de fantasmas, analisando o conceito de “fantasma social”, além de abordar como os espaços arquitetônicos e urbanísticos diegéticos conferem ou limitam direitos sociais a determinados grupos sociais.

Palavras-chave: *Parasita*, cinema, fantasma social, espaço, estratificação social.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

A aclimação do vilão gótico para o Brasil Colonial em *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela

Edson José Rodrigues Júnior
Mestrando – PPGL/UFPE

É consenso entre teóricos que o modo literário gótico é uma escrita de convenções. As regras do gótico setecentista sempre foram bem estabelecidas por esta ser, quiçá, a primeira literatura a alcançar amplo sucesso comercial e apelo às massas, de modo que a “fórmula gótica” foi repetida ao ponto do clichê (MULVEY-ROBERTS, 2009). Todavia, esses estanques *topoi* foram significativamente alterados em iterações posteriores da literatura gótica, principalmente para serem aclimatados a outras realidades que não o Reino Unido imperialista, protestante, liberal. Essas reformatações originaram uma miríade de góticos outros nos três séculos seguintes: gótico colonial, gótico rural, gótico tropical etc. O presente trabalho tem como objetivo analisar a reconfiguração do vilão aristocrata – medalhão do gótico clássico – para o contexto brasileiro do fim do século XIX a partir do personagem Jaime Favais, protagonista do clássico romance-folhetim pernambucano *A emparedada da Rua Nova* (1886), de Carneiro Vilela. Para tanto, nos embasamos no aporte teórico de Botting (1996), Punter (1996; 2004) e Mulvey-Roberts (2009) sobre a literatura gótica; Warwick (2009) e Meireles (2016) sobre o gótico colonial; bem como de Vieira (2013) e Varejão Filho (2013) sobre o romance objeto. Nossa análise concluiu que Favais pode ser interpretado como uma atualização do aristocrata despótico para o contexto colonial brasileiro. Mesmo partilhando das características de vilões tradicionais como Manfredo e Montoni – é usurpador, inescrupuloso, paranoico e extremamente ganancioso –, o comendador traz em si inerentes mutações que refletem o panorama da sociedade finissecular pernambucana (e, metonimicamente, da brasileira): *status* de pequeno burguês, patriarcalismo machista, cordialidade e traquejo social. Enquanto os aristocratas setecentistas encarnavam o horror de uma classe dominante cujos caprichos não podiam ser negados, Favais escancara a monstruosidade do alpinismo social e da revolução burguesa no Brasil colonial, os horrores de uma classe que ainda buscava assegurar sua dominação.

Palavras-chave: gótico, gótico colonial, vilão, Carneiro Vilela.

Eixo temático: O gótico tropical.

O gótico e o sublime na escrita esquecida de Galdino Pinheiro

Eduardo da Rocha Marcos
Doutor em Letras – UPM

Esta proposta de comunicação tem como objetivo resgatar o conto “Sertório”, do escritor Galdino Fernandes Pinheiro, e analisar como se manifesta a construção de uma narrativa gótica a partir de elementos próprios do espaço tropical. Fernandes, que assinava com o pseudônimo Galpi, tido como um autor esquecido pela historiografia da literatura brasileira, viveu no século XIX e sua curta produção limitou-se à coletânea de contos *Narrativas Brasileiras* (1884) e ao romance, *O Flor* (1885). Em nosso estudo, analisaremos alguns dos procedimentos literários utilizados pelo autor dentro da perspectiva dos elementos da tradição gótica, e como ele articula a construção do gótico tropical e do sublime em sua escrita. Nossa hipótese parte do pressuposto que o autor faz uso do sertão como espaço da narrativa de terror, misturando o gótico tradicional a uma escrita com características nacionais próprias. Para tanto, tomamos como instrumentos de análise aportes teóricos dos estudos do pesquisador Daniel Serravalle de Sá (gótico tropical) e o conceito de sublime do filósofo Edmund Burke.

Palavras-chave: gótico, gótico tropical, sublime, Galdino Pinheiro.

Eixo temático: O gótico tropical.

A história no terror e o terror na história: uma leitura de “A Bruxa”, de Robert Eggers

Eduardo de Faria Carniel
Doutorando – FFLCH/USP

O filme *The Witch*, de Robert Eggers, foi considerado um expoente de um ciclo recente do cinema de terror contemporâneo, marcado pelo abandono do susto em favor da construção de uma atmosfera inquietante e pela centralidade do tema da unidade familiar e da sua degradação. A construção formal peculiar do filme - caracterizada pela reconstrução histórica obcecada, inclusive no diálogo dos personagens - entra em choque com os seus elementos extrarrealistas, como as epônimas bruxas. A partir do aparato teórico da crítica fílmica materialista, buscaremos analisar aspectos do filme - centralmente o choque entre verossimilhança e fantasia colocado pela mise-en-scène, e os compromissos narrativos estabelecidos pelo foco da personagem Thomasin - a fim de investigar de que maneira se estabelece o contato entre narrativa e História na obra. Considerando o debate sobre a perda da experiência da historicidade do período pós-moderno, buscaremos responder de que maneira as escolhas formais do filme ambicionam repor essa experiência. Também exploraremos quais pontos de contato existem entre a matéria histórica retratada, do século XVII na Nova Inglaterra, com a contemporânea, e de que maneira o deslocamento do foco narrativo para uma mulher em pleno período de caça às bruxas nos informa sobre processos de reestruturação econômica cujas consequências são frequentemente ocultadas e reprimidas, tanto lá como no presente.

Palavras-chave: bruxas, cinema, horror, historicidade, reprodução social.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

O gótico tropical e o *locus horribilis* em *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo

Elisa Hübner Alves
Mestranda em Letras – UFRGS

Morgana Wittmann Lanzarin
Graduada em Letras – UFRGS

Os contos de Álvares de Azevedo reunidos em *Noite na taverna* se passam predominantemente no estrangeiro, nos países Itália, França, Espanha e Inglaterra, ainda que a própria taverna esteja em território nacional, partindo da hipótese candidiana acerca de *Macário*, peça teatral que serviria de prólogo ao livro e descreve a violência e decadência paulista de 1850 (CANDIDO, 2017). De acordo com Cunha (2016), as referências literárias de Azevedo incorporam a literatura gótica nas suas obras a partir de uma concepção de “renewal of art” (p. 182), que recusa as convenções nacionalistas e o entusiasmo com o progresso brasileiro. O autor procura, por outro lado, revelar uma posição cética por meio de sua literatura, que se insere no Gótico Tropical pela articulação de referências externas e do contexto nacional, processo comum nos trópicos no contexto de construção de identidade e sistema literário pós colonização (EDWARDS; VASCONCELOS, 2017). Seguindo essa linha, a escolha dos *loci horribilis* no estrangeiro se dá, por hipótese, vinculada à concepção de recusa da literatura nacionalista, ainda que não restrita a uma literatura “alienada”, de fora da realidade brasileira. O conceito de *locus horribilis* passa pela convenção do lugar isolado, de ambiente opressivo, assustador (FRANÇA, 2017), normalmente associado à imagem do castelo, presente no Brasil apenas como referência, uma vez que não existe como construção física (SÁ, 2010, p. 22). Os contos se valem de outros *loci* que se afastam do território nacional, mas são construídos na intensa atmosfera do delírio e do sonho, nos quais os indivíduos participam de uma espécie de mundo paralelo, isolado: “um jogo estranho, mas fascinador” (CANDIDO, 2017, p. 169). O presente estudo investiga o modo como se dá a presença dos *loci* europeus em contraste com os elementos nacionais, a fim de compreender as tensões entre nacional e estrangeiro em a *Noite na taverna*.

Palavras-chave: *locus horribilis*, *Noite na taverna*, gótico tropical, Álvares de Azevedo.

Eixo temático: O gótico tropical.

A loucura e a imaginação em *Fran Bow* – quatro leituras possíveis

Elisa Silva Ramos
Doutoranda em Literatura – UFSC/CAPES

A proposta deste trabalho é analisar os conceitos da loucura e da imaginação no videogame *Fran Bow* para melhor entender como estes elementos constroem uma narrativa fragmentada, característica do discurso gótico. Em *Fran Bow*, a personagem principal, uma menina de dez anos de idade, encontra seus pais assassinados em sua própria casa e, em seguida, é internada em um hospital psiquiátrico sob o pretexto de recuperar-se desse trauma. No entanto, ao longo da história, várias controvérsias são levantadas a respeito desses eventos, as quais contestam a própria sanidade mental da garota e a sua percepção da realidade, deturpada devido ao uso de medicamentos psicotrópicos. Os elementos da loucura e da imaginação encontrados nessa narrativa apresentam, dessa forma, uma sequência de eventos fragmentada, onde não é possível ao jogador identificar com exatidão quais fatos seriam reais e quais poderiam ser fantasiosos, frutos da mente alterada de Fran. A narrativa conturbada do jogo abre a possibilidade de pelo menos quatro leituras possíveis, as quais não são sempre exclusivas: 1. Fran possui um distúrbio mental; 2. Os medicamentos sendo administrados são nocivos à menina; 3. A história inteira não passa de uma alucinação e Fran jaz internada no hospital; 4. A imaginação infantil da garota se mistura à própria realidade. Portanto, este trabalho se propõe a apresentar estas quatro leituras possíveis a partir dos elementos sugeridos pela narrativa os quais podem alterar a percepção da realidade da personagem principal e, conseqüentemente, do jogador, como a possibilidade da presença de uma doença mental e o uso de entorpecentes. O aparato teórico do trabalho se baseará principalmente nos textos de Botting a respeito da loucura e da imaginação em seu livro *Gothic* e nas considerações de Punter e Byron a respeito da alucinação e do uso de narcóticos na literatura gótica em *The Gothic*.

Palavras-chave: loucura, imaginação, fragmentação, videogames, *Fran Bow*.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

“A morte está aqui, e a morte está ali; por toda a parte a morte está ocupada”: paisagens cemiteriais em *O Prazer*, de Gabriele D’Annunzio

Fabiano Dalla Bona
Docente – PPGLN/UFRJ e
PPG Italiano/USP

Desde os primórdios da literatura, túmulos e cemitérios foram usados como motivos literários que se tornaram *topoi*, metáforas com uma significação fixa ou convencional. Na literatura grega e latina, são conhecidas miríades de epitáfios e outras formas de escritos epigramáticos usados em contextos de sepultamento. Eles foram transmitidos e traduzidos continuamente ao longo dos séculos em suas duplas funções de lembrar os mortos e de lembrar aos vivos de sua mortalidade (*memento mori*). Mas foi no século XVIII que o cemitério adquiriu um importante papel na literatura. As necrópoles, túmulos e epitáfios tornaram-se populares através da chamada “Graveyard School” inglesa, alimentando uma tendência literária que pavimentou o caminho para o romance gótico e outros gêneros intimamente relacionados ao obscuro e à morte. É possível se falar, portanto, também de uma paisagem peculiar ligada a esse tipo de espaço, definido com a expressão *lastscape*, termo cunhado pela pesquisadora italiana Emanuela De Leo (2006). Partindo desse conceito, da visão dos cemitérios elaborada por Ricoeur (2007), Ariès (2012) e Foucault (2013) e do conceito de paisagem literária de Michael Jakob (2005, 2009) apresentaremos alguns exemplos de descrições de cemitérios na obra de Gabriele D’Annunzio, com especial atenção aos trechos do romance *Il Piacere* (O Prazer – 1889) quando os protagonistas visitam a tumba do poeta inglês Percy Shelley no Cemitério Inglês de Roma. Serão trazidos, também, exemplos de apropriação e/ou tradução de trechos shelleyanos ligados ao tema da morte na obra do escritor decadentista italiano aqui em análise.

Palavras-chave: *lastscapes*, paisagens cemiteriais, decadentismo, Gabriele D’Annunzio, morte.

Eixo temático: Decadentismo e literatura gótica.

Cadernos dos Horrores: o profano encontro entre marxismo e gótico na formação crítica da educação básica

Fábio Alexandre Tardelli Filho
Mestre em Educação – UFSCar
Professor de História da Rede Pública Estadual - SP

Cadernos dos Horrores foi nome cedido para a terceira edição da *Revista Aprendiz de Cientista*, material pedagógico que criei, voltada para secundaristas da rede pública estadual. Com distinção de que essa edição dos Cadernos se fez um concurso de histórias góticas para estudantes e teve como objetivo realizar uma análise de como estudantes da rede pública conseguiriam expressar, em plena pandemia, seu repertório cultural por via da literatura, além de, também, almejarmos a distribuição de livros por via de premiação, fomentando a leitura desse gênero. A *Aprendiz de Cientista* tem pauta pedagógica estruturada por Vigotski e Anton Makarenko, e por tal reconhece os mecanismos da imaginação, criatividade como princípios do trabalho educativo em uma relação dialética de que, ao estudante, o criar se assemelha ao trabalho não alienado do sujeito adulto. Pelos materiais submetidos buscamos, essa edição contou com a parceria da equipe do *podcast Prolecast*, compreender a natureza desses sujeitos e fornecer condições reflexivas para que desenvolvessem *práxis* revolucionária. Conseguimos ampliar o alcance de nossa proposta debatendo elementos da formação político-social, repertório histórico e a dimensão ontológica dos estudantes ao relacionar seu conhecimento científico-escolar com questões concretas como luta de classes [além de racismo e machismo] como também solidão e angústias pessoais [campo da saúde mental]. O gótico é um elemento bastante importante nas obras marxistas: vampiros, bruxas e feiticeiros aparecem em diversos escritos, e para além dos educadores citados recorreremos à Bertold Brecht, Terry Eagleton e Silvia Federici, que analisam fortemente a questão cultural, literatura e folclore, para nos auxiliarmos nas reflexões junto à nomes da literatura como H. P. Lovecraft, Stephen King e pesquisadores nacionais que tem se esmerado no assunto. Um texto sobre quando na educação básica houve o profano encontro entre marxismo e gótico em uma contribuição à formação crítica.

Palavras-chave: educação crítica, marxismo, Cadernos dos Horrores, gótico.

Eixo temático: O gótico na escola e em projetos de ensino de literatura e língua.

A violência, o racismo e o sagrado: o gótico em contos de Flannery O'Connor

Fernanda Aquino Sylvestre
Professora Doutora – UFU

Este trabalho tem como objetivo analisar aspectos como a violência, o racismo e o sagrado em alguns contos da escritora Flannery O'Connor, a saber: “Um homem bom é difícil de encontrar”, “O rio”, “A vida que você salva pode ser a sua”, “O refugiado de guerra” e “Gente boa da roça”. Os temas selecionados para estudo das narrativas escolhidas serão tratados do ponto de vista gótico, mais especificamente do *Southern Gothic*, ou seja, da vertente gótica que se atenta para os elementos macabros e irônicos como forma de examinar os valores sulistas dos Estados Unidos. Também será abordada a construção do humor negro e da ironia usados como recurso estético por O'Connor para acentuar a perversidade das personagens e de seus atos, corroborando para intensificar o aspecto grotesco dos contos da escritora que retrata personagens mutilados e desajustados mentalmente, vivendo em ambientes decadentes, perturbadores e abandonados. Como aporte teórico, serão usadas as seguintes referências: Punter (2004), Bloom (2009), Kirk (2008), Dunne (2009), Sykes Jr (2009), Cofer (2014), Yousaf (2016), Savoy (2016) e Sivils (2016).

Palavras-chave: *Southern Gothic*, Flannery O'Connor, violência, sagrado, racismo.

Eixo temático: *Southern Gothic*.

A corrupção do arquétipo feminino no gótico presente na obra *Senhorita Christina*, de Mircea Eliade

Fernanda da Cunha Correia
Doutoranda – UPM

Giovanna Suleiman das Dores
Mestranda – UPM

Este trabalho visa a refletir a respeito da corrupção do arquétipo feminino no gótico presente na obra *Senhorita Christina* (2011), de Mircea Eliade. O trabalho foi desenvolvido com o intuito de discorrer sobre a concepção tríplice do arquétipo feminino, sob o ponto de vista da psicóloga sênior Junguiana Clarissa Pinkola Estés (2007), e a construção da mulher-fatal a partir dos teóricos Joseph Campbell (2008) e Shahrukh Husain (2000) e sua consequente corrupção dentro do ambiente gótico presente na ambientação em uma casa senhorial decadente, sob o ponto de vista teórico de Anne Williams (1995), além de levar em consideração o conceito de mito e a construção do espaço como uma mimesis do arquétipo celestial, ambos trabalhados por Mircea Eliade (2000 e 1996). O artigo conta com uma exploração da construção do gótico através da análise centrada na personagem-título e nas personagens Simina, Sanda e Dona Moscu. Em face desse contexto, indagamos: Qual o arquétipo feminino construído na obra? Qual o processo de corrupção desse arquétipo feminino através do gótico? Qual a importância da ambientação da construção e consequente corrupção das personagens?

Palavras-chave: mulher-fatal, gótico, espaço narrativo, corrupção, arquétipo.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Senhora ou bruxa? A caracterização de Morwen como bruxa pela visão de personagens masculinas em Tolkien

Fernanda Dalben de Freitas
Mestranda – UNIFESP

Esta comunicação, parte integrante de uma pesquisa de mestrado recém iniciada, pretende analisar a personagem feminina Morwen, da obra *Os Filhos de Húrin*, de Tolkien. Almeja-se discutir em que medida é caracterizada figurativamente como uma bruxa e é vista como tal pelas personagens masculinas na narrativa. Como aporte teórico, recorreremos a Arantes (2016), Jackson (2009) e Roas (2014), para análise do gênero literário fantasia, no qual a obra se encaixa; buscamos em Candido (2014) e Brait (1985) apoio em relação à caracterização de personagens; e em Croft (2015), Hopkins (1996) e Rios (2005), em termos da representação de personagens femininas na obra de Tolkien. Também usamos os estudos de Clark (2006), Russell e Alexander (2019) e Chiovatto (2019), para a delimitação do termo bruxa de forma a embasarmos as análises feitas sobre nosso objeto de estudo. Espera-se como resultado da pesquisa aprofundar a compreensão de como se dá a caracterização figurativa de nosso objeto de estudo, Morwen, e verificar nossa hipótese de que a mesma seja considerada bruxa a partir da perspectiva masculina na obra.

Palavras-chave: Tolkien, Morwen, figuração da personagem bruxa.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

O vilão gótico em produções brasileiras do século XIX

Fernanda Martinez Tarran
Doutoranda em Letras Estudos Literários – UEL

Álvares de Azevedo foi o grande responsável por introduzir na literatura brasileira elementos da tradição gótica, como a noite, o ambiente citadino labiríntico, o amor não realizado e a morte. Em seus contos intitulados *Noite na taverna* (publicados postumamente em 1855), histórias macabras de crimes do passado são contadas por jovens desiludidos, entregues à bebida, tendo a morte como última perspectiva. Tal temática alcançou grande sucesso de público, razão pela qual várias narrativas foram escritas, principalmente na segunda metade do século XIX, na esteira de seu êxito, imitando-lhe abertamente os temas, a estrutura em narrativas encaixadas e os personagens. A intenção desta pesquisa é empreender o exame de textos similares, publicados no mesmo período, em território nacional e que compartilham elementos pertencentes ao universo do gótico. Pretendemos cotejar seus protagonistas, bem como examiná-los levando em consideração a figura do vilão. Menon (2007) afirma que, nos tempos em que o termo se consolidou, via-se o indivíduo proveniente da vila – o vilão – como degradado e corrompido. Assim, os primeiros vilões góticos tinham, como principais características, a dissimulação, a ganância e o apego aos bens materiais. Com o tempo, no entanto, os ingredientes foram se modificando: enquanto a maldade dos vilões clássicos do século XVIII parece imotivada e gratuita, a vilania da ficção gótica do século XIX já vem frequentemente imbuída de uma possível causalidade. As possibilidades de justificativa para a crueldade dos personagens são, talvez, um reflexo do advento do Romantismo, com seu pensamento voltado para o indivíduo e sua história. Baseando nossa análise em pesquisa bibliográfica de cunho teórico-crítico, fundamentada em autores como Punter, Botting, Cohen e Nazário, intentamos ampliar o campo de visão acerca das produções do gótico ultrarromântico brasileiro do século XIX, revelando como se deu o diálogo entre as obras, sobretudo no que toca à vilania.

Palavras-chave: vilão gótico, literatura brasileira, século XIX.

Eixo temático: Crimes e maldades.

Monstros às margens em narrativa “weird”

Franciane Lima Sousa
Doutoranda – PPGEL/UFG Catalão

Esta proposta de comunicação pretende analisar como o imaginário monstruoso criado pelo escritor norte-americano Howard Phillips Lovecraft, alicerçado em uma visão xenofóbica e racista vigente nas primeiras décadas do século XX, vem sendo revisitado e subvertido para promover leituras que contemplem questões do outro na sociedade de hoje. Tomamos como corpus o romance *A forma da água* (2018), de Guillermo del Toro e Daniel Kraus em alinhamento a um conjunto de categorias de monstruosidade presente nos contos de H. P. Lovecraft tais como, “Dagon” (1919), “O chamado de Cthulhu” (1928) e “A sombra de Innsmouth” (1931). Usamos para esta pesquisa a metodologia bibliográfica e exploratória, a ser fundamentada pelo suporte crítico de, dentre outros, Remo Ceserani (2006), Jeffrey Jerome Cohen (2000), Stephen Asma (2009), Zygmunt Bauman (1998), Luiz Nazário (1998), S. T. Joshi (2013), Stuart Hall (2004) e Gayatri Chakravorty Spivak (1985). Partimos da hipótese de que o romance de Guillermo del Toro e Daniel Kraus demonstra como o elemento da água, incorporado pelo monstro aquático do romance *A forma da água* (2018) constrói uma narrativa *weird* que valoriza a diferença ao mesmo tempo em que critica discursos preconceituosos e excludentes.

Palavras-chave: ficção *weird*, alteridade, monstruosidade.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Entre o gênese do medo e os campos mortíferos: o plasma do delírio em *Drácula*, de Bram Stoker

Francisca Júlia da Silva Soares
Graduanda – UFCG

Na linguagem corrida do século XVIII surgia um dissemelhante estilo literário unido ao romantismo, com uma grafia ímpar e (co)agindo com o texto (a)normal, a tornar célebre e rica a literatura gótica. Produto da revolução industrial, os centros urbanos e a expansão da idade média tornaram-se cenário escrito nos romances, tornando o gênero uma identidade social nas narrativas fictícias. A luz do racional sublime e o extraordinário, compõe figuras obscenas, que ultrapassam o exótico, tornando a psique um campo vasto em patologias distintas e consciência elucubrada, a engenhar sentimentos e ações. Tal comportamento é observado no escrito do reverente Bram Stoker, em *Drácula* (1897), o qual por meio de um confessionário redigido, os costumes irreais e as convulsões psicóticas do conde Drácula, percorre as zonas conflituosas e aterrorizantes do castelo. O presente trabalho examina o comportamento abissal da personagem, bem como avaliar os aspectos de insanidade refletidas na figura vampiresca. Como arcabouço teórico utilizou-se das obras de Freud e Lacan para esmiuçar a teoria dos distúrbios patológicos, a partir de uma leitura cuidadosa. Por fim, a vil criatura compõe quadros angustiantes, deixando suas vítimas em pânico letárgico, aterrorizando e tornando sanguinário os campos da Transilvânia. * Orientação: Hermano de França Rodrigues (UFPB).

Palavras-chave: literatura fantástica, gótico, *Drácula*, psicanálise, loucura.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

“O prisioneiro dos *shedins*”, uma descida ao submundo de Olam

Francisco de Assis Ferreira Melo
Doutorando – UFCAT

Nesta proposta, de cunho teórico, interpretativo e analítico, refletiremos sobre o conto “O prisioneiro dos *shedins*”, de Leandro Lima Wurlitzer, que veio a se tornar o capítulo um de *As crônicas de Olam*. Nele, são mostradas criaturas atormentadas que se movimentam pelos labirintos caóticos da região de *Salmavet* e que não podem exibir as suas características horripilantes para nenhum espectador na superfície. Igualmente, temos a oportunidade de ver o soldado Kenan iniciando uma jornada que o ser humano tenta evitar: a confrontação com os seus medos. Ele é um soldado de Olam atormentado por sombras de uma guerra e que fraquejou ao descer pela primeira vez ao submundo, tendo que conviver com o sentimento mais antigo que conhece, o medo (LOVECRAFT, 2008). Apesar da longa descida, enfrentar a representação do demônio é, para ele, o infortúnio de sua existência. Movido por esse medo, ao passar da superfície para o subterrâneo, rompe fronteiras existentes entre ficção e realidade (TUAN, 2005), confundindo-se, na medida em que cada uma se interpenetra e dá forma à outra, contrariando os padrões convencionais de diferenciação (BOTTING, 2008). A impressão e a sensação de medo se ligam, produzindo um meio ambiente ameaçador, fundamentando e subjetivando jornadas (ROAS, 2014), como a de Kenan. Em sua descida, a experiência subjetiva bem como a materialização de seus medos completarão todo seu desconhecimento do submundo de Olam. Desta forma, pretendemos compreender como a presença do medo em face à presença de criaturas monstruosas pode ser confirmado, a partir das concepções teóricas do gótico segundo Fred Botting (2008), do medo de acordo com Howard P. Lovecraft (2008) e Yi-fu Tuan (2005), do fantástico por David Roas (2014), aspectos presentes em uma atmosfera de alta fantasia.

Palavras-chave: gótico, medo, submundo, monstros.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Vislumbres e delírios sombrios: o gótico brasileiro em *O Despertar da Besta*, de José Mojica Marins

Gabriel da Fonseca Mayer
Graduando – UFRGS

O presente trabalho busca apresentar uma análise do longa-metragem brasileiro *O Ritual dos Sádicos / O Despertar da Besta* (1969), de direção de José Mojica Marins, o Zé do Caixão, com o objetivo de estabelecer conexões da obra com aspectos do Gótico brasileiro, em especial apontamentos levantados por Barros (2016) e França e Silva (2015), passando pela análise do trabalho de Marins e do horror no cinema brasileiro apresentados por Cánepa (2008). Barros (2016) discute os conceitos de alegoria e fantasma, utilizando-os para compor uma leitura de Lúcio Cardoso e Cornélio Penna, destacando mecanismos narrativos que colocam o passado escravocrata e latifundiário pré-republicano do Brasil como um passado fantasmagórico; tal análise fundamentará um modelo de abordagem ao filme de Zé do Caixão, que busca levantar possíveis significados para símbolos com potencial alegórico na narrativa; Xavier (2014) contribuirá para a ideia de alegoria enquanto elemento cinematográfico. As abordagens aos temas sexo e medo presentes em França e Silva (2015), bem como suas reflexões sobre sonhos e pesadelos, motivam-se pela ressonância de tais assuntos com a narrativa de *O Ritual dos Sádicos / O Despertar da Besta* e de sua forte relação com o Gótico. Por fim, Cánepa (2008) embasará uma reflexão sobre a relação do filme abordado com a estética e realidade do cinema brasileiro durante sua produção e subsequente lançamento. * Orientação: Claudio Vescia Zanini (UFRGS).

Palavras-chave: Zé do Caixão, gótico, José Mojica Marins, *O despertar da besta*, cinema brasileiro.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

A monstruosidade feminina como ordem natural

Gabriela Carlos Luz

Mestra em Estudos Literários – UNESP/FCLAr

Uma das características do monstro é sua apresentação como uma figura que descreve um medo específico para um grupo. No caso de monstros femininos esse medo é personificado pelo medo do feminino em si como ordem natural. A natureza feminina, ao ser narrada pelo indivíduo que lhe teme, é transfigurada para uma ordem abjeta – onde todo seu aspecto natural é cunhado como algo que repele – e para uma ordem castradora – que tem como função castrar e devorar o masculino. A representação da mulher como abjeta e castradora pode ser encontrada em diversas narrativas, porém neste estudo trabalharemos com algumas representações de monstros femininos que personificam a natureza simbólica em literatura. Elas são: Cila e Caríbidis no canto XII da *Odisseia*; A Mãe de Grendel em *Beowulf* e a aranha Laracna em *Senhor dos Anéis – As Duas Torres* (1954). Utilizaremos os estudos de Barbara Creed em *The monstrous-feminine film, feminism, psychoanalysis* (1993) e de Julia Kristeva em *The Powers of Horror* (1980) assim como diversos outros estudos sobre a monstruosidade feminina e temas do abjeto e da natureza simbólica como exemplificados por Joseph Campbell em *O herói de mil faces* (1936). Abordaremos como a descrição de personagens monstruosas femininas refletem o medo da natureza feminina que, nesses casos, representa a ordem natural.

Palavras-chave: abjeção, feminismo, monstros, monstruosidade feminina.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

**“He dug up a fairy-mount against my advice, and had no luck afterwards”:
Castle Rackrent e os diálogos entre o folclore irlandês e o gótico na ficção de
Maria Edgeworth**

Gabriele Cristina Borges de Morais
Doutoranda em Estudos Literários – UNESP/FCLAr/CAPES

Esta comunicação se propõe a apresentar o romance *Castle Rackrent* (1800), da escritora anglo-irlandesa Maria Edgeworth (1768-1849), e a maneira como o folclore irlandês se alia à maquinaria gótica para expressar resistência à dominação não apenas da Irlanda pela Inglaterra, mas também da população nativa pelos tirânicos proprietários de terra ausentes. O romance, ambientado no ancestral castelo da linhagem Rackrent e narrado pelo fiel administrador Thady Quirk, apresenta quatro gerações de herdeiros que, com seus excessos e exploração da população local, levam a propriedade à ruína. Enfocaremos as tiranias de dois desses herdeiros, os irmãos Sir Murtagh e Sir Kit Rackrent, e a maneira como o folclore local e os elementos da ficção gótica se entremeiam para livrar Castle Rackrent desses vilões. No trecho citado no título do trabalho, Sir Murtagh insiste em escavar um formigueiro, que na superstição irlandesa serviria de lar para entidades mágicas, sendo punido com a morte após ouvir-se o canto de uma *banshee*. Já em Sir Kit se materializa a figura do gótico que aprisiona a esposa por sete anos e termina morto em duelo com o irmão de uma moça que tentou seduzir vilão. Nossa apresentação será guiada pelas discussões sobre o Gótico presentes em Botting (2006), bem como a fortuna crítica de *Castle Rackrent* e sua posição na tradição do Gótico irlandês (Hansen, 2009).

Palavras-chave: Maria Edgeworth, *Castle Rackrent*, folclore irlandês, romance gótico, século XVIII.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Mulheres monstruosas: o lugar de exclusão (e empoderamento) do ser feminino no folclore brasileiro

Giovana Guimarães Gonzaga
Graduanda – UFCAT

A partir da leitura de alguns contos reescritos sob a temática do folclore brasileiro, foi possível perceber que os autores abordaram estes monstros de forma verossímil e procuraram manter a climática de suspense, ameaçadora e assustadora como nos escritos infantis, mas desta vez apenas inserindo os monstros já conhecidos em narrativas distintas em que o lugar de monstruosidade da mulher se destaca entre outros monstros. Como base teórica, temos, Luís da Câmara Cascudo com duas de suas obras: *Dicionário do folclore brasileiro* (1952), em que se encontra um compilado de pesquisas à cerca da cultura brasileira em geral, desde lendas folclóricas até cantigas e danças características. Já o livro “Geografia dos mitos brasileiros” (1947). Por outro lado, temos Sílvia Alexim Nunes que afirma em *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha* (2000), a feminilidade da mulher coexiste entre dois extremos: a boa, passiva, amorosa, castrada e por outro lado, a destruidora, potente, fálica, castradora e sádica. No entremeio de uma sociedade construída em sua grande maioria contra os direitos, liberdade e autoria feminina chama a atenção como o folclore brasileiro possua tantas personagens femininas de autonomia e exercendo poder. Temos como objetivo nesta pesquisa valorizar o folclore brasileiro para além das margens da literatura infantil e mostrá-lo como gerador e perpetuador na cultura do medo em relação a mulher. Neste sentido, conforme a pesquisa irá demonstrar por meio do corpus selecionado, chama a atenção a presença de criaturas sobrenaturais femininas que revelam o medo que a mulher provoca sobre o imaginário do homem. Para tanto, focaremos em personagens como, dentre outras que a pesquisa irá trazer, Iara, Mula sem cabeça, Cuca e Boiuna. * Orientação: Alexander Meireles da Silva (UFCAT).

Palavras-chave: feminino, folclore, Brasil, literatura, gótico.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Aristocracia e bárbarie na obra de Bram Stoker: relatório de uma pesquisa em curso

Guilherme Alfradique Klausner
Doutorando – PPGD/UERJ

Pretendo, em minha exposição, relatar as hipóteses e os desenvolvimentos já melhor elaborados da pesquisa que venho conduzindo no meu doutorado acerca da forma como o conceito de classe, como desenvolvido por autores britânicos a partir do século XVIII, e especificamente a diferença entre a nobreza e a burguesia, aparece em três obras de Bram Stoker, quais sejam, *Dracula*, *The Jewel of Seven Stars* e *The Lair of the White Worm*. Assumindo como parâmetros metodológicos uma história dos conceitos (R. Koselleck) adaptada para o estudo de imagens literárias (C. Schmitt) e tendo como principais referências teóricas David Cannadine, Nick Groom e os biógrafos de Stoker, Barbara Belford, David Skal *et al.*, estudo as obras do autor irlandês focando em uma análise etimológica e filológica de determinados termos (i.e. *berserker*, que aparece em *Dracula* e *The Lair of the White Worm*) e nas narrativas histórico-científicas nelas reconstruídas. Busco, em minha pesquisa, entender as obras em seu contexto sócio-político e literário, a partir de duas premissas: a de que elas constituem um microcosmo simbólico cujas imagens transbordam para além dos limites do texto, sendo as compreensões intratextual e extratextual interdependentes *lato sensu*, e de que essas imagens são pensadas a partir de modelos desenvolvidos em uma tradição literária contínua, que, apesar de inseridas em uma estrutura narrativa ao menos parcialmente desenvolvida por autores que foram vinculados ao romance gótico, antecedem ao mesmo. As interpretações e associações contemporâneas e recentes feitas dessas imagens me interessam no tanto que demonstram a permanência da inteligibilidade dos índices, máquinas abstratas e agenciamentos (Deleuze e Guattari) que as compõem e, conseqüentemente, a permanência do conceito de classe como ponto nodal de uma visão-de-mundo britânica, bem como no tanto que permitem a exploração de outras imagens importantes para essa visão-de-mundo.

Palavras-chave: Bram Stoker, conceito de classe, história política da Inglaterra, imagens da nobreza e da burguesia.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

Do horror ao pêndulo ao martírio da psique: a angústia hemorrágica na contística de Edgar Allan Poe

Guilherme Ewerton Alves de Assis
Graduando Letras Português – UFPB

Numa das principais tragédias gregas, Ésquilo traz-nos, do florilégio mitológico, a narrativa de Prometeu. O titã, após roubar o fogo de Zeus, é acorrentado em um rochedo, onde, dia após dia, uma águia devora o seu fígado que, dolorosamente, tem a capacidade de se regenerar a cada noite. Além do tormento físico, a tortura psicológica alberga em saber, enovelado em afetos, cujo encapsulamento coloca a vítima em estado de desespero. À espera da ave castradora, o titã submerge-se em angústia, a partir da qual ritualiza o seu drama e, com isso, suporta-o. Algo semelhante ocorre, por exemplo, no horripilante conto “O poço e o pêndulo” (1842), do mestre do horror Edgar Allan Poe. No intento de desnudar as nuances da angústia, que irrompe graças ao estado de perturbação inconsciente em que vive o protagonista, adentraremos na diegese, em busca não só dos efeitos, mas, sobretudo, das possíveis razões que tornam o martírio gozoso. O conto, ambientado no período da Inquisição, apresenta-nos a um sujeito preso em poço, solitário, atormentado por um pêndulo, com uma lâmina cortante em sua base. Ao descer paulatinamente, busca o corpo de seu hóspede, no imperativo claro de esquartejá-lo. Para tanto, utilizaremos, como aporte teórico, textos seminais freudianos que dialoguem sobre a angústia, a compulsão à repetição, os sonhos e o fantástico no arcabouço psíquico do sujeito, como: *O infamiliar* (1919), *Inibição, sintoma e angústia* (1926), *A interpretação dos sonhos* (1900) e, como texto complementar, *Introdução à literatura fantástica* (1980), de Tzvetan Todorov. * Orientação: Hermano de França Rodrigues (UFPB).

Palavras-chave: textos góticos, narrativas de horror, fantástico, psicanálise.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

O regionalismo gótico de Coelho Neto

Gustavo Krieger Vazquez
Doutorando – UFPR

Com uma nova edição de seu romance *Esfinge* (ed. Legatus), e com dois contos seus presentes na coletânea *Medo imortal* (ed. Darkside), Coelho Neto tem sido atualmente reconhecido como um dos fundadores do gótico brasileiro. O estilo está presente não apenas em obras suas situadas em ambiente urbano, caso dos exemplos acima; mesmo seu clássico *Sertão* (1895) pode ser revisto se pensarmos nele como uma obra não somente regionalista, mas também gótica: temos contos sobre um morto-vivo (“Praga”), uma bruxa (“O enterro”), uma casa, metonímia de família, chegando ao seu fim (“A tapera”), fantasmas (“Mandovi”) e necrofilia (“Os velhos”), características marcantes do estilo. Mortos-vivos também estão presentes em “Assombramento” e “Segundas núpcias”, do livro regionalista *Treva* (1906). O autor maranhense, nos contos regionalistas acima mencionados, utiliza o horror para retratar de forma pungente o fim catártico de relações — homens e mulheres escravizados, filhos, esposas e maridos que, quando creem ter escapado de relações disfuncionais e abusivas, veem-se frente a frente com algum ser ou evento sobrenatural. Utilizamos, como fundamento teórico, a obra *Gothic*, de Fred Botting, buscando defender a ideia de que Coelho Neto fez parte tanto de uma cadeia mundial da literatura gótica, quanto do rico regionalismo gótico brasileiro que remonta a “A dança dos ossos”, de Bernardo Guimarães, passando posteriormente por “Bocatorta”, de Monteiro Lobato, e também por “A virgem santíssima do quarto de Joana” e “O Caso Inexplicável da Orelha de Lolô” de Bernardo Élis. A comunicação que apresentaremos é parte de uma tese de doutorado em Literatura sendo realizada de forma mais abrangente sobre a obra de Coelho Neto.

Palavras-chave: Coelho Neto, regionalismo, gótico, *Belle Époque*, literatura brasileira.

Eixo temático: O gótico rural.

A presença do fantástico no conto africano “O homem e o crocodilo”, de Amadou Hampâté Bâ

Helenice Christina Lima Silva
Doutoranda em Estudos da Linguagem – UFG Regional Catalão

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar marcas que compõem o fantástico e as suas vertentes, atentando-se a detalhes do insólito no conto africano “O homem e o crocodilo”, de Amadou Hampâté Bâ (1900-1991). Escritor maliano, memorialista por excelência, dedicou grande parte da vida a coletar essas narrativas orais tradicionais e trazê-las para o conhecimento de leitores e leitoras ocidentais. No que tange à concepção tradicional, os contos africanos remetem a acontecimentos imaginários e fantásticos, diretamente relacionados a experiências concretas da comunidade local. Em sua coletânea *Il n’ y a pas de petite querelle* (1999), na qual o conto está inserido, o autor difunde essas narrativas regadas de sátiras morais e sociais, levando à reflexão sobre as relações humanas. Para análise do referido conto, tem-se como aporte teórico Tzvetan Todorov (1992, 2013), Irleamar Chiampi (2015), Alejo Carpentier (1949), dentre outros autores que abordam o fantástico e as suas interfaces e como essas marcas aparecem representadas no conto selecionado.

Palavras-chave: contos africanos, fantástico, Amadou Hampâté Bâ.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

O fantástico e a metaficção em *A lenda da meia-noite* (1874), de Pinheiro Chagas

Jean Carlos Carniel

Doutorando em Teoria e Estudos Literários – UNESP/IBILCE/CNPq

Objetiva-se, com esta intervenção, ressaltar a contribuição de Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895) para a literatura fantástica portuguesa do século XIX. Apesar de ser tradicionalmente lembrado como um autor de romances históricos, ele também escreveu contos fantásticos, que foram reunidos em *A lenda da meia-noite* (1874). Nessa coletânea, Pinheiro Chagas demonstra um vasto conhecimento da literatura gótica e fantástica e une cinco contos em uma narrativa-moldura. Ao utilizar esse procedimento, Pinheiro Chagas também insere o fantástico como um tema central, pois o conceito de fantástico é discutido pelas personagens ao longo da narrativa. Dessa forma, o fantástico, em *A lenda da meia-noite*, recebe um tratamento metaficcional. Portanto, por meio da análise interpretativa, objetiva-se compreender qual seria a importância da narrativa-moldura em *A lenda da meia-noite* e como ela se articula com o fantástico e o gótico. Para isso, como fundamentação, são utilizadas as considerações de teóricos diversos, como Tzvetan Todorov (2014) e Remo Ceserani (2006).

Palavras-chave: fantástico, narrativa-moldura, *A lenda da meia-noite*, Pinheiro Chagas.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

***Christabel* (2018): a relação entre o gótico e o cinema brasileiro de horror contemporâneo**

Jéssica Patrícia Soares
Mestranda em Comunicação – PPGCOM/UFRGS

Inspirado no poema homônimo inacabado escrito no século XVIII pelo britânico Samuel Taylor Coleridge, *Christabel* (2018) é um longa-metragem brasileiro dirigido por Alex Levy-Heller, que acompanha o cotidiano de uma jovem que vive com o pai em uma pequena fazenda no interior do cerrado goiano. A pacata estrutura familiar, baseada em conservadorismos religiosos e patriarcais, é rompida com o aparecimento de Geraldine, personagem que surge na escuridão da noite, alegando ter sido atacada por homens e clamando que Christabel a ajude. A protagonista acolhe Geraldine em sua casa, e o longa desenvolve-se em torno da amizade de ambas e das rupturas que tal convivência provoca, especialmente para a inexperiente e inocente Christabel. Este projeto propõe analisar o diálogo entre o poema de S.T. Coleridge com o gótico brasileiro através de uma obra fílmica, uma vez que o filme recupera aspectos do poema original, todavia, sua adaptação ocorre de modo a acionar paisagens e temáticas brasileiras, permitindo que a história adquira uma forma própria. Neste contexto, a obra fílmica substitui os castelos e mansões labirínticas, tradicionais na literatura gótica, para uma humilde casa de alvenaria, cercada por varais de roupas e caminhos de terra batida. A monstruosidade, característico ao gótico, apresenta-se no filme através da personagem Geraldine, uma vampira, que ameaça as dinâmicas interpessoais e costumes do restrito núcleo familiar. A amizade entre as mulheres embaralha a devoção religiosa de Christabel, a rígida relação entre pai e filha, assim como aflora a sexualidade da jovem protagonista, temas marcantes no poema e no filme, e que serão analisados à luz de autores como Fernando Monteiro de Barros (2020; 2014), Júlio França (2017; 2016), Mary Douglas (2014) e Daniel Serravalle de Sá (2010).

Palavras-chave: cinema de horror, cinema brasileiro, gótico brasileiro.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

Os espaços de Shirley Jackson: deslocamentos femininos nas obras *The Daemon Lover* e *The Villager*

Jéssica Paula Szewczyk Garcia
Graduanda – UFRGS

O presente trabalho visa investigar como a autora Shirley Jackson constrói o sentimento de *displacement* (deslocamento) de suas personagens dentro de sua obra, tendo como exemplo dois de seus contos: *The Daemon Lover* e *The Villager*, ambos presentes no seu livro *The Lottery and Other Stories* (1949). No primeiro conto, a personagem principal aguarda o horário marcado em que seu amado, James Harris, iria até sua casa para os dois pudessem se casar e iniciar sua vida juntos. James não aparece e ela decide procurá-lo. É nesse deslocamento físico que começamos a perceber o *displacement* presente nela. Já em *The Villager*, Hilda Clarence está visitando um dos apartamentos do complexo *Villager* e o encontro com um objeto particular a faz ter memórias do passado e de uma vida que ela deixou para trás. Os pontos de análise para compreender como Jackson desperta esse sentimento de deslocamento nas personagens serão dados principalmente a partir da relação que as personagens mantêm com o ambiente ao seu redor e como a sua mudança influencia suas atitudes e sentimentos. Como apoio teórico serão utilizados textos dos autores Bachelard (1993), Cohen (2012), Franklin (2017) e Freud (1987). * Orientação: Claudio Vescia Zanini (UFRGS).

Palavras-chave: Shirley Jackson, *displacement*, *The Daemon Lover*, *The Villager*.

Eixo temático: Mulheres na literatura gótica.

A inexorabilidade do medo cósmico: *Revival*, de Stephen King, e a promessa irrealizável do sublime

João Pedro Bellas
Doutorando – UFF

Os estudos dedicados ao gótico e às literaturas do medo, em geral, costumam apontar para uma centralidade do sublime para essa vertente da ficção, seja no âmbito mais formal, seja no aspecto mais relacionado aos efeitos de recepção. Além disso, as pesquisas que têm como foco mais especificamente as narrativas de medo cósmico costumam indicar que esse conceito, explorado mais exaustivamente por H. P. Lovecraft, é fundamentado em larga escala no sublime, especialmente no modelo teórico proposto por Edmund Burke. Contudo, alguns críticos como Vivian Ralickas (2007) e Stephen T. Asma (2011) apontam que, embora o criador de Cthulhu faça um uso retórico ostensivo de elementos e ideias tradicionalmente associados ao sublime, a visão de mundo apresentada na ficção de medo cósmico inviabiliza a criação de um efeito sublime. O trabalho que proponho tem o objetivo de retomar essa questão a partir do romance *Revival* (2014), de Stephen King, com vistas a demonstrar que, quando levado às suas últimas consequências, o medo cósmico engendra uma visão de mundo dotada de um pessimismo tão profundo que não resta espaço para nenhuma virada positiva, inviabilizando, neste processo, qualquer possibilidade de uma experiência do sublime.

Palavras-chave: medo cósmico, sublime, pessimismo, narrativa.

Eixo temático: interfaces entre o gótico e a ficção científica.

Do livro para o game: uma análise da ficção científica *Metrô 2033* (2010), de Dmitry Glukhovsky

Jucélia de Oliveira Martins
Doutoranda – UFG/UFCAT

No ano de 2002, o escritor russo Dmitry Glukhovsky publicou no formato online o romance de ficção científica pós-apocalíptica *Metrô 2033* (2010). Devido ao sucesso junto aos leitores, essa obra foi relançada em versão física em 2005, adquirindo notoriedade no seu país de origem e posteriormente em outros locais do mundo. Além disso, rendeu ao autor o *Encouragement Award* de 2007, concedido pela Sociedade Europeia de Ficção Científica. Constatando o potencial da obra literária, em 2010 a empresa ucraniana *4Agames* lançou um jogo eletrônico adaptado a partir da mesma. Tanto no romance como no *game*, a narrativa apresenta uma sociedade ramificada através dos túneis do metrô de Moscou após um holocausto nuclear. Tal acontecimento inviabilizou a sobrevivência dos seres humanos na superfície terrestre, fazendo desta um local propício para o surgimento de criaturas monstruosas. Neste cenário o protagonista deve sobreviver tanto ao ataque dos mutantes, como aos confrontos decorrentes das disputas de poder entre as facções do metrô. O presente estudo visa realizar uma análise comparativa entre o livro e o jogo de videogame, destacando o modo como os elementos da ficção científica (como o ícone da terra devastada, a cidade distópica e a tecnologia como fator de transformação social) e do horror (materializado pela repulsa direcionada as figuras monstruosas e pelo sentimento de medo do desconhecido que permeia a explorações da obscura rede metroviária) foram adaptados das páginas para a tela. Ademais, pretende explorar como as narrativas, objetos de estudo, abordam a questão da identidade e alteridade no que concerne à relação entre humanos e *As sombras* (na versão brasileira do livro) / *Dark Ones* (no jogo). Como suporte teórico, utilizar-se-ão as proposições de pesquisadores e críticos como Asimov (1984), Ginway (2015), Bauman (2008), Carroll (1999), Lovecraft (1987), Hall (2005), Delumeau (2007), dentre outros.

Palavras-chave: literatura russa, ficção científica, videogame, identidade.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico e a ficção científica.

“Os crisântemos”, de Gabriele D’Annunzio: a estetização do horror

Júlia Ferreira Lobão Diniz
Doutoranda – UFRJ

Apesar de ser considerado o representante máximo do decadentismo na Itália, Gabriele D’Annunzio (1863 – 1938) é frequentemente apagado do cânone associado a esse movimento. No entanto, a contribuição literária do autor é tão efetiva que deu origem ao termo *dannunzianesimo* que, segundo Gibellini (1995, p. 5): “designa, há algum tempo, um conjunto de atitudes estilísticas e comportamentais, em cuja raiz está o próprio D’Annunzio e a sua costumeira mistura entre literatura e vida, entre gesto e texto e entre palavra e ação”. Para além da mistura entre vida e obra, o *dannunzianesimo* traz uma série de características comuns à grande parte de seus textos, das quais destaco o colecionismo, o dandismo, o esteticismo, o preciosismo linguístico, o uso da psicologia experimental, o superomismo e a arte totalizante wagneriana. A respeito do esteticismo de D’Annunzio, esta característica encontrará sua melhor representação no debute do autor como romancista, através da obra *O prazer* (1898) – romance este que o consolidará como autor decadentista. Entretanto, anterior à sua estreia romanesca, durante toda a década de 1880, é possível encontrar narrativas decadentistas na prática de D’Annunzio como jornalista – uma atuação vasta e bastante profícua para analisar os mais diversos tipos de experimentação literária. Durante uma brevíssima fase ocorrida no ano de 1887, o autor, sob o pseudônimo de Duque Mínimo, escreveu a coluna *Grotescos e Arabescos* – uma clara homenagem à obra do já falecido Edgar Allan Poe, escrita 50 anos antes – que se apropria de temas como o horror, o misticismo e o insólito. O conto a ser analisado, “Os crisântemos”, pertence à supracitada coletânea e produz um texto híbrido – gótico e decadentista – já que apresenta um *locus horrendus* (AGUIAR E SILVAR, 2009; MENON, 2007) estetizado e, utilizando um slogan do próprio autor, adornado com uma linguagem onde predomina o amor sensual pelas palavras.

Palavras-chave: Gabriele D’Annunzio, *dannunzianesimo*, esteticismo, *locus horrendus*, horror.

Eixo temático: Decadentismo e a literatura gótica.

Fantástico, gótico e ficção científica: perspectivas para o ensino de literatura

Karla Menezes Lopes Niels

Doutora em Literatura – UFF e Professora – SEEDUC-RJ/CEDERJ

O insólito, o sobrenatural, o fantástico sempre povoaram o imaginário humano. Basta nos recordarmos dos mitos e das lendas das mais variadas culturas que procuram explicar a vida, a morte e os eventos da natureza através da fantasia e da magia. Desde tenra idade as crianças são seduzidas por bruxas e princesas, animais personificados e mundos mágicos. Talvez, por isso, a Literatura de cunho mais imaginativo chame mais atenção do público leitor jovem do que a Literatura de cunho mais realista. Ciente disso, é mister (re)pensar a forma de se ensinar, ler e refletir sobre Literatura; o que também significa repensar o cânone, ampliando-o de forma a considerar narrativas de natureza gótica e fantástica que outrora foram esquecidas pela crítica e pela historiografia literária. Dessa maneira, a presente comunicação pretende, a partir de Candido (2017), Todorov (2009) e Cosson (2010, 2018), refletir sobre o ensino de Literatura e apresentar propostas de prática com gêneros que compõem o modo fantástico (FURTADO, 2012; GAMA-KHALIL, 2019).

Palavras-chave: Fantástico, gótico, ficção científica, ensino de literatura, letramento literário.

Eixo temático: O gótico na escola e em projetos de ensino de literatura e língua.

Deusas, santas e monstros: o feminino terrível em *Fronteira*, de Cornélio Penna

Lais Alves
Mestranda – UERJ/CAPES

Esta proposta de comunicação pretende analisar as características monstruosas de Maria Santa, protagonista de *Fronteira* (1935), primeiro romance do escritor petropolitano Cornélio Penna (1896-1958), e incluí-la na figuração de um feminino terrível – uma categoria de mulher capaz de provocar temor e veneração a um só tempo. Tal monstruosidade situa-se no perfil ambíguo da personagem, que, embora seja imbuída de elementos hieráticos, também manifesta uma face assustadora e sexual. O temor causado por Maria provém da imprevisibilidade de sua natureza e da impossibilidade de total controle sobre ela. Para atingir os objetivos mencionados, dividi meu trabalho em duas partes: em um primeiro momento, valho-me dos estudos de Camille Paglia (1990), David Gilmore (2011) e Rudolf Otto (2007) para explorar os aspectos hieráticos do perfil da personagem corneliana; em seguida, os trabalhos de Júlio França e Daniel Augusto P. Silva (2015), Jeffrey Jerome Cohen (1996), Margrit Shildrick (2002) e Julia Kristeva (1980) fornecem o aporte teórico para o exame da sexualidade predatória de Maria Santa, que ameaça tanto a retidão masculina quanto a própria santidade da personagem.

Palavras-chave: gótico, feminino terrível, Cornélio Penna, gótico brasileiro.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Erzsébet Báthory: o poder inumano da mulher no século XVI

Laís Cristina Paris
Graduanda – UFRGS

O presente trabalho tem o objetivo de analisar o caso de Erzsébet Báthory, especificamente a relação entre os registros históricos e a visão popular - conforme apontado por Craft (2009) e Melton (2003), de que ela seria uma vampira ou bruxa, contribuindo para que realidade e ficção acerca de Báthory se misturassem até os dias atuais. A partir dessa análise, será proposta uma possível relação entre as lendas e o poder que a personagem exercia na sociedade: sendo esposa de herói de guerra, aristocrata e por muito tempo tomando a frente nos assuntos referentes ao castelo e suas terras, devido à ausência recorrente do marido. Ferrer (2014) servirá de apoio para discutir o poder e a participação das mulheres na vida pública ao longo da história. A caracterização de Báthory como figura de poder também se conecta com a enorme quantidade de homicídios a ela atribuídos, o que lhe rendeu até mesmo o título de “assassina mais prolífica” segundo o site Guinness World Records. *
Orientação: Claudio Vescia Zanini (UFRGS).

Palavras-chave: Erzsébet Báthory, poder, vampirismo, bruxa, *serial killer*.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

A floresta como espaço do medo em *O mensageiro*, de Lois Lowry

Léa Evangelista Persicano
Doutoranda – UFU/CAPES

O mensageiro (2004) é o terceiro volume da quadrilogia utópica-distópica *O doador de memórias* (1993-2012), da escritora norte-americana Lois Lowry (1937), uma obra que engloba traços do modo fantástico, do insólito e do gótico. Nesse volume, a narrativa é marcada pelo espaço da Floresta, compreendida como *locus horribilis* e que também vem a se tornar uma personagem ameaçadora. Uma discussão que, entretanto, perpassa esse texto literário é se esse espaço é por si mesmo ameaçador, ou se essa ameaça não estaria ligada a alguma ilusão do medo. Matty, o protagonista que traz o poder curativo em suas mãos, é um jovem que possui uma aliança secreta com essa Floresta, conhecendo-a muito bem; e, ao contrário de outros habitantes do Vilarejo onde mora, ela se torna perigosa para eles, causando mortes horríveis, estrangulamentos. Essa estabilidade de convivência entre Matty e a Floresta é transformada pelo acontecimento da Feira de Negócios, em que o Negociador (um mercador de almas) estabelece pactos sombrios/demoníacos com membros da comunidade. Assim, nesta comunicação, pretende-se, por meio de uma metodologia descritivo-analítica e bibliográfica, destacar, analisar e compreender a tríade gótica – *locus horribilis*, presença fantasmagórica do passado e personagens monstruosas (FRANÇA, 2017) – como produtora do medo estético nesse objeto de estudo literário. Investigando mais sobre o medo e seu efeito estético, essa proposta baseia-se em autores/as como Jean Delumeau (2009), Yi-fu Tuan (2005), Júlio França (2018), Marisa Martins Gama-Khalil (2018), Aparecido Donizete Rossi (2018), cada um contribuindo a seu modo para a compreensão de um tema tão instigante e tão constitutivo dos sujeitos no mundo.

Palavras-chave: *locus horribilis*, floresta, medo, gótico, *O mensageiro*.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

William Beckford em Portugal: impressões de uma aventura amorosa

Leonardo de Atayde Pereira

Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – USP

Professor de Educação Básica

Luís Augusto Rebelo da Silva (1822 – 1871) foi um autor de destaque dentro da literatura portuguesa de seu tempo. Inspirado pelo historicismo romântico de autores como Alexandre Herculano, Rebelo da Silva desenvolveu uma profícua obra como historiador e ficcionista, além de ter sido notável jornalista e político português. Dentro dos seus contos e romances históricos encontramos interpretações singulares de episódios da História portuguesa que dialogam com uma tradição romântica e gótica veiculada em Portugal através de traduções e romances históricos nacionais de vertente scottiana. Um dos romances escritos por Rebelo da Silva intitulado *Lágrimas e Tesouros*, de 1863, é perpassado por essa atmosfera gótica tanto em sua concepção estética quanto no tema norteador da obra. Nesse romance o autor português narra a visita do autor inglês William Beckford (1760 – 1844) a Portugal, ocorrida em 1787, e que foi descrita pelo autor de *Vathek* (1786) na forma de escritos de viagem. O presente estudo tem como principais objetivos analisar o romance de Rebelo da Silva como uma narrativa de inspiração temática gótica e verificar as interpretações construídas pelo autor em torno da figura do escritor William Beckford, um dos autores basilares do gótico inglês. Como arcabouço teórico e crítico para a realização da pesquisa, serão analisados trabalhos de alguns importantes críticos da literatura romântica portuguesa como Teófilo Braga, José-Augusto França e Carlos Reis, estudos portugueses voltados à análise da formação do romance histórico em Portugal, como da pesquisadora Maria de Fátima Marinho, e produções acadêmicas portuguesas voltadas ao estudo do gótico em Portugal como a pesquisa pioneira de Maria Leonor Machado de Sousa.

Palavras-chave: Rebelo da Silva, gótico português, romantismo, William Beckford.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

A raiz de todo mal: tradição e subversão no Monstro do Pântano, de Alan Moore

Leonardo Poglia Vidal
Doutor em Literaturas de Língua Inglesa – UFRGS

O tema deste estudo, baseado em minha tese de doutorado, é a recriação do personagem Monstro do Pântano, da DC Comics, por Alan Moore. O objeto do trabalho é “The End”, última história do arco intitulado *American Gothic*, publicado entre junho de 1985, em *Swamp Thing* #37, e julho de 1986, em *Swamp Thing* #50. O objetivo é demonstrar como o autor, de forma coerente com sua história e obra, utiliza-se da tradição (tanto da tradição do meio dos quadrinhos como da tradição literária, da jornada heroica, do cinema de horror e do próprio título em que escreve) para construir uma anti-narrativa, uma visão relativizante que mina, propositalmente, as fundações em que erige sua obra: ao desenvolver uma personagem que é, basicamente, um monstro que enfrenta outros monstros (e que eventualmente encara a própria a essência do Mal), Moore faz questão de apontar, repetidamente, os vícios de pensamento de uma visão maniqueísta da realidade. Esse tropo transforma a narrativa, tornando-a a defesa de um tratamento mais elaborado e complexo do gênero de quadrinhos de super-heróis, que acaba por coalescer em uma representação visual dessa proposição, sob a forma de um símbolo *ying* e *yang* – num aceno final à uma atitude menos divisiva. Para tanto, a análise ampara-se na visão de Malinowski (1948 e 1960) do mito como fundação de uma cultura; nas noções do papel do monstro desenvolvidas por Jeffrey Weinstock (2014) e Jeffrey Jerome Cohen (1996); além de análises pertinentes à ficção de Moore em geral – por Green (2013) e Liddo (2009) – e mesmo do próprio Moore (2003), tanto em relação à sua obra em geral quanto em relação ao quadrinho em questão.

Palavras-chave: Alan Moore, Monstro do Pântano, quadrinhos e *graphic novels*, *American Gothic*, heróis e monstros.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Monstruosidade feminina em “A nevrose da cor”, de Júlia Lopes de Almeida

Lucélia Magda Oliveira da Silva
Mestranda – UERJ

As histórias de horror, por meio de metáforas e alegorias, exploram tudo aquilo que não pode ser dito socialmente em uma determinada época. O Gótico Feminino se serviu dessa premissa para abordar temas vinculados às angústias das mulheres, desde a Inglaterra do século XVIII, com Ann Radcliffe, até o Brasil do século XX, com Júlia Lopes de Almeida, por exemplo. Em “A nevrose da cor” (1903), conto aqui escolhido para análise, Júlia Almeida apresenta a princesa egípcia Issira, que possui uma espécie de monomania em relação à cor vermelha, situação que a leva à prática de atos monstruosos. Partindo dos estudos de David Punter sobre o Gótico em *The Literature of Terror* (1996) e da concepção de monstro tecida por Noël Carroll em *A filosofia do horror ou paradoxos do coração* (1999), este trabalho visa, mediante revisão bibliográfica, ratificar a identidade vampírica de Issira, verificando na personagem traços do vampiro tradicional, bem como a utilização da personagem como forma de abordar a temática da sexualidade feminina.

Palavras-chave: literatura brasileira, gótico, gótico feminino, Júlia Lopes de Almeida, monstruosidade.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Machado de Assis e Murilo Rubião: reflexos insólitos

Luciana Morais da Silva
Doutora – UNYLEYA/UERJ

A proposta da presente reflexão é observar as semelhanças e as diferenças na configuração das personagens de Machado de Assis e de Murilo Rubião. As estratégias empregadas por cada um dos autores constituem-se a partir da focalização em duas personagens bastante confusas e causadoras de um conjunto de conflitos no âmbito narrativo. A percepção acerca da irrupção do insólito ficcional e sua manifestação no cerne dessas narrativas colocam em destaque o modo como cada autor estrutura a narrativa a partir de ações de personagens em constante subversão social e pessoal. Incompreendidos e incompreensíveis, perdidos e apartados de uma realidade que os satisfaça, as personagens acabam por sobreviver em seus reflexos. O caminho que orienta o processo comparativo é o da análise das estratégias que compõem as narrativas de cada um dos autores. O percurso teórico-metodológico do presente trabalho é o da leitura e cotejo. A fundamentação teórica está alicerçada, mais especificamente, nas reflexões de David Roas; Rosalva Campra; Filipe Furtado e Tzvetan Todorov. A leitura pretendida deriva ainda de um desejo de aprofundar a comparação entre Murilo Rubião e o autor que influenciou seu processo construtivo, Machado de Assis.

Palavras-chave: personagem, ficção, narrativa, insólito.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Os espaços do gótico em “La Morte amoureuse” (1836), conto fantástico de Théophile Gautier

Luísa Freire
Graduanda – FURG

Laís Marx Umpierre
Mestranda – UFRGS

Elaborado no âmbito de um projeto de pesquisa dedicado ao estudo da literatura fantástica francesa do século XIX, este trabalho ocupar-se-á do conto “La Morte amoureuse” (1836), de Théophile Gautier. Nossa análise debruçar-se-á, sobretudo, sobre dois tipos de espaços notadamente representados pela arte e literatura góticas: os espaços religiosos (igrejas, monastérios e presbitérios) e os espaços nobres (castelos e palácios), entendendo-os como propícios aos eventos fantásticos. Para tanto, fundamentar-nos-emos em uma metodologia bibliográfica enfocada no exame de estudos sobre a literatura fantástica e seus pontos de contato com a literatura gótica (CASTEX, 1951; TODOROV, 1970; MALRIEU, 1992; LABBÉ e MILLET, 2005), que permitem investigar a maneira através da qual o espaço gótico contribui na instauração da atmosfera fantástica em “La Morte amoureuse”. Enquanto o primeiro gênero é marcado pelo excesso e pela explicitação de seus motivos e temas, o fantástico é caracterizado pela ambiguidade e pela incerteza. Partindo-se desta premissa, assinalar-se-á que o diálogo entre elementos a priori diversos é reverberado no conto pela presença de dicotomias, como dia/noite, realidade/sonho, castidade/luxúria, sagrado/profano e vida/morte. Destacar-se-á, finalmente, que o inexplicável fenômeno fantástico (CASTEX, 1951) manifesta-se em “La Morte amoureuse”, dentre outros aspectos, através das importantes relações entre os espaços físicos e psicológicos representados na narrativa, comportando desde elementos íntimos e interiores até as construções arquitetônicas onde se desenrolam os acontecimentos.

Palavras-chave: espaço, gótico, fantástico, literatura francesa, “La Morte amoureuse”.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Vítimas e monstros: como *Penny Dreadful* reinventa as personagens femininas em *Drácula*

Luísa Gappo Lacombe
Mestranda – PPGL/UERJ

Como conceito, o monstro é dotado de uma forte tendência à transformação e à renovação. Para Jeffrey Cohen, isto está ligado ao seu caráter cultural. Em seus sete postulados sobre os monstros, Cohen afirma que esta instabilidade permite que sejam destruídos e constantemente renascidos, assumindo novos significados. “Ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido — para nascer outra vez.” (COHEN, 2000, p. 27). Entre os exemplos que Cohen traz, está o vampiro, presente em diversas narrativas desde o fim do século XIX, como, por exemplo, o romance *Drácula* (1897), de Bram Stoker. Adaptada para diversos filmes e programas de televisão, a história do conde foi revisitada recentemente no seriado *Penny Dreadful* (2014). A produção adapta diversos romances góticos, como *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, e *O Retrato de Dorian Gray* (1891), de Oscar Wilde, mas tem *Drácula* como sua referência principal, trazendo o vampiro como vilão da série. Sua principal vítima é Vanessa Ives, uma mulher com características tão monstruosas quanto as suas. Ao estabelecer o confronto entre *Drácula* e Vanessa, a série permite uma nova visão sobre o papel das personagens femininas em uma narrativa sobre monstros. Esta comunicação buscará compreender de que forma *Penny Dreadful* permite essa reinvenção, através de uma comparação entre o papel de Vanessa na narrativa e o de Mina Harker, a personagem feminina principal do romance de Bram Stoker. Para estabelecer um conceito de monstro, utilizaremos as já citadas teses de Jeffrey Cohen, ao lado do panorama histórico de Stephen T. Asma elaborado sobre monstros. Para compreender a relação entre o corpo feminino e monstruosidade, será utilizado o trabalho de Margrit Shildrick.

Palavras-chave: monstro, *Drácula*, *Penny Dreadful*, personagens femininas, séries de televisão.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

A fêmea do monstro: a figura feminina do boto no conto “O que matou João Paca”, de Arthur Engrácio

Maison Antonio dos Anjos Batista
Mestre em Letras e Artes – UEA

O boto, muito comum nas narrativas orais amazônicas e que, com o tempo, passou a figurar também nos gêneros escritos, como os contos, assim como vários seres míticos, não possui ou pouco se registra seu gênero oposto. Exemplo disso são as figuras da Medusa, do Cérbero e do Minotauro, o mesmo se observa nos monstros mais modernos como o monstro de Frankenstein e do vampiro, para este até existe o registro da figura feminina, porém a mais difundida é a masculina. Logo, nota-se que o gênero oposto dos monstros ou não existe ou pouco é explorado, sendo protagonizado ou por um ou pelo outro gênero. Isso também foi percebido nas lendas do boto, pois a figura masculina desse encantado ganhou espaço e se consolidou. Orico acredita que “a lenda do boto, corrente na Amazônia, seja a mesma lenda da lara, que se tornou andrógena” (1975, p. 69). Sendo assim, a figura feminina do boto seria a lara, ser lendário que concorre, em descrição, com as sereias das narrativas dos marinheiros. Por outro lado, em termos de aparência, se distancia do boto. Todavia, Arthur Engrácio, no conto “O que matou João Paca” (1981), apresenta como uma das personagens, a bota. Isso desperta interesse, pois nas narrativas orais a bota tem registro. Por outro lado, nos registros escritos a incidência é quase nula, apesar de já ter aparecido em *O rio comanda a vida* (1973), de Leandro Tocantins. A afirmação da figura de que a bota é monstruosa parte do que afirma Furtado, “O monstro não é necessariamente fantástico, surgindo com maior frequência no estranho ou no maravilhoso” (2017, p. 146). Por isso, propõe-se a analisar a bota do conto já citado, comparando-a com as características do seu equivalente masculino, que pode levar à morte dos humanos com quem tem contato.

Palavras-chave: monstro, bota, feminino.

Eixo temático: Narrativa de monstros, narrativas monstruosas.

Imagem de horror: uma análise a partir de *O pesadelo* e *Saturno*

Marcel Angelo Timon Frias
Mestrando em Artes Visuais – UDESC

O trabalho é parte da dissertação de mestrado, em desenvolvimento sob orientação da Professora Doutora Alice Oliveira Viana. Cujo a apresentação busca discutir a especificidade da imagem de horror, mais precisamente, a concepção de horror elaborada por Noel Carroll em *A Filosofia do Horror* (1990), relacionando-a com a imagem como sintoma e com a noção de monstrosidade. Assim, a partir da reflexão de autores como Didi-Huberman e Jacques Rancière, em relação à concepção da imagem como sintoma e, também, da tese da monstrosidade enquanto sintoma de Jeffrey J. Cohen, busco abordar a especificidade da imagem de horror, que se tornará mais expressiva a partir do surgimento da estética como ramificação da poética e com o surgimento da literatura gótica. A comunicação se orienta pelas seguintes perguntas: é possível pensar o Horror Artístico como um gênero também das artes visuais? E, se sim, o que garante a especificidade e independência de artes como a literatura e cinema no que diz respeito ao horror? Para tal, serão analisados os quadros *O Pesadelo* (1781) de Johann Heinrich Füssli e *Saturno* (1820) de Francisco de Goya. Com base em Warburg, proponho a análise das imagens de forma exploratória, buscando compor constelações de sentido. Ademais, entendo que a imagem deve ser pensada como um objeto de temporalidade complexa, onde se entrecruzam diversas tradições e temporalidades diferentes, o que constitui a imagem como um processo de caráter anacrônico. Como resultado, o trabalho apresentará a proposta de um atlas visual, com o intuito de explorar suas possíveis movimentações, ou seja, o modo como se manifestam em nosso imaginário - dentro da concepção warburguiana. Cumpre salientar que o plano de desenvolvimento do atlas em questão não se limita a um recorte histórico restrito, mas sim por meio de relações que partem das obras aqui selecionadas e da problemática da especificidade da imagem de horror.

Palavras-chave: horror, história da arte, sintoma, monstrosidade.

Eixo temático: O gótico em outras artes: música, dança, artes plásticas.

O fantástico realista de Barbey d'Aurevilly: uma breve leitura de *Une vieille maîtresse* [Uma antiga amante]

Maria Clara Ferreira Guimarães Menezes
Mestranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada – UFMG

Ao analisar seu romance *L'ensorcelée* [A Enfeitiçada], de 1852, Barbey d'Aurevilly, autor francês assombrado por Lord Byron, confessa ao amigo Trébutien haver ali um “fantástico novo, sinistra e corajosamente sobrenatural, — pois vê-se que o autor acredita nele sem meias palavras, e sem falsa modéstia, — fantástico que não é de forma alguma aquele de Hoffmann, ou o de Goethe, nem aquele de Lewis ou de Ann Radcliffe”. O autor reforça um traço notável desde *Une vieille maîtresse* [Uma antiga amante], de 1851: o de arrancar da vida ordinária dos homens, tanto quanto possível, os fatos extraordinários, tão extraordinários quanto capazes de encarnar uma existência palpável e real do fantástico. Como observa Philippe Sellier na introdução às *Obras completas de d'Aurevilly*: “De *Une vieille maîtresse* [Uma antiga amante] às *Diaboliques* [Diabólicas] reina, não a verossimilhança média, mas uma ampla categoria da verdade: o excepcional, o raro, o imprevisível. A história real dos homens formiga de eventos inacreditáveis, de coincidências desastrosas, de crimes imprevistos. De crimes, sobretudo, pois a corrupção parece mais inventiva que a bondade”. Uma tal abordagem concorda com as análises de Roger Caillois, que considera o fantástico como ruptura da ordem estabelecida, colocando-o sob o signo da impostura e do inadmissível. Nesse contexto, o presente trabalho propõe, a partir das análises de Philippe Sellier, Roger Caillois e Irène Bessièrre sobre o fantástico, uma leitura do romance *Une vieille maîtresse* [Uma antiga amante] (1851). Busca-se, enfim, analisar como Barbey d'Aurevilly materializa e torna factíveis a cética sociedade do final do século XIX, a existência de criaturas satânicas, súcubus, bruxas e pactos demoníaco sem, entretanto, apelar necessariamente ao sobrenatural, desenvolvendo, assim, para além de um realismo fantástico, um fantástico realista, fortemente ancorado no real, mas que não se torna escravo da verossimilhança.

Palavras-chave: Barbey d'Aurevilly, fantástico, insólito, diabolismo, *Une vieille maîtresse*.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Perversidade e sublimidade: a literatura gótica de Edgar Allan Poe, em “The imp of the perverse”

Mariana Henrique da Silva
Mestranda em Filosofia – UNIFESP

Essa comunicação tem como objetivo compreender o pensamento de Edgar Allan Poe sobre a perversidade e analisar as correspondências com o conceito de sublime, presentes no conto “The imp of the perverse” (1845). Poe bebeu da fonte da literatura gótica inglesa e alemã do século XVIII; como o sublime burkeano conversa intimamente com o gótico é possível encontrar alguns de seus elementos nos escritos de Poe. A escolha lexical voltada ao sublime corrobora com o efeito estético de sua literatura. A sublimidade está presente, inclusive, em descrições da noção de perversidade, que é a reflexão inserida em “The imp of the perverse”. Como esse não é o único conto no qual o autor comenta sobre esse impulso, então, ao traçar paralelos com “The black cat” (1843), podemos obter melhor entendimento sobre ele. Portanto, a análise da noção de perversidade e dos aspectos do sublime auxiliará na interpretação do conto “The imp of the perverse”, além de que evidenciará a arquitetura da escrita gótica, de Poe.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe, perversidade, sublime, literatura gótica, efeito estético.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

Cuidando dos monstros do antropoceno: novas perspectivas para outros futuros possíveis em *Borne*, de Jeff Vandermeer

Marina Pereira Penteado
Doutoranda – UFF

Este artigo propõe uma análise do romance pós-apocalíptico *Borne* (2017), de Jeff VanderMeer, a partir de uma discussão sobre a ficção climática contemporânea – também chamada de *cli-fi* – e suas relações com as teorias recentes sobre Antropoceno, principalmente as que lidam com monstruosidade e com a criação de possibilidades de vida em meio às ruínas. A partir de uma narrativa sobre um mundo devastado e controlado por uma corporação já praticamente falida, *Borne* conta a história de uma imigrante, Rachel, e de uma criação biogenética monstruosa encontrada por ela. O presente trabalho busca discutir as relações entre protagonista e criatura a fim de compreender como as possibilidades humanas e não humanas de companhia e de afeto podem ser percebidas como uma forma de resistência para criações de outros futuros possíveis. A análise será feita a partir de estudos que exploram monstruosidade (ASMA, 2009; SKAL, 2001; POOLE, 2011) e monstros do Antropoceno (LATOURE, 2011, 2014; HARAWAY, 2004, 2016; TSING, 2015, 2017).

Palavras-chave: distopia, *cli-fi*, Antropoceno, monstruosidade.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico e a ficção científica.

Gótico e Lúcio Cardoso: um percurso pelas novelas do autor

Marina Sena

Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada – UERJ

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os resultados de minha tese de doutorado que investigou a presença de elementos góticos – como o passado fantasmagórico, o *locus horribilis* e a personagem monstruosa – nas novelas escritas por Lúcio Cardoso. A hipótese de trabalho é a de que Lúcio Cardoso utilizou-se amplamente de procedimentos característicos do Gótico em suas obras ficcionais. Pretende-se, assim, identificar e descrever os elementos da poética gótica presentes na obra cardosiana, muitos dos quais já foram reconhecidos, mas de modo assistemático, pelos estudos literários brasileiros. Como fundamento teórico para as análises críticas da poética gótica, partirei dos trabalhos de David Punter (1996), Fred Botting (1996), Jeffrey Cohen (2000), David Stevens (2000), Nick Groom (2012) e Júlio França (2015). Do mesmo modo, os seguintes estudiosos de literatura brasileira, com seus respectivos trabalhos sobre Lúcio Cardoso, serão igualmente esclarecedores: Fernando Monteiro de Barros (2004), Luís Bueno (2006) e Cássia dos Santos (2008).

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, gótico, literatura brasileira.

Eixo temático: O gótico tropical.

A face do fantástico em “A mulher pálida”, de Machado de Assis

Maylah Longo Gonçalves Menezes Esteves
Doutoranda – UNESP/FCLAr

Propomos nessa comunicação a análise do conto “A mulher pálida” do autor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), originalmente publicado no jornal “A estação” em 1881. Propomos que esta narrativa, que dialoga com os preceitos do fantástico oitocentista, seja pensada principalmente à luz dos preceitos de Tzvetan Todorov em *Introdução à literatura Fantástica* (1970), que apresenta a “hesitação”. Este conceito-chave de Todorov nos norteará pela narrativa machadiana, que traz Máximo, um jovem com bases no romantismo que encontra o amor apenas na morte ou na loucura. Após uma desilusão amorosa, o rapaz planeja vingança e a cumpre. Sem maiores propósitos na vida, se entrega ao ostracismo e à solidão, até a ideia de um novo amor animá-lo. Todavia, a escolhida deveria ser a mulher mais pálida de todas, porém a obsessão do protagonista o adoce e este morre. Objetivamos analisar o fantástico oitocentista da hesitação nessa obra brasileira, além de resgatar no próprio texto a crítica que o autor faz ao romantismo brasileiro. Ademais, é necessário complementar que “A mulher pálida” traz a importância da figura feminina nos contos machadianos, afinal, Máximo é um instrumento passivo de Eulália, seu primeiro amor e, talvez, único em vida. O texto também apresenta um Rio de Janeiro escuro, sombrio e torturante, aspecto do Gótico, usando como base *Gothic* (1996) do pesquisador britânico Fred Botting, na ambientação: grandes castelos substituídos por casas da classe proletária, salões nobres e requintados por apartamentos pequenos, quentes e fechados, além da própria estrutura narratológica que traz o feminino como desencadeador da decadência de Máximo.

Palavras-chave: Machado de Assis, gótico, literatura brasileira.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Topoanálise e mitologia na composição do duplo Gullum: o espelho do espaço de Tolkien

Milena Lourenço da Silva
Mestranda em Estudos da Linguagem – UFG

Como grande obra contemporânea de fantasia, *O Senhor dos Anéis*, escrito por J. R. R. Tolkien entre 1937 e 1949, traz ao leitor a imersão imediata a espaços diversos através da Terra-média, local de moradia e de fronteira do fantástico. Com reminiscências da vasta mitologia analisada por Tolkien junto a uma criada exclusivamente pelo mesmo, à Terra-média também é local de moradia de uma vasta legião de monstros e personagens variados, criados e/ou reinventados nesse âmbito literário. Nos objetivamos com esse trabalho, analisar a composição de uma das figuras mais marcantes da saga: O Gollum, ser que é espelho da duplicidade e assim elemento de fronteira entre o humano e o monstro, numa linearidade de bem e mal que transpassa o meio fantástico teoricamente e geograficamente. Dessa forma, visamos analisar através da topoanálise, os espaços habitados pelo personagem em sua trajetória como elementos indutores na composição de sua característica personalidade, além de referenciar seus atos aos relatos do *doppelgänger*, que embasam muitas obras literárias como *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *O médico e O monstro*, de Robert Louis Stevenson. Em relação ao Duplo, nos atentaremos a averiguar as relações espaciais que refletem o comportamento conflituoso entre a manifestação sobrenatural Gollum/Smeágol, assim como também a relação ser/objeto na qual relacionaremos o Um Anel do poder com a teoria mítica do Kolossós, sendo este também um Duplo do personagem. O trabalho se embasa em pesquisa bibliográfica e tem em sua fundamentação teórica nomes como Michael Staton, J. P. Vernant, Oziris Borges Filho e Cristina Casagrande.

Palavras-chave: Duplo, Gollum, literatura fantástica.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

A metamorfose do eu nos contos de Edgar Allan Poe

Murilo Cavalcante Alves
Doutor em Estudos Literários da FALE – UFAL

Segundo Maria Alves Pereira (2018), o gótico é um gênero da atualidade, pois explora os limites humanos da psicologia, ao se utilizar do excesso como uma maneira de despertar consciências e sensibilidades. Nesse aspecto, Edgar Allan Poe se destaca por seus contos serem bastante representativos dessa estética gótica. Assim, esta comunicação toma como referência seu conto “William Wilson”, dentre outros, cujo processo de fabulação ilustra de modo inequívoco a interseção entre a psicologia e a literatura gótica, já que, de acordo com esta perspectiva, o conto descreve de modo cabal um processo de metamorfose com o fracasso da *individuação* – termo explicitado pela psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875-1961), em que a *persona*, faceta da personalidade do indivíduo voltada para o mundo e através da qual processa a relação com o meio, é assimilada pela *sombra* – faceta “natural” inconsciente do ser humano. Desse modo, a análise do conto objetiva demonstrar como algumas categorias da Psicologia Analítica se prestam a uma interpretação da fabulação, assinalando o pioneirismo do autor em narrativas dessa natureza e identificando projeções biográficas de seu *alter ego* sobre o protagonista da narrativa. Para isso, se debruça sobre as reflexões de Dante Moreira Leite (1977) sobre a relação entre Literatura e Psicologia; a categorização do fantástico de Tzvetan Todorov (2007); alguns aspectos biográficos de Poe, descritos por Júlio Cortázar (2013) e Lúcia Santaella (1989); e todo o contexto teórico da psicologia junguiana explicitado por Anthony Storr (1974) e Frieda Fordham (1978), bem como as reflexões de Jung sobre as relações entre a psicologia e a arte na obra *O espírito na arte e na ciência* (1985).

Palavras-Chave: Edgar Allan Poe, conto, gótico, metamorfose, Psicologia Analítica.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

Horrores (des)aparecidos em “A casa de Adela”, de Mariana Enriquez

Nadege Ferreira Rodrigues Jardim
Mestranda – PPGLit/UFSC/CNPQ

A proposta desse trabalho é analisar a expressão de três elementos do gótico – o passado fantasmagórico, a personagem monstruosa e o *locus horribilis* – em “A casa de Adela”, um dos doze contos que compõem a coletânea *As coisas que perdemos no fogo* (2016), obra da escritora e jornalista Argentina Mariana Enriquez. Como esses elementos se destacam por sua recorrência e importância para a estrutura narrativa e a visão de mundo gótica, o objetivo é contribuir com a reflexão no campo de estudos do gótico, sobretudo acerca do modo de figurar os medos e de expressar os interditos da sociedade Argentina após a ditadura militar (1976-1983). Autora também dos livros *Nuestra parte de noche* (2019), *Los peligros de fumar en la cama* (2009) e *Bajar es lo peor* (1994), Enriquez é considerada uma das ficcionistas mais importantes do que se tem denominado de gótico argentino contemporâneo, o que justifica a escolha do objeto. Serão empregadas para fundamentação da análise proposta nesta comunicação as seguintes obras teóricas: *Gothic* (BOTTING, 1996), *Monster Theory: reading cultures* (COHEN, 1996) e *The Gothic* (PUNTER e BYRON, 2004).

Palavras-chave: gótico, fantasmagórico, *locus horribilis*, Mariana Enriquez.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

O diabo veste rosa: Dolores Umbridge e a monstruosidade

Natália Alves

Mestre em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – UFSC

O objetivo do presente trabalho é abordar as definições e discussões referentes a monstruosidade na saga Harry Potter, de modo a compreender quais características classificariam os personagens como monstros. A ideia de monstro parece estar muito mais relacionada com sua aparência hedionda; no entanto, os monstros também podem ser vistos como um extremo da humanidade. No âmbito moral, as características que envolvem tais criaturas sofrem algumas modificações. A impureza, por exemplo, não é mais visível na forma física do monstro, ela se expressa metaforicamente. De acordo com Alexa Wright, este tipo de monstruosidade não é facilmente acessível ao olhar, ela resiste à representação visual e é mais difícil de categorizar como monstruoso. Na série *Harry Potter*, o monstro estético tende a ser mais discriminado pela sociedade bruxa do que os monstros éticos, porque a aparência é o que em última análise define os limites na negociação da relação entre humanidade e monstruosidade. Neste trabalho, irei analisar a vilã Dolores Umbridge, sua personagem pode ser considerada um monstro em relação a suas práticas ou comportamentos morais e éticos, mas que não é considerada um monstro na sociedade bruxa devido à sua aparência padrão. No entanto, será argumentado aqui que seu comportamento anômalo a coloca na categoria de monstros. Junto com discussões acerca das características estéticas e éticas, temas sobre fronteiras, miscigenação e alteridade foram fundamentais para a análise da personagem e sua relação para com os outros.

Palavras-chave: monstros, ética, Dolores Umbridge, *Harry Potter*.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Uma análise do cientista Crake: *Oryx e Crake* e o papel da classe científica na aniquilação da humanidade

Natália Pacheco Silveira
Graduanda – UFRGS

O presente trabalho visa investigar como a figura de Crake, o cientista responsável pela pandemia mortal em *Oryx and Crake*, é apresentada. A obra, escrita em 2003, narra, a partir da perspectiva de Snowman, um dos sobreviventes da pandemia, como a aniquilação de grande parte da humanidade se deu, e quais as consequências decorrentes disso. Em primeira análise, é possível classificar o personagem Crake como muito próximo da figura popular do *cientista maluco*; todavia, Crake passa por dilemas e é caracterizado de forma a expandir sua personalidade para além do estereótipo. Dessarte, torna-se relevante a análise de sua caracterização, não apenas como um dos principais personagens na obra, mas também como representante da classe científica. Como apoio teórico são utilizados textos dos autores Bouson (2004), Dunlap (2013), Ku (2006) e Snyder (2011) — os quais exploram a narrativa de *Oryx and Crake* a partir de diferentes perspectivas —, para a análise trechos nos quais a figura do cientista esteja evidenciada. À vista disso, a contribuição esperada é a discussão sobre o papel da ciência dentro da narrativa e sua influência na formação e no desenvolvimento de seus personagens, em especial Crake. * Orientação: Sandra Sirangelo Maggio (UFRGS).

Palavras-chave: ficção científica, Margaret Atwood, Crake, *Oryx and Crake*.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico e a ficção científica.

Keziah Mason: a bruxa cientista de H. P. Lovecraft

Nathalia Sorgon Scotuzzi

Doutoranda em Estudos Literários – UNESP/FCLAr/CNPq

A obra do escritor norte-americano H. P. Lovecraft é marcada pelo conteúdo mitológico, parte indissociável de sua escrita, de autoria própria, conhecido como *Cthulhu Mythos*. Essa mitologia autêntica e alienígena possui seus próprios pressupostos, não havendo relações diretas (apesar de poucas vezes aparecerem algumas relações indiretas) com a mitologia cristã, a qual, inclusive, o autor fazia questão de rebaixar em alguns de seus escritos. No conto “Sonhos na casa da bruxa” (1933), entretanto, o autor trabalha com a figura da bruxa sob a perspectiva cristã, sendo essa uma figura constantemente associada ao Diabo e ao cristianismo. Assim, nosso objetivo com essa apresentação é apontar de que forma Lovecraft trabalha essa representação no conto e até que ponto incorpora elementos da mitologia cristã em sua história, abarcando características tanto estereotipadas na personagem quanto elementos inéditos. Para o desenvolvimento da apresentação, baseamo-nos nas teorias de Jean Delumeau, Silvia Federici, Claude Kappler, Sônia Maluf, Alfredo Bronzato da Costa Cruz e Jeffrey Burton Russel.

Palavras-chave: H. P. Lovecraft, bruxa, cristianismo, personagem feminina, Sonhos na casa da bruxa.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

A manifestação do sublime no conto “Wood”, da autora canadense Alice Munro

Oíse de Oliveira Mattos Bazzoli
Doutoranda – UNESP

O objetivo da presente comunicação é refletir sobre a representação do sublime enquanto categoria estética no conto “Wood”, que integra a coletânea *Too Much Happiness* (2009), da escritora canadense contemporânea Alice Munro, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2013, cujos contos, caracterizados pelos finais em aberto, contêm descrições realistas do sudoeste de Ontário, retratando cenas familiares que facilitam a introdução do estranho, do misterioso e do desconhecido. Esta união cria um sentido de ironia e duplicidade de observação em relação a lugares e às pessoas, permitindo que se explore a luta canadense pela busca da identidade nacional. A ambivalência que Munro sente como escritora é uma de suas preocupações pessoais que contribuem para essa profundidade emocional e vivacidade em sua ficção. Algumas de suas melhores histórias expressam sentimentos que provocam questionamentos em qualquer leitor mais sensível e que são, ao mesmo tempo, explorações e descobertas da própria emoção da autora. Para o desenvolvimento deste estudo, apoiamos-nos nas reflexões de Edmund Burke em seu livro *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo* (1993 [1757]), Coral Ann Howells, Northop Frye e outros autores que embasam a crítica literária munroviana para, assim, observar os elementos góticos que atuam na configuração das personagens e cenários de Munro.

Palavras-chave: gótico feminino, sublime, medo, Alice Munro.

Eixo temático: O gótico e o feminino.

Arretado golpe de horror: oralidade e performance em *Maldito Sertão*, de Márcio Benjamin

Oscar Nestarez
Doutorando – FFLCH/USP

A presente comunicação propõe uma análise crítica dos contos “Casa de fazenda” e “Estradinha de barro”, constantes na coletânea *Maldito sertão*, de autoria do potiguar Márcio Benjamin, à luz da oralidade – mais especificamente, na perspectiva do conceito de performance conforme definido por Paul Zumthor. O objetivo é investigar de que forma a corporificação da narrativa literária – que, de acordo com o medievalista e crítico suíço, dá-se por meio de marcações da oralidade no texto, transformando-o em “escrita falada”, aqui fundamentada em regionalismos – contribui para o efeito do horror evidentemente pretendido pelo autor. Também busca-se verificar em que medida tal expediente discursivo confere força à figura dos monstros, presentes em ambas as narrativas e pertencentes ao imaginário sertanejo. Como fundamentação teórica, serão utilizados, além do seminal trabalho *Performance, recepção, leitura*, de Zumthor, estudos do catalão Xavier Aldana Reyes, do estadunidense Noël Carroll e dos brasileiros Luís da Câmara Cascudo e Julio Jeha.

Palavras-chave: horror, oralidade, performance.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

“Androides sonham com ovelhas elétricas?” – um convite à releitura baseado nos conceitos de *homo faber* e *homo pictor*

Osires de Araújo Silva Filho
Mestre em Letras – UFPI

A partir dos conceitos filosóficos de *Homo faber* e *Homo pictor*, a proposta de apresentação de comunicação visa ofertar uma nova perspectiva de leitura sobre a obra de ficção científica “Androides sonham com ovelhas elétricas?”, do autor estadunidense Philip K. Dick. Perceber o romance como espaço de debate em torno de movimentos que defendem o melhoramento humano (Transumanismo) e de correntes contrárias (Bioconservadorismo). Discutir a complexa convivência entre os personagens humanos Normais, humanos Especiais e androides orgânicos, que interpelam o leitor sobre as naturezas tanto dos seres criados em laboratórios quanto dos próprios humanos “autênticos”. Abordar as questões morais em torno dos recursos utilizados pelos caçadores de androides, como o nível de empatia, se satisfatório ou não, e o tipo de memória, se natural ou sintética, para eliminar os humanoides que vivem ilegalmente na Terra. A consecução do trabalho será por meio de pesquisa bibliográfica, com o apoio da fortuna crítica e dos estudos de Benjamin (1987), Bostrom (2016), Buchanan (2011), Candau (2016), Csicsery-Ronay (2008), Eisenberg e Strayer (1987), Ferrando (2013), Izquierdo (2014), Jonas (2004; 2006), Le Goff (2003), Leroi-Gourhan (1983), Teixeira (2009; 2015), Yudkowsky (2008) e Zahn-Waxler (1990). Desta forma, os estudos literários poderiam ser um importante mecanismo em prol de debates bioéticos, culturais, políticos e sociais.

Palavras-chave: ficção científica, literatura e filosofia, transumanismo, *Homo faber*, *Homo pictor*.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico e a ficção científica.

Lestat de Lioncourt: o vampiro edipiano

Patricia Hradec
Doutora em Letras – UPM

A psicanálise freudiana abarca dois conceitos para explicar o amor e o ódio que os filhos nutrem pelos pais, caracterizando-se como um sentimento natural de todos os humanos. Sigmund Freud explicará o “complexo de Electra” e o “complexo de Édipo” em sua obra *A interpretação dos sonhos* (2006 [1900]). O “Complexo de Electra” explica o amor que a filha tem pelo pai, enquanto rivaliza-se com a mãe na disputa desse amor. No entanto, o “Complexo de Édipo” explica o amor que o filho tem pela mãe e o ódio que nutre pelo pai, enquanto rival. Esse segundo complexo, é o que nos interessará, uma vez que Lestat de Lioncourt, o vampiro herói das Crônicas Vampirescas de Anne Rice, se evidencia como um vampiro edipiano. O objetivo dessa comunicação é apontar, dentro do universo gótico dos dois primeiros volumes da saga de Anne Rice, como esse conceito freudiano se manifesta, além de analisar como é o relacionamento de Lestat com seu pai, apresentado na primeira obra, *Interview with the Vampire* (2009 [1976], *Entrevista com o Vampiro*) e no que difere com o de sua mãe, apresentado na segunda obra, *The vampire Lestat* (2014 [1985], *O vampiro Lestat*).

Palavras-chave: Anne Rice, Lestat de Lioncourt, vampiro edipiano.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

O fantasma em *Murther and Walking Spirits*: reflexões sobre o gótico e o pós-colonial

Pedro da Silva Pontes Neto
Mestre – SEDUC/PI

Esta comunicação objetiva observar como o sujeito pós-colonial se expressa e como se dá sua busca por identidade(s) a partir da análise de uma obra do gênero gótico e de seus tropos, mais especificamente o fantasma, no romance *Murther and Walking Spirits* (1992), do canadense Robertson Davies. No romance, Davies apresenta várias facetas do pós-colonialismo: a do canadense nato; a do inglês que, fugido da guerra, vai para o Canadá e, ainda, a do escocês, que imigra em busca de novas oportunidades no novo mundo. Ao perceber o inquietante como algo concernente ao pós-colonialismo e ao gótico, o conceito de *uncanny* pode ser descrito como uma sensação de angústia, ou mesmo terror, de se estar em algum local conhecido, mas não se sentir em casa, situação representada no romance em análise. A fundamentação teórica se baseia na teoria pós-colonial proposta por Homi K. Bhabha (1994); nos estudos sobre o gótico e seus tropos a partir de Eve Kosofsky Sedgwick (1986) e Fred Botting (2014) bem como no conceito freudiano extraído do ensaio “*Uncanny*” (1919), que conecta os estudos pós-coloniais ao gótico.

Palavras-chave: Robertson Davies, pós-colonialismo, gótico, sujeito pós-colonial.

Eixo temático: Gótico pós-colonial / *Post-colonial Gothic*.

Elfos através dos séculos: eco-horror e o monstruoso élfico na poesia em língua inglesa

Rafael Silva Fouto
Doutorando – PPGLit/UFSC/CAPES

Uma das criaturas mais presentes na literatura fantástica atual graças às obras de J. R. R. Tolkien, os elfos nem sempre foram seres benevolentes e altivos dentro da tradição literária em língua inglesa. Dos perigos apresentados pelos *ælfes* listados como monstros em *Beowulf* (escrito entre os séculos VIII-X) e pela doença conhecida como *elf-shot* nos tratados médicos anglo-saxões, até o constante risco de ser raptado para o Outro Mundo élfico, como no caso do Rei Élfico e seu reino invisível em *Sir Orfeo* (século XIV), ou da Rainha Élfica e o pagamento do dízimo ao inferno na forma de vidas humanas em *Tam Lin* (século XVI) e *Thomas the Rhymer* (século XVIII), percebe-se a existência de muitas faces diferentes para esses seres na literatura, muitas vezes assustadoras e inquietantes. Entretanto, um aspecto em comum entre essas várias faces é o medo do encontro com o elfo monstruoso no ambiente selvagem, fora dos limites urbanos da civilização. Considerando esses aspectos, esta comunicação tem por objetivo investigar as raízes dos seres chamados “elfos” e suas presenças na poesia em língua inglesa, traçando uma investigação histórica desde sua aparição inicial em textos anglo-saxões, até suas transformações no imaginário poético ao longo do período medieval e moderno, apoiada principalmente na relação desses seres com a natureza indomada e o medo gerado por esse tipo de ambiente. A discussão baseia-se nos trabalhos de Alaric Hall (2007) e Lynda Taylor (2014) para a análise dos elfos e sua importância na literatura, assim como Stephen Rust e Carter Soles (2014) no que concerne a questão do eco-horror.

Palavras-chave: elfos, literatura inglesa, poesia, monstruoso, eco-horror.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

“Satã vive!”: *O bebê de Rosemary* e o horror no século XXI

Rafaela Arienti Barbieri
Doutoranda – PPGH/UFSC/CNPq

Compreendendo a historicidade do fenômeno relacionado ao Satanismo Religioso e do horror como um gênero cinematográfico que dialoga com medos sociais, o presente trabalho intenciona problematizar algumas releituras do filme *O bebê de Rosemary* (1968), dirigido por Roman Polanski. Lançado em um contexto marcado pela contracultura, novos movimentos religiosos e questionamento das instituições tradicionais, a abordagem de Polanski relativa ao Satanismo, segundo George Case (2016), trouxe a temática para perto de seu público, tornou-o realista e influenciou diversos filmes nas décadas posteriores. No cinema do século XXI, também é possível observar seu impacto em outras produções que são ou dialogam com o gênero de horror, como *American Horror Story: Murder House* (2011), *Devil's Due* (2014), o *remake* dirigido por Agnieszka Holland, *Rosemary's Baby* (2014), *Shelley* (2016), *Mother* (2017), *American Horror Story: Apocalypse* (2018) e *Chilling Adventures of Sabrina* (2018-2020). Destacando o desenvolvimento de grupos Satanistas nos Estados Unidos, como o The Satanic Temple e a Church of Satan, intenciona-se observar criticamente tais produções e compreendê-las em seu contexto social, não deixando de lado o viés da recepção cinematográfica pelos próprios grupos que se autodenominam Satanistas. Em virtude das discussões levantadas e da problematização teórico-metodológica dos filmes de horror, parte-se de Noël Carroll (1999), Douglas Kellner (2001; 1988), Kendall Phillips (2005) e Ruben Van Lwijk (2016).

Palavras-chave: história e cinema, satanismo, horror.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

Canibalismo em *A narrativa de Arthur Gordon Pym of Nantucket*, de Edgar Allan Poe

Raquel Maysa Keller
Doutoranda – PPGLit/UFSC/CAPES

Narrativas de viagem mantêm vínculo com aspectos geográficos e nacionais, entre outras coisas. Estas narrativas não são originais, possuem conexões com narrativas anteriores, são adaptações de outras histórias, histórias que se modificaram através dos tempos e que mostram algum tipo de evidência da narrativa que a antecedeu ou que ocorreu ao mesmo tempo. Se as histórias se repetem, elas têm um valor cultural e mostram as ideologias contidas naquela cultura, valendo a pena investigá-las. Linda Hutcheon (2006) as chama de palimpsestos, ou seja, histórias que sofreram mudanças através dos tempos e que mostram evidência de mudança. Este trabalho considerará o romance *A narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket* (1838), de Edgar Allan Poe, como uma adaptação de outras histórias de canibalismo na América. Utilizará o método jornalístico de pergunta de Hutcheon para a investigação de relato, perguntando o quê, quem, o porquê, como, onde e quando, e principalmente estes dois últimos aspectos. Procura-se saber se o canibalismo presente na narrativa é simplesmente um elemento na história de terror ou também contribui para a construção de uma identidade nacional romântica. Além disso, o trabalho quer traçar possíveis laços com outras narrativas canibais.

Palavras-chave: canibalismo, *A narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket*, Linda Hutcheon.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

As representações monstruosas da pandemia na literatura contemporânea

Rebeca Joicy Pantoja dos Santos
Graduanda – UEA e Professora na Educação Básica

Durante todo o período da história humana o monstro manifestou diferentes naturezas. Na antiguidade clássica ele foi o instrumento dos deuses; na Idade Média personificou o Diabo, por fim, na contemporaneidade ele representou a violência, a fome e a doença. O literato Jeffrey Jerome Cohen (2000), descreve o monstro como um ser que corporifica os medos da sociedade. Assim sendo, é possível afirmar que grande parte dos males sofridos pela humanidade está registrado no corpo monstruoso. Antonio Candido (1995), afirma que a literatura é uma manifestação universal de todos os homens, pois, através dela o ser humano confirma, nega, propõe e denuncia. Ao longo dos séculos, a literatura retratou os grandes acontecimentos históricos, o que possibilitou as gerações posteriores conhecimento sobre a sociedade que vivenciou esses momentos. A pandemia causada pelo COVID-19 é um acontecimento mundial que dificilmente será esquecido, uma vez que suscitou uma série de problemas de ordem sanitária e social. O presente ensaio objetiva verificar como a teoria de Jeffrey Jerome Cohen (2000), sobre os monstros como representações dos temores humanos, se manifesta na atual produção literária do Brasil. Através da análise dos personagens da obra *Criaturas da Noite e outras insanidades*, de Carlos Sombra (2021), a pesquisa buscará resposta para a seguinte questão: Como são representados os monstros produzidos durante a pandemia no Brasil? Fundamentado pelos conceitos de Cohen, Nazário, Jeha e Sontag, este estudo também se propõe a comparar as criaturas da obra de Carlos Sombra com personagens presentes na antologia *Sete monstros brasileiros* (2014) de Bráulio Tavares, contrapondo a representação dessas criaturas antes e durante o período pandêmico.

Palavras-chave: literatura, medo, monstros, pesquisa.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Nas margens do nacionalismo literário: vestígios do gótico na imprensa piauiense oitocentista

Reinaldo Lucas Nobre de Matos
Graduando – UESPI

Natália Gonçalves de Souza Santos
Doutora – UFV

Esta comunicação tem por objetivo apresentar e analisar a presença e a circulação da literatura gótica e seus desdobramentos na imprensa piauiense oitocentista. Para tanto, parte de uma leitura minuciosa dos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e no site Memória do Jornalismo Piauiense, da UFPI. Apesar de corroborar o que afirmam Filho (1972) e Rêgo (2014) acerca do predomínio dos temas políticos nos jornais do Piauí do século XIX, pode-se dizer que nossa pesquisa procura ressaltar vestígios até então ignorados sobre essa vertente literária no estado, revelando outros aspectos dos interesses literários na província. É possível pensar que a presença de uma literatura de matiz gótico foi subestimada em consequência da visão hegemônica do nacionalismo literário brasileiro que, de acordo com França (2017), acabou relegando a um segundo plano as manifestações literárias que dialogavam com o fantástico. Soma-se a isso as construções panorâmicas fornecidas pelas histórias literárias, cujo esquematismo pode ter apagado possíveis expoentes dessa vertente literária no Piauí, onde se carece de estudos acadêmicos que enfoquem a vertente literária aqui discutida. Nesse sentido, a pesquisa de fontes primárias se faz pertinente, a fim de alargar os horizontes sobre o período e de reconstituir preferências estéticas por vezes ignoradas ou incompreendidas.

Palavras-chave: romantismo, gótico, imprensa piauiense, século XIX.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

A influência da cruzada anticomunista e macartismo nos quadrinhos de crime e horror dos anos 1940 e 1950

Rodrigo Cardoso Polatto
Mestrando – UFSC

Com o final da Segunda Guerra Mundial, os quadrinhos de terror e crime se tornaram os gêneros mais populares desta mídia, tomando o lugar das histórias de super-heróis e alcançando números gigantescos de vendas e circulação, principalmente entre crianças e adolescentes. Ao mesmo tempo em que crescia nos EUA, principalmente a partir de 1948, como resultado do início da Guerra Fria, a repressão política interna. Essa repressão marcou profundamente a produção artística do período. O clímax dessa repressão, parte de uma tradição estadunidense de perseguição anticomunista e contra-subversiva, foi o Macartismo dos anos 1950. Este trabalho tem, portanto, como objetivo investigar as relações entre arte e política, ou seja, como o clima de repressão e de perseguição política afetaram as histórias de crime e horror de duas revistas específicas, respectivamente *Crime does not pay* e *Tales from the Crypt* no período do final dos anos 1940 até 1954. A fundamentação teórica deste trabalho parte de Ellen Schrecker para pensar o anticomunismo e Macartismo, na metodologia historiográfica de Jacques Revel para dar conta das variações de escalas, entre o micro e o macro, necessárias para compreender o objetivo proposto, e por fim, para a compreensão das disputas políticas nas revistas em quadrinhos de terror e horror, farei uso da cultura da mídia de Kellner.

Palavras-chave: Macartismo, anti-comunismo, Guerra Fria, quadrinhos de horror.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

Os aspectos do gótico em “O espelho”, de Machado de Assis

Rodrigo Molon de Sousa
Especialista em Língua Portuguesa – SEDUC/SP

O presente trabalho pretende realizar uma leitura do conto “O espelho” (1882), de Machado de Assis, a partir de sua relação com o insólito ficcional, em suas diferentes vertentes, das quais destaca-se o gótico, o fantástico e o grotesco. Para isso, busca-se analisar no conto os aspectos do gótico utilizados por Machado de Assis na construção dessa narrativa, sobretudo, os relacionados a espacialidade, visto que a história de Jacobina se passa em uma propriedade rural decadente, quase que isolada da sociedade e, de certa forma, do mundo real. Em outras palavras, pretende-se destacar como se constrói o *locus horribilis* e se configura as marcas de horror no conto machadiano. Além disso, será destacado o efeito sobrenatural que ocorre com a personagem diante de um espelho, já que a personagem, ao se observar no espelho, não vê sua imagem projetada, pois não se reconhece mais como um sujeito comum. Ao ser nomeado a alferes da guarda nacional, Jacobina ganha uma nova identidade e tal nomeação representa para a personagem uma ascensão social. Escravo dessa nova imagem, Jacobina se transforma em um fantasma, quando não está usando a farda de alferes. A análise proposta toma como referências os estudos relacionados ao gótico de Botting (1996), França (2017a) e Markendorf (2017).

Palavras-chave: Machado de Assis, espacialidade gótica, efeito sobrenatural.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Encontrando Sr. Hyde: um estudo psicanalítico de monstrosidades a partir do abjeto

Rosana Ferrari Pandim Lisboa Teixeira
Mestranda – PPGP/FE/UFG

Priscilla Melo Ribeiro de Lima
Docente e pesquisadora – PPGP/FE/UFG

Esse trabalho se propõe a compreender as monstrosidades a partir do viés teórico da Psicanálise. Objetivou-se, a partir da obra “O médico e o monstro” (1886), de Robert Louis Stevenson, expandir e elucidar as relações entre as monstrosidades e a teoria psicanalítica, considerando a íntima relação da Psicanálise com a arte e, em especial, com a literatura de ficção. Para tanto, partimos de uma perspectiva freudiana de compreensão da sociedade e da civilização como fundadas a partir da exclusão de alguns do pacto civilizatório, relegando-os às margens. As monstrosidades surgem, então, como guardiãs das fronteiras da exclusão, ou seja, como corporificações da diferença, dos temores e dos desejos dos sujeitos e das sociedades. A teorização psicanalítica de Kristeva acerca do abjeto contribuiu para a compreensão das criaturas enquanto seres marginais que sustentam a cultura ao mesmo tempo em que apontam para a fragilidade das normas e do sistema social. Considerando que a abjeção assume formatos diferentes a depender do sistema simbólico em que está inserida, empreendemos uma leitura dos personagens Doutor Jekyll e Sr. Hyde enquanto duplos e representantes não somente do retorno do recalado social vitoriano, como também da irrupção inconsciente que assombrava a Modernidade iluminista.

Palavras-chave: abjeto, O médico e o monstro, gótico, monstrosidades, psicanálise.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

Gótico Afroamericano no romance *Home*, de Toni Morrison

Rosana Ruas Machado Gomes
Doutoranda – UFRGS

Gabriela Pirotti Pereira
Mestranda – UFRGS

Escrito pela autora norte-americana Toni Morrison e publicado em 2012, o romance apresenta a história de Frank e Ycidra Money, dois irmãos que retornam a sua cidade natal de Lotus, na Geórgia, depois de terem passado por diversos episódios traumáticos e racistas ao longo de suas vidas. Este trabalho busca observar e analisar os elementos góticos presentes no livro; particularmente aqueles relacionados à história de Ycidra, sobrevivente de experimentos conduzidos por um médico supremacista branco e posteriormente tratada e cuidada pela comunidade de mulheres negras de Lotus. Esses elementos são discutidos especialmente em sua relação com o subgênero do gótico que Maisha Wester chama de Gótico Afroamericano. A metodologia envolve uma breve apresentação do Gótico Afroamericano e a análise e discussão acerca dos temas góticos presentes em *Home*. Os resultados indicam que Morrison utiliza e subverte alguns tropos do gótico Angloamericano a fim de contestar e criticar as identidades impostas às pessoas negras por escritores góticos brancos, assim oferecendo uma importante revisão do gênero.

Palavras-chave: estudos do gótico, gótico afro-americano, Toni Morrison, trauma pós-colonial.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

Cultura popular japonesa – mangá: as diferentes representações da imagem do yōkai em *YuYu Hakusho*, de Yoshihiro Togashi

Samara Souza da Silva
Doutoranda – PPGLit/UFSC

Ao longo das décadas, mangakás de todas as demografias têm procurado diferentes formas para contar histórias, no entanto, muitas delas somente podem ser decodificadas por um público específico. Quando se tenta resumir a literatura em quadrinhos na escrita acadêmica sobre o discurso da arte visual do mangá, com ênfase na representação da imagem do yōkai, é perceptível a limitação. O termo mangá popularizou-se no início do século XX, através do trabalho de Rakuten Kitazawa. De modo que, ao se refletir sobre a monstrosidade na mitologia japonesa, e especialmente, sobre a representação do yōkai, existem diferentes abordagens que são possíveis de se realizarem. Dentre tantas, propõem-se aqui uma reflexão sobre as diferentes representações da imagem do yōkai, a partir da análise do trabalho de Yoshihiro Togashi, *YuYu Hakusho*, publicado originalmente em 1990. A partir de tais concepções, este trabalho tem como objetivo discutir processos de construção da imagem da figura dos yōkai (classe de criaturas sobrenaturais do folclore japonês), a partir da análise de um mangá *Shōnen* (que, de acordo Luyten (2012), é o quadrinho japonês direcionado para o público adolescente masculino). A escolha do corpus se justifica por estarem atravessados por temas monstruosos e sobrenaturais, em que as personagens Kurama Yōko, Hiei e Toguro são tidos como yōkai das Classes S e A, e os espaços sociais do Makai em que estão inseridos os categorizam como monstros das categorias mais elevadas. Fundamenta-se esta pesquisa nas obras de Michael Dylan Foster, *Pandemonium and Parade: Japanese monster and the Culture of yōkai* (2009), e em Zília Papp, *Traditional monster imagery in Manga, Anime, and Japanese Cinema* (2011), especialmente sobre as imagens dos monstros tradicionais.

Palavras-chave: monstros, yōkai, mangá.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

A casa: espaço de afeto e terror na literatura gótica

Sandra Helena Andrade de Oliveira
Mestra – UFPI/IFPI/Grupo Teorias do Espaço Ficcional/GIELLHI

A literatura nas expressões artísticas sobre o fantástico, o real maravilhoso e o gótico têm proporcionado um debate relevante, sobretudo porque o contexto gótico deixou de ter uma posição marginal e passa a uma legitimação crítica, definida pelo aumento do consumo desse tipo de narrativa. Neste trabalho, discutiu-se as relações do gótico manifestadas no emprego de técnicas de suspenses, horror e efeitos relacionados ao medo. O principal objetivo é analisar o conto “A casa tomada”, de Júlio Cortázar, a partir da espacialidade gótica presente em ações inesperadas das personagens reais e imaginárias. A análise foi feita, por meio de uma leitura crítica e revisão bibliográfica, a partir das contribuições dos teóricos: Aparecido Rossi (2008), Gaston Bachelard (1993), Júlio França (2016), dentre outros. Apreendeu-se que Cortázar traz características da estética gótica estruturadas no enredo, de uma forma que envolve o leitor como se estivesse presenciando os acontecimentos. Portanto, o viés gótico identificado no conto ressalta características e elementos sobrenaturais por meio do efeito do medo, ou da sensação de perigo, tudo isso, é o prenúncio de uma vida que logo foi transformada a partir da fuga dos irmãos tragados e expulsos de sua casa por acontecimentos imaginários.

Palavras-chave: espaço gótico, afeto, terror, “A casa tomada”.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

Elementos góticos em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior

Shirley de Souza Gomes Carreira
Doutora – UERJ

Estudos recentes no âmbito da literatura brasileira vêm demonstrando que a ficção brasileira, diferentemente do que evidenciam os estudos literários dos séculos XIX e XX, apresenta influxos da poética gótica, e, segundo Barros Junior (2014), indica afinidades entre a poética gótica e a prosa cujo enredo se desenvolve em locais interioranos. Para Barros, o legado fantasmagórico e violento de uma sociedade alicerçada no sistema rural e escravocrata constitui o Gótico brasileiro. Muito embora as pesquisas que examinam a influência da poética gótica na literatura brasileira tenham identificado esses traços do romantismo até meados do século XX, é possível detectar em obras recentes características que permitem, ainda que parcialmente, a sua afiliação à estética gótica. O propósito deste trabalho é demonstrar que o romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, incorpora elementos da estética gótica, aproximando-se do conceito de Gótico rural. Para tanto, recorreremos a textos teóricos de Julio França (2017), Fernando Monteiro de Barros Junior (2014) e Maurício César Menon (2007).

Palavras-chave: estética gótica, *Torto arado*, gótico brasileiro.

Eixo temático: Gótico rural.

Jerônimo Monteiro: ficção científica brasileira nos anos 1950

Silvio Tamasso D’Onofrio
Doutor em História Social – USP

Taís Diniz Martins
Bacharel em Letras – FURG

Um dos primeiros autores literários a explorar o tema da ficção científica no Brasil, Jerônimo Monteiro (1908-1970) dirigiu o *Magazine de Ficção Científica*, edição autorizada do norte-americano *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, editado Mercury Press. Sob o selo da Livraria do Globo, a publicação brasileira circulou entre 1970 e 1971, apresentando histórias traduzidas de Isaac Asimov, Julio Verne e outros. Além disso, publicava também autores nacionais e uma seção local de cartas dos leitores. Jornalista, tradutor, contista, novelista, Jerônimo Monteiro tivera, ainda em 1942, um programa radiofônico com “O homem de aço”, uma das primeiras produções nacionais de rádio-teatro, em que ele narrava as aventuras de um robô. Em 1947, Jerônimo Monteiro publicou seu primeiro romance de ficção científica, intitulado *Três meses no século 81*. Entre as várias ações que tiveram sensível repercussão na produção e na disseminação da ficção científica brasileira, em 1958 Jerônimo Monteiro criou a seção “Bravo Mundo Novo”, no jornal santista *A Tribuna*, local onde o autor imprimia contos de ficção científica e propagava também informações gerais em notas sobre o tema. Resultado de um estudo bibliográfico exploratório, subjetivo e indutivo, a comunicação pretende apresentar sumariamente a obra de Jerônimo Monteiro, identificando traços de inovação no gênero e o diálogo entre o fantástico, o gótico e a ficção científica. Além disso, apresentará uma leitura crítica da seção “Bravo Mundo Novo”, graças à pesquisa de campo no acervo de *A Tribuna*, em Santos, no litoral paulista.

Palavras-chave: Jerônimo Monteiro, ficção científica, jornalismo, tradução.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Narrativas lovecraftianas e a construção do horror cósmico

Stefany Pereira Schumacher
Graduanda Letras Inglês – UFSM

O objetivo deste trabalho é propor uma análise do estilo literário dos contos de Howard Phillips Lovecraft através do viés da obra “O Fantástico: procedimentos de construção narrativa em H. P. Lovecraft” do autor Filipe Furtado, publicado em 2017. O enfoque da apresentação será uma explanação de alguns tropos literários e características tipicamente lovecraftianas que definem o gênero de horror cósmico e *weird fiction* através de estudo comparativo dos contos escritos por H.P Lovecraft e da análise crítica proposta pelo livro de Furtado. Além dos contos mais conhecidos como “O Chamado de Cthulhu” (1928), “Nas Montanhas da Loucura” (1936) e “O Horror de Dunwich” (1929), Filipe Furtado faz uma minuciosa investigação dos procedimentos da construção narrativa através de metodologia comparativa e quantitativa no que tange à quantidade dos contos analisados, que compreendem todos os contos publicados por Lovecraft em revistas *pulp* como a *Weird Tales* e coletâneas de obras póstumas. Através da análise de personagens, cenários e temas recorrentes, Furtado propõe uma minuciosa inspeção do processo criativo e conjectura do insólito proposto pelo autor precursor do gênero do horror cósmico, trazendo à tona informações de suma importância não só para estudiosos da literatura como também para entusiastas das obras de H.P Lovecraft. * Orientação: Eneias Farias Tavares (UFSM).

Palavras-chave: H.P Lovecraft, Filipe Furtado, construção narrativa, horror cósmico.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

O gótico em *Providence* (2015), Alan Moore e Jacen Burrows

Stephani C. Neto Nascimento
Graduanda – UNIFESSPA

A presente comunicação visa discutir o gótico na história em quadrinhos *Providence* (2015-2017), de Alan Moore e Jacen Burrows, analisando, especialmente, o personagem Robert Black. *Providence* é uma história em quadrinhos composta por doze livros. A narrativa trata do percurso do jornalista Robert Black, redator do *New York Herald*, que abdica de seu cargo para explorar a Nova Inglaterra. Ele busca informações sobre *Kitab Al-Hikmah Al-Najmiyya* (O Livro da Sabedoria Estrelada), que vai auxiliar na sua pesquisa insólita. A história em quadrinhos retrata o viés do terror por meio de recriação das obras de H.P Lovecraft (1890-1937). Os estudos do gótico são relevantes nesta análise, em especial as teorias dos autores Fred Botting (1963) e Jerrold E. Hogle (1948). Para estudar a linguagem dos quadrinhos em *Providence*, utilizaremos os estudos de Thierry Groensteen (2007), Will Eisner (2015) e Scott McCloud (1960). Assim, o nosso recorte de análise do quadrinho se refere ao capítulo quatro, intitulado “Macacos Brancos”, que relata a passagem de Robert à fazenda dos Wheatleys para conhecer o curandeiro Garland ‘Warlock’ Wheatley e coletar informações sobre a seita Stella Sapiente. Nos diálogos entre os personagens Black e Wheatley, observamos elementos góticos ao longo dos quadrinhos. * Orientação: Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA).

Palavras-Chave: *Providence*, Alan Moore, Jacen Burrows, gótico.

Eixo Temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

***His House* e as diferentes faces do horror**

Tainara Ribeiro Corrêa
Graduanda – UFRGS

A representação de personagens negros e seus diferentes dilemas cotidianos tem sido cada vez mais recorrente no cinema de horror da atualidade. Além de imagens angustiantes que são trazidas à tela, agora vemos uma profundidade psicológica exposta e, ao mesmo tempo, metaforizada por aqueles que carregam um passado marcado pela escravidão. O objetivo deste trabalho é expor uma nova perspectiva do sombrio através do olhar das pessoas negras, assim como debater as diferentes situações vividas pelos povos marginalizados e, da mesma forma, mostrar como o gótico tem sido utilizado para recontar e concretizar novas ideologias dentro das atuais narrativas, como vemos nos estudos de Maisha L.Wester. Para tal, serão analisadas as diferentes nuances dos horrores enfrentados pelo casal protagonista Rial e Bol no filme *His House (O que ficou para trás)*, lançado em 2020 pelo diretor Remi Weekes. O enredo do filme é desenvolvido em torno do casal que se muda do Sudão para um novo país após passarem por uma série de traumas relacionados ao seu antigo lar. Tendo que se adaptar a este novo contexto, os protagonistas sofrem por um passado melancólico, pela adaptação a nova casa e pelos obstáculos que surgem vindo de uma sociedade intolerante e excludente nos arredores de Londres. Servirão de aporte teórico os estudos sobre Diáspora, como os de Stuart Hall; as sensações despertadas no indivíduo negro vivendo em sociedade, vistas nos textos de Grada Kilomba e a perda de identidade retratada por Frantz Fanon. * Orientação: Claudio Vescia Zanini (UFRGS).

Palavras-chave: *His house*, horror, imigração, negritude.

Eixo temático: Gótico pós-colonial.

O monstro social: figurações perversas no cotidiano atroz de Rubem Fonseca

Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães
Mestranda em Filosofia – UFF

O que torna os personagens de Rubem Fonseca monstruosos, já que qualquer um deles poderia estar transitando livre entre nós, visto que não portam nenhum traço horripilante ou sobrenatural exteriormente, ou seja, seus corpos não causam horror ou aversão, e mesmo assim são capazes de provocar medo e danos. O que eles não revelam no exterior de seus corpos, celebram em um íntimo movido pela necessidade insaciável de violência e prazer, oriunda de uma desarmonia, um sentimento de não pertencimento, uma falta que é preenchida com a brutalidade de seus esquemas e atos perversos. Eles vivem alheios aos códigos morais que os rodeiam, e com a falsa sensação de que tudo lhes é permitido. O mal é parte central da natureza deles, os quais têm como único guia moral uma sociedade caótica e perversa, que celebra os instintos mais primitivos e controversos. A cidade é, também, um componente primordial na narrativa de Fonseca, pois ela é o palco onde os personagens executam a violência, ela é a cúmplice dos crimes cometidos. Ao mesmo tempo é o combustível que inflama as perturbações do homem, que cansado de reprimir seus desejos, volta seu ódio contra o outro. Assim, visamos analisar a construção dos personagens monstruosos de Rubem Fonseca, nos contos “Passeio Noturno – parte I e II” (1989) e “O cobrador” (1979), a partir de suas representações na vida cotidiana. Para tanto, nos apoiaremos nos estudos de Julio Jeha (2007), José Gil (2000) e Jeffrey Jerome Cohen (2000) sobre o monstro. Julio França (2013), sobre a literatura do medo. Zygmunt Bauman (2008), a respeito do medo no mundo contemporâneo. E as obras de Michel Foucault (2001) e Elisabeth Roudinesco (2008) que discutem a perversão.

Palavras-chave: monstro, violência, figuração de personagens, Rubem Fonseca.

Eixo temático: Crimes e maldades.

As faces de um crime: um olhar sobre o *ready-made* no conto policial brasileiro

Taynara Leszczynski
Doutoranda em Estudos Literários – UFPR

O presente trabalho tem por objetivo analisar como a técnica *ready-made*, de Duchamp, perpassa o conto policial brasileiro. Assim, a fim de melhor observar esse processo, selecionou-se para a análise os livros *Crimes à moda antiga* (2004), de Valêncio Xavier e *O crime da Galeria de Cristal* (2019), de Boris Fausto. A escolha por tais objetos de estudo deve-se a ambos trazerem textos que se assemelham a contos policiais e, ao mesmo tempo, a relatos de noticiários e que têm publicação recente e com pouco ou nenhum estudo sobre. Além disso, eles são construídos de uma maneira fragmentada e anacrônica, a partir de colagens de diferentes gêneros textuais e imagéticos. Há uma fusão entre a escrita ficcional e a jornalística e o mesmo ocorre com as imagens, visto que ora são trazidas ilustrações, ora fotografias. E essa linha fronteira se acentua quando o leitor toma conhecimento de que todos os contos dos dois livros referem-se a crimes factuais, ocorridos em meados do século XX, no Brasil. Dessa maneira, entendendo o *ready-made* como um processo de retirar o objeto “já-pronto” ou “já-feito” de seu espaço comum e ressignificá-lo pela arte, pensa-o no âmbito da ficção detetivesca. Nesse espaço, ele funciona por meio do recorte de crimes do seu veículo e função originários (jornal/informar) e da sua transposição para a literatura. Vê-se que os autores supracitados utilizam esse fazer artístico como uma estratégia para envolver o seu leitor. Essa “tática” ou “estilo” já é bastante conhecido no contexto cinematográfico, com produções que levam como subtítulo o famigerado pleonasma “baseado em fatos reais” e ainda, de uso mais recente, o *true crime*. Como aporte teórico dessa investigação tem-se: Todorov (1970), Piglia (1986), Bataille (1989), Antelo (1999), Sereno (2010), e Dias (2016).

Palavras-chave: conto policial, crimes, *ready-made*.

Eixo temático: Crimes e maldades.

Interseções entre o gótico e a narrativa criminal em “A quadrilha de Jacob Patacho”, de Inglês de Sousa

Thais Giardinieri Carneiro Martins
Graduanda – FFP/UERJ

Ainda que, na literatura regionalista, abundem histórias que retratam criminosos e seus atos, são poucos os estudos em que podemos ver um diálogo entre essas obras e a tradição de uma literatura de crime de forma mais geral. Tal fato, pode ser justificado por uma noção muito estreita do gênero popularmente conhecido como romance policial, cujo escopo se limitaria às narrativas protagonizadas por detetives. Partindo assim de uma visão mais ampla do gênero que incluía as narrativas protagonizadas por criminosos, é possível desvelar uma sólida tradição dessa literatura no Brasil, tal como defende Pedro Sasse em *As narrativas criminais na literatura brasileira* (2019). Nesse outro lado da literatura de crime, o conforto da literatura detetivesca dá lugar, não raramente, ao medo provocado pelos criminosos e seus atos, e não são poucos os textos regionalistas em que o terror provocado por famigerados bandidos assume um papel central, como mostra Hélder Brinatte Castro no sexto capítulo de *Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)* (2017) e em “O sangue de Judas: sobre a violência em *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), de José Lins Do Rego” (2020). Tendo em conta que a poética gótica se destaca como ferramenta eficaz para a construção de uma atmosfera de medo nessas obras, pretendemos, aqui, dar sequência a essas relações entre crime e medo na literatura regionalista, analisando as interseções entre o Gótico e a narrativa criminal em “A quadrilha de Jacob Patacho”, de Inglês de Sousa. * Orientação: Pedro Sasse (UFF).

Palavras-chave: crime, medo, violência, gótico, narrativa criminal.

Eixo temático: Crimes e maldades.

Figurações do horror e do gótico na protoficção científica de Humberto de Campos

Thalita Ruth Sousa
Mestranda – FAPEMA/UFMA

A incorporação de elementos da ciência atualmente conhecidos como pertencentes à Ficção Científica, bem como a hibridização com outras estéticas como o Fantástico, o Horror e o Gótico, são aspectos distintivos da Protoficção Científica. Literatos brasileiros começaram a escrever narrativas de Protoficção Científica ainda no século XIX, munidos de temáticas e figurações que se entrelaçavam com o científico, mas que também enveredavam pelo metafísico. Eles retrataram as mudanças advindas da Belle Époque Tropical do Rio de Janeiro, que trouxe como parâmetro a vida parisiense e, com isso, as ideologias científicas europeias. Além de ser espelho deste cenário, a literatura de Protoficção Científica ajudou a expor os excessos dessa busca pela racionalidade. Nota-se, em literaturas do início do século XX, a retratação de uma ciência falha, cujos produtos conduzem o ser humano à loucura e revelam a monstruosidade humana. Essa transgressão ética e moral é identificada no conto “Morfina” (1932), do maranhense Humberto de Campos. Ele traz uma morfinômana que tem um caso extraconjugal com o médico que lhe ajuda a obter a droga e, após divorciar-se e ter uma crise de overdose, ela mata o filho e enlouquece. O conto apresenta o entorpecente, que era para ser uma droga benéfica, como agente catalizador da jornada de degradação da assassina. Além disso, o autor utiliza-se de figuras do Horror e do Gótico, como o Cientista Louco, o monstruoso e o insano, para evidenciar aquilo que está além do domínio da ciência. Portanto, a presente pesquisa bibliográfica visa analisar a relação híbrida da Protoficção Científica com o Horror e o Gótico no conto “Morfina” de Humberto de Campos. Para tanto, serão utilizados os postulados críticos e teóricos de Naiara Araújo (2020), Mary Del Priore (2014), Andrew Smith (2007), Alexander Meireles (2008), H. P. Lovecraft (1987) e Jean Delumeau (1993).

Palavras-chave: protoficção científica, literatura maranhense, Humberto de Campos, horror, gótico.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico e a ficção científica.

O detetive metafísico e os demônios do espaço insondado: uma análise dos vínculos metafóricos entre *True Detective* e a *weird fiction*

Ubirajara Lopes da Cunha Junior
Graduando – FFP/UERJ

Como proposto por H. P. Lovecraft em *Horror sobrenatural na literatura* (1927), a *weird fiction* se caracterizaria como um gênero que, afastando-se de uma literatura de medo físico e terreno, exploraria o horror atávico e universal ao desconhecido e as consequências que a extrapolação de certos limites do conhecimento poderia causar. Ainda que geralmente associada ao horror, a *weird fiction* é marcada por uma forte limiaridade, aproximando-a, muitas vezes, de outros gêneros como a ficção científica, a fantasia e a ficção de crime. Um bom exemplo recente dessas interseções se encontraria em *True Detective* (2014), de Nic Pizzolatto, uma série investigativa que abraça o *weird* ao subverter o paradigma realista do gênero criminal, compondo uma atmosfera típica da *weird fiction*, alimentada por símbolos pagãos, rituais macabros e referências a essa tradição – com destaque para *O rei de amarelo*, de Robert W. Chambers. A partir, sobretudo, da ótica desencantada, traumatizada e, por vezes, entorpecida, do detetive Rust Cohle, esse flerte com o sobrenatural, somado ao intenso diálogo com questões filosóficas – em que se destaca o pessimismo, também caro à *weird fiction* –, não descaracteriza a série como ficção de crime, mas alinha-a à recente tradição da *metaphysical detective story* (MERIVALE; SWEENEY, 1999), vertente especialmente propícia para trabalhar as fronteiras do gênero. Propomos, à luz desse duplo enquadramento, analisar como *True Detective* se apropria de elementos tanto da *weird fiction* como da *metaphysical detective story* a fim de melhor explorar um tema central a ambos os gêneros: o medo ao desconhecido e os questionamentos acerca dos limites do saber. * Orientação: Shirley de Souza Gomes Carreira (UERJ).

Palavras-chave: *weird fiction*, limiaridade, ficção de crime, *metaphysical detective*, sobrenaturalidade.

Eixo temático: Crimes e maldades.

Um detetive sobrenatural em ação: os primeiros casos de Jules de Gradin de Seabury Quinn

Vanessa Cianconi
Doutora – UERJ

Weird Tales é uma revista *pulp* com enorme publicação na primeira década do século XX nos Estados Unidos da América lançando nomes internacionalmente conhecidos como H. P. Lovecraft, Robert Bloch, e August Derleth. Curiosamente, Seabury Quinn, um dos autores *pulp* mais famosos de então, caiu no esquecimento no mundo contemporâneo. Criador do detective francês ocultista e sobrenatural Jules de Gradin, Quinn era considerado um contista menor e suas histórias foram marginalizadas por muito tempo pela crítica especializada por serem pouco criativas e muito mercadológicas. Este trabalho pretende desmistificar Quinn, não somente como o criador de um detetive sobrenatural com inegáveis semelhanças com Sherlock Holmes, de Conan Doyle e caguetes à la Hercule Poirot, de Agatha Christie, mas como alguém que, fortemente influenciado pela 1ª Guerra Mundial e suas trincheiras de horror, criou personagens monstruosos que entre os anos de 1925 e de 1933 assombraram a terra desolada estadunidense, reforçando a teoria do historiador W. Scott Poole que a Grande Guerra deu origem ao horror moderno. O significado do monstro (ou se é mesmo possível defini-lo) e da aparição do fantasma em contos como “The Horror on the Links” (1925), “The Tenants of Broussac” (1925) e “The Dead Hand” (1926), trazem à tona o que é a aparição do ser sobrenatural e sua representação: será aqui a viabilidade da teoria do filósofo israelita Freddie Rokkem a respeito da aparição de fantasmas no palco ao apontarem para uma ambivalência do passado concebido como falho e nostálgico, e para o futuro? A aparição do ser sobrenatural, frequentemente, cria uma ligação concreta entre esses passados e futuros e, para ele, contrário à fala de Hamlet, o resto não é silêncio, os mortos voltam para reivindicar, através de palavras, o presente e o futuro.

Palavras-chave: detetive sobrenatural, Seabury Quinn, *Weird Tales*, monstruosidade, guerra.

Eixo temático: Narrativas de monstros, narrativas monstruosas.

A marcação do tempo em “Uma gota” e “O capote” de Dino Buzzati

Vanessa Matiola
Doutoranda – UNESP/FCLAr

Dino Buzzati foi um escritor italiano cuja obra mais conhecida no Brasil é o romance *O deserto dos Tártaros*. Além de romances, Buzzati foi também autor de contos e crônicas, nos quais é possível perceber, com frequência, elementos da literatura fantástica e gótica. Não à toa, dentre os grandes nomes que influenciaram sua escrita figuram Edgar Allan Poe, E. T. A. Hoffmann, Nathaniel Hawthorne, Franz Kafka e Jorge Luis Borges. Consciente disso, Buzzati afirmou que a maior parte de seus escritos talvez pertencesse à literatura fantástica. Alguns dos temas principais de sua obra são a angústia, o passar do tempo, o desconhecido e a morte, que se fazem presentes também em dois contos dos quais trataremos em nossa apresentação: “Uma gota”, que traz a aparição de uma gota que sobe ao invés de cair, e “O capote”, que narra o breve retorno de um jovem soldado à casa. Com essas duas narrativas, pretendemos mostrar como, utilizando procedimentos ligados às literaturas fantástica e gótica, o autor é capaz de representar a passagem do tempo e a aproximação da morte. Como suporte teórico, de nossas reflexões, mencionamos os livros *Gothic*, de Fred Botting (2014), *O fantástico*, de Remo Ceserani (2006) e *A construção do fantástico na narrativa*, de Filipe Furtado (1980), a entrada “Fantástico (Modo)” no E-dicionário de Termos Literários também de Furtado (2009) e os artigos “O horror da textualidade (The horror of textuality)” e “Antes de Otranto: apontamentos para uma pré-história do Gótico na literatura” de Aparecido Donizete Rossi (2017; 2014).

Palavras-chave: literatura gótica, literatura fantástica, literatura italiana, Dino Buzzati.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Uma leitura crítica da obra *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole

Vanessa Nascimento Ramos
Graduanda – UNIFESSPA

A presente comunicação tem como objetivo analisar os personagens Manfredo e Hipólita de *O castelo de Otranto* (1994), de Horace Walpole (1717 - 1797), sob uma perspectiva da psicanálise. A narrativa relata pressões psicológicas a partir dos acontecimentos sobrenaturais ocorridos no castelo. Sendo assim, vivenciaram mecanismos de defesas diante dos contextos insólitos. O estudo tem como base teórica os estudos de Sigmund Freud (1856 - 1939), especialmente das obras “Esboço de psicanálise e outros trabalhos” (1937-1939) e “O eu e o id autobiografia e outros textos” (1923-1925), que nos auxiliarão na compreensão das ações desses personagens na narrativa. Nesse percurso, estudam-se os personagens da obra gótica juntamente com as suas psicopatologias possíveis, as quais serão exemplificadas por meio de alguns recortes do enredo. Nesse sentido, utiliza-se como ferramenta metodológica os estudos do gótico dos seguintes pesquisadores: Luciana Colucci (2020), Botting (2005), Hogle (2002) e Noël Carroll (1999). Ademais, busca-se compreender a importância dos estudos de Freud para o entendimento da literatura gótica, especialmente no trabalho de Horace Walpole. * Orientação: Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA).

Palavras-Chave: psicanálise, *O castelo de Otranto*, Horace Walpole, gótico.

Eixo temático: Gótico e psicanálise.

“O passeio de balão”, ou o fantástico como forma do subjetivo

Vinícius Santos Loureiro
Doutorando em Literaturas Hispânicas – UFRJ

A obra do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899 – 1986), um dos mais proeminentes autores do fantástico no século XX, é atravessada pela tematização de pontos de sua “biografia literária”: os subúrbios de Buenos Aires, a cegueira geneticamente herdada, os volumes que lia na infância, absorto à meia-luz na biblioteca paterna. Uma das ocorrências mais simbólicas é percebida no relato breve “O passeio de balão”. Já nos anos derradeiros de sua velhice, Borges empreende uma breve viagem a bordo de um balão de ar quente. Contudo, há décadas tomado pela cegueira, o autor recorre à memória de uma tradição literária que versou a respeito da viagem de balão: Poe, Verne e Wells. Dessa forma, não apenas a literatura funciona como suporte para o próprio corpo da narrativa, mas há uma inversão clara e digna de nota: a biografia deixa de oferecer matéria para o literário e, em troca, a experiência pessoal só se torna concreta por meio da ficção. O objetivo do presente trabalho será o de refletir a partir dos aspectos mencionados, destacando como a especificidade do relato insólito, caracterizado como o gênero em que “o irreal passa a ser concebido como real, e o real, como possível irrealidade” (ROAS, 2014, p. 32), é fundamental para o tipo de operação ficcional em questão.

Palavras-chave: insólito; literatura argentina; autoficção; teoria do fantástico.

Eixo temático: Interfaces entre o gótico, o insólito e o fantástico.

Entre a loucura e o sobrenatural: a construção de Annie Graham como personagem não confiável em *Hereditário*

Vitor Fernandes
Mestrando – UFRGS

Este trabalho consiste em uma leitura do filme *Hereditário* (2018), escrito e dirigido por Ari Aster, com enfoque no tropo da ambiguidade entre transtorno psiquiátrico e mal sobrenatural. É minha hipótese de trabalho que tal ambiguidade é construída por meio de dois recursos: a neutralização da presença disruptiva e a neutralização da percepção do espectador de que testemunha um evento sobrenatural. É minha hipótese também de que esse efeito é atingido por meio da apresentação de explicações aparentemente lógicas que deslegitimam a experiência da protagonista. Meu objetivo é analisar como tropos associados à insanidade e perturbação são usados na construção da personagem Annie Graham (Toni Collette) para retratá-la como alguém cuja percepção da realidade não é confiável e para desacreditar suas percepções da intrusão do mal sobrenatural no espaço da vida comum por meio de visões de possíveis alucinações, suposto contato por parte de espíritos, quadros preexistentes de transtornos psiquiátricos, luto e trauma. Nesta análise, farei uso de descrições de quadros clínicos de transtorno psicótico pelo DSM-5 e de episódios de surto psicótico breve. Usando teorias vigentes da psicanálise e de estudos do cinema, empregando a obra de Freud, Lacan e Rahimi, pretendo expor como figurações do estranho familiar são inseridas na narrativa por meio de movimentos de câmera e da *mise-en-scène* apresentada. Por fim, para explorar o efeito causado e sua possível intencionalidade por parte do diretor, farei uso de teorias de narratologia que exploram o tema da não confiabilidade, dentre as quais se destaca a obra de Yacobi.

Palavras-chave: figurações do estranho familiar, cinema de horror, representações da loucura, narrativas não confiáveis, *Hereditário*.

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

Hammer films: o protótipo da *final girl* em *Drácula*

Vitor Henrique de Souza
Doutorando – PPGI/UFSC

O objetivo do presente trabalho é abordar as definições e discussões referentes ao subgênero de horror *slasher* no cinema, bem como suas respectivas teorias, dentro de uma ótica que possibilite o posicionamento dos filmes da franquia *Drácula*, produzidos pelos estúdios Hammer entre os anos de 1958 a 1974, em uma linha do tempo onde possam ser vistos como precursores deste subgênero. Por todos os nove filmes da franquia, prevalecem noções que viriam a definir e sedimentar o subgênero *slasher* como um dos mais proeminentes dentro das décadas de 1970 a 1990. Além disso, o conceito da *final girl* será revisitado de modo a indicar sua presença, ainda que de forma primogênita, nos filmes da franquia. Para isso, serão utilizados para embasar a discussão textos que definem o subgênero *slasher* e o arquétipo da *final girl* dentro dos estudos de gênero, como *Her Body, Himself: Gender in the Slasher Film*, de Carol J. Clover, e *The Monstrous-Feminine: Film, Feminism, Psychoanalysis*, de Barbara Creed, além de críticos do cinema de horror como Carlos Clarens e Peter Hutchings.

Palavras-chave: *Drácula*, Hammer Films, *slasher*, *final girl*

Eixo temático: O gótico em narrativas audiovisuais.

***Locus horribilis* em “O décimo terceiro andar”, de Agnaldo Rodrigues da Silva**

Wellington Oliveira de Souza
Doutorando – UNEMAT

Helvio Gomes Moraes Junior
Doutor – UNEMAT

Pouco antes de meados do século XVIII, os *Graveyard poets* (Poetas de cemitério ou Poetas tumulares) vinham difundindo em seus textos elementos e questões que dialogaram com o *Gothic revival* (Revivalismo gótico), movimento arquitetônico que revelou forte afetividade pela cultura medieval, tudo isso no interior racional da Inglaterra daquele período bastante marcado pelo neoclassicismo. As questões levantadas por esses poetas e pelo revivalismo gótico refletiram em *The castle of Otranto* (O castelo de Otranto) (1764-1765), de Horace Walpole, romance seminal para pensarmos o Gótico no plano ficcional. Podemos dizer que a partir dos poetas e de Walpole, precipuamente pelo seu amor pela cultura medieval, vários elementos se tornaram basilares desse gênero/modo, um deles é o espaço, elemento cronotópico que tem se mostrado um ícone indispensável, pois suas características assimétricas, obscuras, monstruosas etc., proporcionam experiências inóspitas de maneira a influenciar as ações das personagens. São lugares antiquados, antigos, primitivos, sempre revestidos por uma atmosfera negativa; eles escondem segredos que assombram os seres ficcionais, seja de maneira física ou psicológica. Com base nessas observações, a presente comunicação toma como *corpus* o conto “O décimo terceiro andar”, que integra o livro *Mente insana* (2008), do escritor Agnaldo Rodrigues da Silva. Nosso objetivo é compreender o espaço diegético desse texto como *locus horribilis* e de que maneira esse elemento interfere nas ações da personagem que nele se movimenta. Para tanto, propomos uma reflexão bibliográfica e respaldada nas discussões realizadas por Fred Botting (1996; 2014), David Punter e Glennis Byron (2004), Júlio França (2015; 2016), Jerrold E. Hogle (2002), Nick Groom (2012), entre outros.

Palavras-chave: gótico ficcional, *locus horribilis*, Agnaldo Rodrigues da Silva, mente insana.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

A influência da tópica gótica dos *loci horribiles* em Eça de Queirós

Xênia Amaral Matos
Doutora e Pesquisadora Independente

O gótico literário legou uma vasta influência, a qual se pronuncia em diferentes graus, a outras artes como o cinema, a moda e a música. Mesmo no âmbito literário, sua influência pode ser “absorvida” por obras que, num primeiro olhar, parecem não se comunicarem com essa estética. Por exemplo, apesar de mais relacionada ao realismo-naturalismo, a escrita de Eça de Queirós também está próxima do gótico, como percebido por Sousa (1979) ao analisar os primeiros escritos queirosianos. Contudo, até mesmo seus romances mais consagrados, como *O crime do Padre Amaro* (1875), *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888), demonstram um profícuo diálogo com gótico na composição de enredo, personagem e espaço, num processo que ocorre através da retomada de *topoi* góticos. Isto é, tais narrativas retomam ideias generalizadas e repetidas (CURTIUS, 2013) encontradas nas principais ficções góticas, renovando-as e adaptando-as ao seu contexto. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar como espaços presentes nos três romances ecianos, tais como o Casarão da Ricoça, o Paraíso e o Ramalhete, entre outros, dialogam com o *topoi* gótico dos *loci horribiles*. Para isso, primeiramente, retoma-se como as narrativas góticas tradicionais formaram a referida tópica, para que, na sequência, seja apresentado como os espaços ecianos aproveitam-se dessas imagens e discursos. Para conceitualizar a noção de *topoi*, teóricos como E. R. Curtius (2013) e R. Barthes e J. Bouttes (1987) serão utilizados, já para as conceitualizações acerca do gótico F. Botting (2014), D. Stevens (2000) e J. França (2017) serão mencionados. Este estudo apresenta parte dos resultados obtidos com a tese de doutoramento “O gótico em Eça de Queirós”, defendida pela autora em 2019 na UFSM.

Palavras-chave: Eça de Queirós, gótico, espaço.

Eixo temático: Abordagens teórico-críticas da ficção gótica.

Análise de *Úrsula*: a voz da mulher e do negro no gótico feminino de Maria Firmina dos Reis

Yolanda Maria da Silva
Doutoranda – PPGLI/UEPB/CAPES

O presente artigo tem como objetivo analisar a performance da voz e a escrita literária como ferramenta de denúncia social da condição degradante do negro e da mulher do século XIX. Utilizando a forma do gênero gótico feminino, Maria Firmina dos Reis escreveu o romance *Úrsula* (2018), considerado o primeiro romance afro-brasileiro e, por meio deste, encontramos a individualidade da mulher e do negro como centro da narrativa. Como arcabouço teórico, discutiremos os pontos que Raymond Williams disserta sobre a história da literatura e da escrita, ou seja, como ambas sempre estiveram ligadas à burguesia, sendo acessível a poucos iniciados na leitura e no acesso ao livro. Todavia, com a Revolução Industrial, o advento da imprensa e a massificação do livro, tornou-se possível o acesso à literatura pelas classes mais pobres, assim, a literatura passou a ser acessível a todos. Apesar do gótico feminino está inserido numa atmosfera de valores burgueses, torna-se a voz da mulher a mais importante na narrativa deste gênero, denunciando as vilanias do patriarcado, como nos exemplos dos livros da rainha do gótico feminino Ann Radcliffe. No contexto brasileiro, Maria Firmina dos Reis usou a forma do gênero gótico feminino não só para denunciar a opressão sofrida pela donzela no espaço dominado pelo patriarcado, mas, indo muito além, acaba por dar voz e salientar a individualidade do negro escravo em um país escravocrata. O gótico feminino, em especial o de Maria Firmina dos Reis, analisado aqui, é antes de tudo uma ferramenta política de denúncia social, saindo do clichê de romance para entretenimento.

Palavras-chave: *Úrsula*, gótico, feminino, voz, performance.

Eixo temático: O gótico e o feminino.